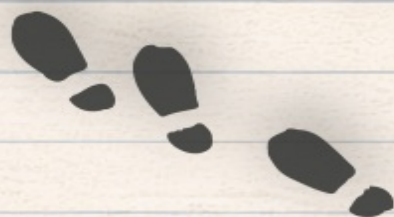


Stuart Gibbs



ESCOLA DE ESPIÕES



Stuart Gibbs

Escola de espiões

Tradução de
Leandro Luigi Del Manto



Sumário

Capa
Folha de Rosto

Agradecimentos

CAPÍTULO I – Recrutamento

CAPÍTULO II – Iniciação

CAPÍTULO III – Confronto

CAPÍTULO IV – Intimidação

CAPÍTULO V – Informação

CAPÍTULO VI – Assassinato

CAPÍTULO VII – Reunião

CAPÍTULO VIII – Divulgação

CAPÍTULO IX – Disseminação

CAPÍTULO X – Ninjas

CAPÍTULO XI – Pacto

CAPÍTULO XII – Guerra

CAPÍTULO XIII – Vigilância

CAPÍTULO XIV – Provação

CAPÍTULO XV – Análise

CAPÍTULO XVI – Infiltração

CAPÍTULO XVII – Evidência

CAPÍTULO XVIII – Segurança

CAPÍTULO XIX – Rapto

CAPÍTULO XX – Personificação

CAPÍTULO XXI – Interrogatório

CAPÍTULO XXII – Emboscada

CAPÍTULO XXIII – Revelação

CAPÍTULO XXIV – Desarmando bomba

CAPÍTULO XXV – Captura

Para minha esposa maravilhosa, Suzanne.

Agradecimentos

Esta é uma história que eu gostaria de ter contado há muito, muito tempo. A ideia de uma escola de espões surgiu durante o recreio, quando eu estava no ensino fundamental, e embora a história em si tenha mudado muito desde então, meu desejo de compartilhá-la continua o mesmo. Portanto, sou imensamente grato a minha maravilhosa agente, Jennifer Joel, e a minha igualmente maravilhosa editora, Courtney Bongiolatti, por tornarem isso possível. Obrigado a ambas. Obrigado, obrigado, obrigado.

De:

Escritório de Investigações Internas da CIA
Quartel-general da CIA
Langley, Virgínia

Para:

[REDACTED]

Diretor de Assuntos Secretos
Casa Branca
Washington, D.C.

Documentos Confidenciais em Anexo
Nível de Segurança AA2
Somente para Seus Olhos

Como parte da investigação em andamento sobre a Operação Texugo Rastejante, as páginas a seguir são resultado da transcrição de 53 horas de depoimentos do Sr. Benjamin Ripley, também conhecido como Cortina de Fumaça, de 12 anos, aluno do primeiro ano da Academia de Espionagem.

A admissão do Sr. Ripley na Academia, embora sem precedentes, foi sancionada pelo [REDACTED] e [REDACTED], diretor da CIA, como parte da operação.

Como a Operação Texugo Rastejante não ocorreu conforme o planejado, devido aos eventos de 20 de fevereiro de 2011 e ao fato de resultar na morte de pelo menos um aluno, esta investigação foi iniciada para determinar com exatidão o que deu errado, por que deu errado e quem deve ser responsabilizado pelo erro.

Após a leitura destes documentos, os mesmos deverão ser destruídos imediatamente, de acordo com a Diretriz de Segurança 163-12A da CIA. Não será tolerada nenhuma discussão sobre estas páginas, exceto durante a análise da investigação, que será realizada [REDACTED]

[REDACTED] Atenção: armas não serão permitidas no local.

Aguardo ansiosamente pelo seu parecer.

[REDACTED]

Diretor de Investigações Internas

Cc:

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

CAPÍTULO I

Recrutamento

*Residência dos Ripley
Estrada do Tordo, 2107
Vienna, Virgínia
16 de janeiro
15:30 horas*

— Olá, Ben — disse o homem na minha sala. — Meu nome é Alexander Hale. Trabalho para a CIA.

E foi assim que, de repente, minha vida ficou interessante.

Porque ela não tinha sido até então. Nem de longe. Foi simplesmente sensacional: dia 4583, sétimo mês do décimo segundo ano da minha existência mundana. Eu me arrastei para fora da cama, tomei café da manhã, fui para o ensino fundamental, fiquei entediado na aula, observei garotas das quais tinha vergonha de me aproximar, almocei, malhei bastante na academia, dormi na aula de matemática, fui importunado por Dirk, o babaca, peguei o ônibus de volta para casa...

E encontrei um homem de *smoking* sentado no sofá.

Não duvidei nem por um instante que ele fosse um espião. Alexander Hale parecia exatamente como sempre imaginei que seria um. Um pouquinho mais velho, talvez por volta dos cinquenta anos, mas ainda gentil e elegante. Tinha uma pequena cicatriz no queixo, de uma bala, supus, ou talvez algo mais exótico, como uma balestra. Havia algo bem James Bond nele; imaginei que talvez tivesse participado de uma perseguição de carro no caminho e eliminado bandidos sem nem suar a camisa.

Meus pais tinham saído. Nunca estavam quando eu voltava da escola. Alexander obviamente tinha “entrado” por conta própria. O álbum de

fotos das nossas férias em família em Virginia Beach estava aberto na mesa de centro em frente a ele.

— Estou encrocado? — perguntei.

— Pelo quê? — Alexander sorriu. — Você nunca fez nada de errado na sua vida. A menos que conte aquela vez que colocou laxante na Pepsi do Dirk Dennett... francamente, aquele garoto estava pedindo por uma lição.

— Como você sabe disso? — Arregalei os olhos surpreso.

— Sou um espião. É meu trabalho saber das coisas. Você tem algo para beber?

— Hã, claro. — Minha mente catalogou rapidamente cada bebida que havia em casa. Embora eu não fizesse a menor ideia do que aquele homem estava fazendo ali, me peguei querendo desesperadamente impressioná-lo. — Meus pais têm bebida de todo tipo. O que você quer? Um Martini?

— Isso não é um filme, garoto — Alexander riu de novo. — Estou trabalhando.

Corei, sentindo-me um idiota.

— Ah, tá. Água?

— Eu estava pensando mais num energético. Algo com eletrólitos, só para o caso de eu precisar entrar em ação. Precisei me livrar de alguns indesejáveis no caminho até aqui.

— Indesejáveis? — Tentei parecer tranquilo, como se tivesse esse tipo de conversa diariamente. — Que tipo de...

— Receio que essa informação seja confidencial.

— Claro. Faz sentido. *Gatorade*?

— Seria ótimo.

Fui para cozinha. Alexander me seguiu.

— A Agência está de olho em você há algum tempo — disse ele.

Parei, surpreso, com a porta da geladeira entreaberta.

— Por quê?

— Para começar, você pediu por isso.

— Eu pedi? Quando?

— Quantas vezes você acessou nosso *site*?

Fiz uma careta, sentindo-me um idiota mais uma vez.

— Setecentas e vinte e oito.

Alexander pareceu um pouquinho intrigado.

— Isso mesmo. Normalmente, você acessa apenas os jogos da página infantil, nos quais, aliás, você se saiu muito bem, mas também tem navegado pelas páginas de empregos e estágios com alguma regularidade. Logo, você considerou uma carreira como espião. E quando você demonstra interesse na CIA, a CIA se interessa por você. — Alexander tirou um envelope grosso de dentro do *smoking* e o colocou no balcão da cozinha. — Ficamos impressionados.

O envelope estava marcado com a inscrição: *Para ser entregue somente em mãos ao Sr. Benjamin Ripley*. Havia três lacres de segurança e precisei de uma faca para abri-lo. Dentro estava um grosso maço de papel. A primeira página continha apenas uma frase: “Destrua estes documentos imediatamente após a leitura”.

A segunda página começava: “Caro Sr. Ripley, é um grande privilégio tê-lo como aluno na Academia de Espionagem da Agência Central de Inteligência, com efeito imediato”...

Larguei a carta, ao mesmo tempo atordoado, empolgado e confuso. A vida toda sonhei em ser espião. E, no entanto...

— Você acha que é brincadeira? — perguntou Alexander, lendo meus pensamentos.

— Bem... sim. Nunca ouvi falar da Academia de Espionagem da CIA.

— Porque é ultrassecreta. Mas garanto que existe. Eu mesmo me formei lá. Uma ótima instituição, dedicada a criar os agentes do amanhã, hoje. Parabéns! — Alexander ergueu seu copo de *Gatorade* e abriu um sorriso radiante.

Brindamos. Ele esperou que eu bebesse um pouco do meu antes de virar o dele, o que imaginei ser um hábito que se adquire após uma vida inteira com pessoas tentando te envenenar.

Olhei meu próprio reflexo no micro-ondas atrás de Alexander, e uma dúvida me invadiu. Não parecia ser possível que ele e eu tivéssemos sido selecionados pela mesma organização. Alexander era bonitão, atlético, sofisticado e descolado. Eu não era. Como poderia ser qualificado para manter segura a democracia no mundo se já tinham roubado meu dinheiro do lanche três vezes só naquela semana?

— Mas como...? — comecei.

— ...você entrou na Academia sem nem se candidatar?

— Hã... sim.

— Inscrições servem apenas para você contar sobre si mesmo à instituição para a qual está se candidatando. A CIA já tem todas as informações de que precisa. — Alexander tirou um pequeno computador de mão do bolso e o consultou. — Por exemplo, você é um aluno nota 10 que fala três idiomas e tem habilidades matemáticas de nível 16.

— O que isso quer dizer?

— Quanto é 98.261 vezes 147?

— 14.444.367 — Nem precisei pensar. Tenho dom para matemática e, por causa disso, uma incrível capacidade de sempre saber exatamente que horas são, embora, durante grande parte da minha vida, não tivesse percebido que isso fosse algo especial. Sempre achei que todo mundo conseguia resolver equações matemáticas complexas de cabeça... ou calcular instantaneamente quantos dias, semanas ou minutos estavam vivos. Eu tinha 3.832 dias de vida quando descobri que não é assim com a maioria das pessoas.

— Isso é nível 16 — disse Alexander, e então olhou para o computador outra vez. — De acordo com nossos arquivos, você também tirou nota máxima nos exames QITP, tem uma forte aptidão para eletrônica e uma quedinha por uma tal Srta. Elizabeth Pasternak, embora, infelizmente, parece que ela nem imagina que você exista.

Eu já havia imaginado isso sobre Elizabeth, mas ainda doía ouvir a confirmação. Ainda mais pela CIA. Então, tentei desviar a atenção.

— Exames de QITP? Não me lembro de ter feito isso.

— Não tem como lembrar-se, não sabia que estava fazendo. Questões Inseridas em Testes Padronizados: QITP. A CIA as coloca em todas as provas para avaliar aptidão potencial para espionagem. Você acerta todas desde o terceiro ano.

— Vocês colocam suas próprias perguntas nas provas? A Secretaria de Educação sabe disso?

— Duvido. Não sabem muita coisa lá na Secretaria de Educação. — Alexander colocou o copo vazio na pia e esfregou as mãos, animado. —

Bem, chega de papo furado. Vamos arrumar as malas, ok? Você tem um resto de tarde agitado pela frente.

— Quer dizer que vamos agora?

Alexander se virou para mim, já na metade do caminho para a escada.

— Você atingiu 99,9% na seção de percepção dos seus QITPS. Que parte de “com efeito imediato” você não entendeu?

Gaguejei um pouco. Ainda havia centenas de perguntas martelando na minha cabeça, competindo entre si para serem respondidas primeiro.

— Eu... hã... bem... Por que estou fazendo as malas? A que distância fica essa Academia?

— Ah, não muito longe. Do outro lado do Potomac, em Washington, D.C. Mas tornar-se espião é um trabalho de tempo integral. Então, todos os alunos são obrigados a morar no *campus*. O treinamento dura seis anos, começando no equivalente ao sétimo ano e indo até o terceiro ano do ensino médio. Você estará no primeiro ano, obviamente.

Com isso, Alexander subiu correndo as escadas em direção ao meu quarto. Quando cheguei lá, vinte segundos depois, ele já havia aberto minha mala e lançava um olhar de desdém para o conteúdo do meu guarda-roupas.

— Nenhum terno decente.

Ele suspirou e depois escolheu alguns suéteres e os jogou na minha cama.

— A Academia tem um calendário diferente das escolas normais? — perguntei.

— Não.

— Então, por que estão me admitindo agora? Estamos no meio do ano letivo. — Apontei para os dez centímetros de neve fresca acumulados no parapeito da minha janela.

Pela primeira vez desde que o conheci, Alexander Hale pareceu ficar sem palavras. Não durou muito. Menos de um segundo. Como se houvesse algo que quisesse dizer; mas não disse.

Em vez disso, apenas me respondeu:

— Surgiu uma vaga.

— Alguém desistiu?

— Foi reprovado. Seu nome era o próximo da lista. Você tem alguma arma?

Pensando melhor agora, percebo que a pergunta foi feita para me distrair do assunto em questão. E funcionou muito bem.

— Hã... Eu tenho um estilingue.

— Estilingues são para esquilos. Não combatemos muitos esquilos na CIA. Eu quis dizer armas de verdade. Revólveres, facas, talvez um par de *nunchakus*...

— Não.

Alexander balançou a cabeça levemente, como se estivesse decepcionado.

— Bem, não importa. O arsenal da escola pode te emprestar alguma. Por ora, acho que isto basta. — Ele puxou minha raquete de tênis velha e empoeirada do fundo do armário e a brandiu como uma espada. — Só para o caso de haver problemas, sabe?

Naquele instante, todo o encontro com ele, que até então tinha sido apenas estranho e emocionante, tornou-se um pouco perturbador também.

— Antes de tomar qualquer decisão importante, talvez eu deva discutir tudo isso com meus pais — eu disse, e Alexander se virou para mim.

— Fora de questão. A existência da Academia é sigilosa. Ninguém deve saber que você está lá. Nem seus pais, nem seus melhores amigos, nem Elizabeth Pasternak. Ninguém. Para eles, você vai frequentar a Academia de Ciências St. Smithen para Meninos e Meninas.

— Uma Academia de Ciências? — Franzì a testa. — Vou treinar para salvar o mundo, mas as pessoas vão achar que sou um idiota.

— Não é mais ou menos isso o que todo mundo pensa de você agora?

Estremeci. Ele sabia muito sobre mim.

— Vão achar que sou um idiota ainda maior.

Alexander se sentou na minha cama e olhou fundo nos meus olhos.

— Ser um agente de elite exige sacrifício — disse ele. — Isso é só o começo. Seu treinamento não será fácil. E se você tiver sucesso, sua vida não será fácil. Muitas pessoas não aguentam. Então, se quiser desistir... sua chance é agora.

Imaginei que fosse um teste final. O último passo no meu recrutamento.

Uma chance de provar que não seria intimidado pela ameaça de trabalho duro e tempos difíceis pela frente.

— Estou dentro — afirmei.

CAPÍTULO II

Iniciação

Academia de Espionagem da cia

Washington, d.c.

16 de janeiro

17:00 horas

A Academia não se parecia em nada com o que eu esperava de uma instituição que ensina espionagem. O que, claro, era o objetivo. Em vez disso, lembrava uma escola preparatória velha e decadente que poderia ter sido popular na Segunda Guerra Mundial, mas que tinha perdido sua graça muito tempo atrás. Ficava localizada num canto igualmente decadente e raramente visitado de Washington, D.C., escondida do mundo por um alto muro de pedra. A única coisa que parecia um pouco suspeita eram os seguranças no portão da frente, mas, levando em conta que a capital do nosso país também é a capital dos assassinatos, segurança extra em torno de uma escola particular não seria de causar alguma surpresa.

Lá dentro, o terreno era surpreendentemente amplo. Havia vastas extensões de gramado que deveriam ser lindas na primavera, embora estivessem soterradas sob trinta centímetros de neve. Além dos prédios, erguia-se uma grande faixa de mata virgem, intocada desde os dias em que nossos antepassados decidiram que um pântano fedorento e infestado de malária nas margens do rio Potomac era o lugar perfeito para construir a capital do nosso país.

Os prédios em si eram feios e góticos, tentando imitar a majestade de lugares como Oxford e Harvard, mas falhando miseravelmente. Embora sustentados por pilares e pontilhados por gárgulas, ainda eram cinzentos e desinteressantes, projetados para que qualquer um que tropeçasse por acidente na Academia de Ciências de St. Smithen virasse as costas e nunca

mais quisesse vê-la outra vez.

Mas, comparado à laje de cimento atarracada onde eu estudava no ensino fundamental, o *campus* era deslumbrante. Cheguei com Alexander em horário nada auspicioso, minutos antes do anoitecer, no auge do inverno. A luz era sombria, o céu plúmbeo, e os prédios envoltos em sombras. Mesmo assim, eu estava entusiasmado. O fato de termos chegado no customizado sedã de luxo de Alexander, com alguns botões extras no painel, aumentou um pouco minha empolgação. (Embora ele tivesse me avisado para manter as mãos longe deles, com medo de que eu acabasse lançando artilharia pesada no trânsito da hora do *rush*).

Meus pais não protestaram muito contra minha saída, pois Alexander os impressionou com sua proposta para a Academia de “Ciências” e garantiu que eu estaria a apenas alguns quilômetros de distância. Mamãe e papai ficaram orgulhosos por eu entrar em uma instituição tão prestigiada — e emocionados por não terem de pagar por isso. (Alexander disse a eles que eu havia ganhado uma bolsa integral e que todas as despesas seriam pagas pelo governo dos EUA). Mesmo assim, ficaram surpresos por eu ter de sair tão rápido — e decepcionados por mamãe não conseguir preparar um jantar de despedida. Ela adorava jantares comemorativos, oferecendo-os por coisas tão banais quanto eu ter sido eleito capitão do time de xadrez da escola, mesmo sendo o único aluno do time. Mas Alexander acalmou a ansiedade deles prometendo que eu poderia voltar para visitá-los em breve. (Quando perguntaram se poderiam me visitar no *campus*, ele garantiu que sim, embora tenha com maestria evitado dizer exatamente quando).

Mike Brezinski não ficou tão entusiasmado com a minha ida. Mike é meu melhor amigo desde o jardim de infância, mas se tivéssemos nos conhecido mais tarde, provavelmente não teríamos feito amizade. Ele tinha se tornado um daqueles alunos descolados e com baixo desempenho que deveriam estar em todas as aulas avançadas, mas preferiam as de recuperação porque não precisavam se esforçar. O ensino fundamental era uma grande piada para ele.

— Você vai pra uma Academia de Ciências? — perguntou quando liguei pra contar a novidade, sem fazer questão de esconder o desgosto. — Por que não tatua “fracassado” na sua testa?

Precisei de todo o meu controle para não contar a verdade. Mais do que qualquer um, Mike teria ficado impressionado com a ideia de eu ter sido selecionado para treinamento pela CIA. Quando crianças, passávamos horas incontáveis reencenando filmes de James Bond no parquinho. Mas eu não podia revelar nada, pois Alexander estava sentado no meu quarto, ouvindo minha ligação, sem alarde. Em vez disso, eu só consegui dizer:

— Não é tão ridículo quanto você pensa.

— Não — respondeu Mike. — Provavelmente é mais ridículo.

Então, quando cheguei à Academia de Espionagem escoltado por um agente federal de verdade, não pude deixar de pensar que, se Mike estivesse lá, sentiria inveja de mim pela primeira vez na vida. O *campus* parecia cheio de promessas, intrigas e entusiasmo.

— Uau — eu disse, com o nariz pressionado contra a janela do carro.

— Isso não é nada — Alexander me disse. — Há muito mais aqui do que parece.

— Como assim?

Alexander não respondeu. Quando me virei para ele, sua expressão confiante havia se anuviado.

— O que houve? — perguntei.

— Não estou vendo nenhum aluno.

— Não estão todos jantando?

— O jantar é só daqui a uma hora. Este período é reservado para esportes, condicionamento físico e treinamento de autodefesa. O *campus* deveria estar lotado de gente agora. — Alexander freou de repente em frente a um prédio de quatro andares com uma placa indicando “Dormitório Armistead”. — Quando eu disser, corra para aquela porta. Eu te dou cobertura. — Havia uma arma no coldre sob sua axila esquerda. Ele a sacou e estendeu a mão para a maçaneta da minha porta.

— Espere! — Num instante, eu havia passado de feliz para apavorado. — Não é mais seguro ficar no carro?

— Quem é o agente aqui? Você ou eu?

— Você.

— Então, corra! — Sem hesitar, Alexander abriu minha porta e praticamente me empurrou para fora.

Caí no chão. O caminho de pedra até o dormitório estava escorregadio por causa da neve derretida e pisoteada por centenas de pares de sapatos. Meus pés escorregaram e derraparam.

Algo estalou ao longe. Uma pequena explosão irrompeu na neve à minha esquerda.

Alguém estava atirando em mim!

Na mesma hora comecei a questionar minha decisão de frequentar a Academia.

Outra série de estalos ecoou no ar frio, desta vez atrás de mim. Alexander estava atirando de volta. Ou, pelo menos, imaginei que sim. Não ousei me virar para olhar, com medo de desperdiçar preciosos milissegundos que poderiam ser mais bem aproveitados se corresse para salvar minha vida.

Uma bala ricocheteou no chão perto dos meus pés.

Atingi a porta do dormitório a toda velocidade. Ela se abriu e eu caí numa pequena área segura. Havia uma segunda porta mais à frente, ao lado de uma cabine de segurança envidraçada, mas a porta estava entreaberta e o vidro estava crivado de três buracos de bala bem definidos e redondos. Passei por ela com dificuldade e me vi em uma sala de estar.

Era o tipo de lugar onde os estudantes normalmente estariam. Havia sofás surrados, uma televisão velha, uma mesa de sinuca torta e alguns *videogames* antigos. Corredores se estendiam de ambos os lados e uma grande escadaria desgastada levava a...

De repente, algo me tirou o chão. Caí de costas. Uma fração de segundo depois, alguém caiu sobre mim, todo coberto de preto, exceto pelos olhos. Seus joelhos prenderam meus braços no chão. Uma mão tapou minha boca antes que eu pudesse gritar.

— Quem é você? — sibilou meu agressor.

— B-B-B-Benjamin Ripley — gaguejei. — Sou estudante aqui.

— Nunca te vi antes.

— Fui admitido esta tarde — expliquei, e então pensei em acrescentar: *Por favor, não me mate.*

Meu agressor gemeu.

— Um novato? Agora?! Hoje só pode ser o dia do impossível. — Agora

que a voz estava carregada de sarcasmo em vez de agressividade, era mais aguda do que eu esperava. Olhei para o corpo sentado no meu peito e percebi que era magro e curvilíneo.

— Você é uma garota — eu disse.

— Uau! — ela retorquiu. — Não é à toa que você foi aceito. Seu poder de dedução é incrível! — Ela tirou a máscara, revelando seu rosto.

Eu não imaginaria que meu coração pudesse bater mais rápido do que quando eu corri para salvar minha vida sob uma saraivada de tiros, mas, de repente, ele acelerou para um nível totalmente novo.

Elizabeth Pasternak não era mais a garota mais bonita que eu já tinha visto.

A garota sentada no meu peito parecia ser um pouco mais velha do que eu, talvez quatorze ou quinze anos, com cabelos escuros e grossos e olhos incrivelmente azuis. Sua pele era impecável, as maçãs do rosto pareciam esculpidas e os lábios, carnudos. Era de aparência frágil — quase delicada — e, ainda assim, teve força suficiente para me derrubar em meio segundo. Até o perfume dela era incrível, uma combinação inebriante de lilases e pólvora. Mas talvez o mais atraente fosse a calma e a confiança que demonstrava diante de uma situação de vida ou morte. Ela parecia muito mais irritada por eu ter surgido do nada do que pelas balas disparadas lá fora.

— Você tem alguma arma com você? — perguntou ela.

— Não.

— Sabe usar uma?

— Consigo manusear a arma de chumbinho do meu primo muito bem...

Ela suspirou profundamente, abriu o zíper do colete à prova de balas, revelando uma bandoleira de couro elegante atravessada no peito e repleta de armas: revólveres, facas, estrelas ninja chinesas, granadas. A garota ignorou tudo e escolheu para mim um pequeno objeto contundente.

— Isto é um *taser*. Não funciona bem a longa distância, mas o lado bom é que você não pode me matar acidentalmente com ele.

Em seguida, o colocou na minha mão, me deu uma breve explicação de como usar o interruptor de liga/desliga, gatilho, pontos de contato, etc.

Então, levantou-se e fez um gesto para que eu a seguisse.

Foi o que fiz. Não que eu tivesse outra alternativa. Passamos pela grande escadaria e seguimos pelo corredor sul do dormitório. A garota parecia saber o que estava fazendo. Então me senti um pouco mais seguro por estar com ela. Imiti seus movimentos, também me esgueirando, e segurando o meu *taser* da mesma forma que ela levava sua arma.

Como era minha primeira vez em ação, eu não sabia muito bem como proceder. Achei que deveria me apresentar.

— A propósito, eu sou Benjamin.

— Você já disse. Vamos fazer um acordo. Se sobrevivermos, podemos nos conhecer.

— Certo. O que está acontecendo?

— Aparentemente, tivemos uma falha de segurança. Houve uma palestra sobre diplomacia pra todo o corpo estudantil esta tarde. O inimigo se infiltrou no *campus* durante a reunião e cercou o auditório. Todos os alunos e professores estão sendo mantidos reféns lá dentro.

— Como você escapou?

— Não escapei. Eu saí no meio da palestra. Não estou nem aí pra diplomacia.

— Tem mais alguém com você?

— Até onde sei, somos só você e eu. Tentei pedir reforços, mas o inimigo está bloqueando de alguma forma todas as transmissões.

— Quantos são?

— contei quarenta e um até agora. Os que vi são muito profissionais, fortemente armados e extremamente perigosos.

Engoli em seco.

— Estou aqui há apenas cinco minutos e preciso enfrentar um pelotão mortal inteiro só com um *taser*?

Pela primeira vez desde que a conheci, a garota sorriu.

— Bem-vindo à escola de espionagem — ela disse.

CAPÍTULO III

Confronto

Edifício Administrativo Nathan Hale

16 de janeiro

17:10 horas

Pensar que a qualquer momento poderia cair em uma emboscada de agentes inimigos é uma péssima maneira de fazer um *tour* de reconhecimento da escola. Embora tenha seguido a garota por muitos locais que seriam importantes para mim se eu sobrevivesse, não consegui me concentrar em nenhum deles. Ela, apesar de tudo, permanecia incrivelmente serena, até mesmo apontando coisas interessantes ao longo do caminho, como se estivesse seguindo um protocolo.

— Este é o único dormitório da escola — ela informou enquanto atravessávamos o corredor do primeiro andar, com armas em punho. — Todos os trezentos alunos moram aqui. Foi construído há mais de um século. Então, como você já deve ter notado, o sistema de defesa é péssimo. Além disso, o encanamento é pré-histórico. O refeitório é ali. Servem as refeições pontualmente às sete, treze e dezoito horas... agora estamos indo pra passagem sul, entre o dormitório e o prédio da administração. Geralmente é mais rápido ir por fora, mas por aqui é melhor quando o tempo tá ruim. Ou quando há atiradores inimigos infiltrados.

O barulho dos tiros chegava até nossos ouvidos. Mesmo que estivessem acontecendo a mais de cem metros de distância, do outro lado de um grosso muro de pedra, eu me abaixei por reflexo. Isso provocou mais um suspiro da garota.

— Espere! — eu disse. Em meio à agitação, tinha esquecido algo. — Não estamos sozinhos aqui. Vim com Alexander Hale.

Eu esperava que ela ficasse aliviada, talvez até animada. Mas, para

minha surpresa, pareceu irritada.

— Onde ele está?

— Lá fora. Lutando contra aqueles atiradores. Acho que ele salvou minha vida mais cedo.

— Tenho certeza que ele também pensa assim — disse ela.

Chegamos a uma bifurcação na passagem onde janelas se abriam para os gramados cobertos de neve. A garota fez sinal para que eu ficar abaixado e então espiou pelo vidro. Estava escuro demais para distinguir qualquer coisa além do contorno dos prédios, mas ela pareceu ver algo.

— Estamos cercados por todos os lados. — Ela franziu a testa. — Não vamos sair das instalações. Então, este é o plano: tem um radiofarol de emergência no último andar do prédio da administração. — Ela apontou com a cabeça para uma estrutura gótica de cinco andares que se erguia ao sul. — É um *link* direto pra sede da Agência. Tão antigo que o inimigo provavelmente nem sabe que existe. Se conseguirmos chegar lá, poderemos pedir reforços.

— Parece uma boa ideia. — Fiz um esforço para parecer calmo, mesmo que a cada minuto estivesse ficando mais apavorado.

— Fique por perto e faça o que eu mandar. — A garota começou a descer a bifurcação esquerda do corredor, mas parou e apontou para a direita. — A propósito, lá embaixo é o ginásio. E o campo de tiro. Guarde para referência futura.

Eu a segui, com a cabeça abaixada sob as janelas, temendo um ataque. Meu primeiro tiroteio não estava sendo como eu esperava. *Cadê todos os bandidos?*, eu me perguntava. *Será que estamos nos esquivando de forma inteligente ou caindo como patinhos em uma emboscada? Onde foi parar Alexander Hale e por que a garota não ficou feliz em saber dele?* E talvez o mais importante...

— Tem algum banheiro masculino por perto? — perguntei. — Preciso muito fazer xixi.

Esta era a primeira vez que eu experimentava o que geralmente é chamado na escola de espionagem de “teoria de Hogarth sobre urinar com base no medo”: a quantidade de perigo que você corre é diretamente proporcional a sua necessidade de fazer xixi. Abraham Hogarth foi um dos

primeiros agentes da CIA e, portanto, um dos professores originais da escola de espionagem. Ele quem escreveu o mais importante manual de espionagem, baseando-se em suas próprias experiências (e havia rumores de que sempre usava fraldas para adultos; uma precaução, caso precisasse enfrentar problemas inesperados).

A garota suspirou de novo.

— Por que não foi antes do tiroteio?

— Eu não sabia que haveria um tiroteio — expliquei. — Na verdade, acho que preciso ir por causa do tiroteio.

— Segura, gatinho. Não podemos nos dar ao luxo de baixar a guarda.

Fiz o melhor possível para obedecer.

Logo chegamos ao Edifício Administrativo Nathan Hale, que ocupava a área central. Lá fora, todos os outros prédios irradiavam ao seu redor, como se fosse o eixo de uma roda. Dentro dele, o corredor por onde havíamos descido conduzia a um imponente *hall* de entrada ladeado por escadarias imponentes. Grossas portas de carvalho de um lado da sala levavam para fora, enquanto do outro, duas portas muito maiores estavam abertas, revelando a biblioteca da escola.

A garota começou a se dirigir para a escada mais próxima, mas, de repente, estendeu a mão e apertou meu braço. Congelei. Ela colocou os lábios a um milímetro do meu ouvido e falou tão baixo que quase não consegui ouvir.

— Dois agentes inimigos. Lá em cima. — As palavras estavam entre as mais aterrorizantes que eu já ouvira, e, ainda assim, seu hálito quente no meu ouvido quase fez o perigo valer a pena. — Vou distraí-los. Atravesse a biblioteca e suba pelas escadas dos fundos.

— Pra onde? — Tentei ser tão silencioso quanto ela, mas não consegui. Até meu sussurro pareceu ecoar pela sala.

No mezanino, uma forma humana emergiu das sombras.

— A sala do diretor! — a garota sibilou, me empurrando para a frente. — Corra!

Talvez eu não fosse capaz de atirar ou lutar corpo a corpo, mas correr era outra história. Já tive de fugir de Dirk Dennett várias vezes. No entanto, nunca havia corrido com uma descarga de adrenalina de vida ou

morte antes. Era como ter pós-combustores. Percorri os vinte metros até a biblioteca num piscar de olhos.

Tiros arranharam o carpete atrás de mim e estilhaçaram o batente da porta enquanto eu me lançava em busca de segurança.

A biblioteca era cavernosa, quatro andares de amplas sacadas circundando um espaço central aberto. No andar principal, havia um labirinto de estantes. Em um dia normal, eu teria ficado encantado com a vastidão de livros, mas agora a biblioteca me parecia apenas uma armadilha gigantesca. Assassinos poderiam se esconder em mil lugares.

Em cada canto subia uma escada em espiral. Ziguezagueei pelas prateleiras em direção a uma do outro lado da sala e subi as escadas correndo enquanto o som de tiroteio ecoava no *hall* de entrada.

Uma bala ricocheteou no corrimão assim que cheguei ao terceiro andar.

Eu me joguei no chão.

No primeiro andar, um homem vestido de preto, segurando uma metralhadora, disparou na direção da escada, onde eu estava.

Meu *taser* não me serviria de nada àquela distância. Mas havia uma prateleira cheia de obras de referência bem perto. Peguei o mais pesado que consegui encontrar, o *Guia ilustrado de Cooper para armamentos da era soviética*, rapidamente estimei a velocidade do meu agressor em relação à força da gravidade e determinei o momento exato para jogar o livro por cima do corrimão.

Lá de baixo, veio o baque distinto do livro colidindo com o crânio, seguido pelo grunhido do assassino desabando. Ao contrário de tudo o que Mike Brezinski já havia afirmado, eu tinha acabado de encontrar uma aplicação prática para a álgebra.

Corri para o quarto andar e encontrei uma porta que parecia não ser aberta havia anos. Ela levava a uma escada velha e sombria. Mais um lance de escada e fui conduzido a um corredor longo e largo, ladeado por imponentes portas de escritórios. Desci correndo, examinando as placas de identificação em cada uma: Reitor de Assuntos Estudantis; Vice-Reitor de Avaliação de Riscos; Diretor de Contraespionagem. Finalmente, no centro, encontrei uma porta marcada como “Diretor”.

Da direção de onde vim, ouvi passos subindo a escada. Mais de uma

pessoa.

Joguei-me contra a porta da sala do diretor.

Estava trancada. Quiquei nela e caí de bunda no corredor.

Havia um teclado numérico computadorizado à direita da porta, com uma pequena tela acima dele dizendo:

DIGITE O CÓDIGO DE ACESSO.

Ninguém havia dito nada sobre códigos de acesso.

Olhei para trás, em direção à escadaria suja. Os passos estavam mais altos, como se meus inimigos estivessem quase na porta. Surgiriam em segundos, tempo curto demais para que eu corresse em busca da segurança do outro lado do corredor. A porta da sala do diretor era a única rota de fuga, e eu só consegui pensar em uma maneira de passar por ela.

Liguei meu *taser* e o pressionei no teclado. A pequena tela piscou enquanto eu aplicava o choque no sistema. Então, houve uma sobrecarga de eletricidade e todas as luzes do corredor se apagaram, fazendo com que eu ficasse mergulhado na escuridão.

Não era esse o meu plano.

Ouvi um baque no final do corredor quando um agente inimigo bateu contra uma porta, seguido pelo que presumi serem palavrões num idioma que eu não conhecia.

Dois segundos depois, três fachos de lanterna de alta potência acenderam naquela mesma extremidade do corredor.

No lado oposto, mais três fachos acenderam.

O que significava que agora eu estava ladeado por seis homens fortemente armados em meio a total escuridão.

Então, fiz a única outra coisa em que consegui pensar: preparei-me para a rendição.

Levantei as mãos sobre a cabeça e recuei contra a porta do diretor, batendo acidentalmente na maçaneta.

Ela abaixou com um *click*.

Aparentemente, eu a havia destrancado.

Todos os seis fachos de lanterna se voltaram na direção ao som. Entrei no escritório escuro, bati a porta com força e imediatamente atingi uma mesa de centro. Meio tonto, caí de cara no carpete.

As luzes se acenderam.

Instintivamente, me encolhi como uma bola e gritei:

— Por favor, não me mate! Não sei de nada! Hoje é o meu primeiro dia aqui!

— Implorando por misericórdia? — disse uma voz decepcionada. — Isso é desempenho de qualidade D, com certeza.

Houve murmúrios de concordância.

Levantei devagar os olhos do tapete felpudo. Em vez de uma horda de assassinos apontando armas para mim, eu me vi diante de uma mesa de conferências. Dois homens e uma mulher (todos de meia-idade) estavam sentados do outro lado, balançando a cabeça enquanto faziam anotações em blocos de notas. Ao lado estava Alexander Hale.

Ouvi um zumbido eletrônico atrás de mim e olhei por cima do ombro. Lá, uma fileira de monitores apresentava imagens de todos os lugares onde eu havia estado.

Estremeci quando a compreensão me atingiu.

— Isso foi um teste?

— Sorte sua — disse alguém no centro da mesa, o dono da voz decepcionada. Era um homem atarracado que parecia se achar mais esperto do que realmente era. Seu terno estava salpicado de manchas de comida, a barriga esticava a braguilha da calça até o ponto de rompimento e, embora seu cabelo fosse espesso e perfeitamente penteado, era obviamente uma peruca.

— Se isso tivesse sido um incidente real de invasão externa, estaríamos enviando seus restos mortais para sua casa numa quentinha.

— Mas eu ainda não aprendi nada — retruquei. — Acabei de chegar.

— Estou bem a par disso — disparou o homem. — O exame AHSC é padrão para todos os alunos que chegam.

Olhei para Alexander em busca de ajuda.

— Avaliação de Habilidades de Sobrevivência e Combate — explicou ele, virando-se para o painel. — Achei aquele truque que ele fez com o livro de referência na biblioteca bem inteligente.

— Foi um golpe de sorte — disse o Peruca Malfeita, todo desdenhoso.

— E usar *taser* no teclado? — perguntou Alexander. — Nunca vimos

isso antes.

— Por um bom motivo. Foi idiotice. — Peruca Malfeita se levantou e me encarou com um olhar duro. Ele tinha um leve tique, um tremor no olho esquerdo, que parecia se exacerbar pela raiva. — Sou o diretor desta Academia. Estes são os vice-diretores, agentes Connor e Dixon. Você já conheceu Alexander Hale... e, claro, Erica.

Virei-me. A garota estava atrás de mim. Ela havia entrado sem fazer barulho.

Acenei para ela, mas não recebi nada em troca.

— Acho que todos concordamos que seu desempenho hoje foi deplorável — continuou o diretor. — Você demonstrou habilidades de nível amador ou pior em praticamente todas as áreas: combate desarmado, evasiva, jogo de cintura...

— Há redação nesta prova? — perguntei esperançoso. — Eu costumo me sair bem nelas.

O diretor me encarou, seu olho esquerdo tremendo violentamente.

— Você também não é tão bom em saber quando ficar de boca fechada. Francamente, se não tivesse se saído bem nos testes de QITP e demonstrado uma aptidão extraordinária para criptografia, eu o mandaria de volta para o colinho da mamãe e do papai. Mas vamos ver se você tem conserto. Terá que se esforçar muito, Ripley. E, por enquanto sua média é D.

Com um gesto de desdém me dispensou.

Saí da sala, sentindo-me vazio por dentro. Nunca tinha tirado uma nota menor que B na minha vida, a mais baixa foi um 8,9 em caligrafia, lá no terceiro ano.

Também fiquei um pouco perturbado com algo que o diretor disse. Eu nunca soube que tinha uma habilidade criptográfica extraordinária. Na verdade, apesar do meu talento para matemática, sempre achei criptografia bastante difícil. Matemática e lógica se limitam a códigos; também é preciso ser bom em jogos de palavras. Foi assim que consegui calcular exatamente quantos segundos já estava na escola de espionagem (1319), apesar de ficar perplexo com a confusão diária dos noticiários.

Havia alguns jogos de criptografia no *site* da CIA. Eu tinha a impressão de ter falhado neles, mas talvez tivessem sido projetados para detectar

algumas habilidades latentes que nem eu conhecia.

Erica entrou no corredor atrás de mim.

— Não é nada pra se envergonhar, certo? — perguntei a ela. — Quer dizer, ainda não tive treinamento em nada. Aposto que ninguém se sai bem neste teste quando chega aqui.

— Eu tirei nota máxima — ela disse. E então foi embora sem nem mesmo se despedir.

Assim, apenas 23 minutos depois da minha chegada à escola de espionagem, eu havia aprendido algo extremamente importante: não seria fácil.

CAPÍTULO IV

Intimidação

Dormitório Armistead

16 de janeiro

17:50 horas

Mudar de casa para um internato onde eu não conhecia ninguém já teria sido difícil em circunstâncias normais. No entanto, depois da minha iniciação assustadora e humilhante, foi traumático. Fiquei tentado a telefonar para meus pais e pedir que viessem me buscar, mas então percebi algumas coisas:

1. O exame AHSC provavelmente foi criado para eliminar pessoas. Ser espião não seria só bons momentos e glória. Se eu não conseguia lidar com um cenário falso de vida ou morte, como poderiam esperar que lidasse com um real?

2. Não tinha causado uma impressão muito boa na Erica, mas se eu fosse embora, essa seria a única impressão que eu causaria nela. Se ficasse, pelo menos teria uma chance de arrumar o estrago.

3. As coisas não poderiam piorar. Portanto, precisavam melhorar.

Então, decidi continuar na escola de espionagem, pelo menos por mais um tempinho.

Logo depois da bronca do diretor e de ser ignorado por Erica, encontrei meus pertences amontoados e levemente úmidos no corredor em frente à secretaria, com um pacote de orientação sobre eles. Dentro, estava meu horário das aulas, um mapa do *campus* com instruções de como chegar à minha sala e um panfleto detalhando todo tipo de procedimentos de emergência, desde envenenamento a ataques com gás neurotóxico.

Meu quarto ficava no último andar do Dormitório Armistead. Todos os calouros ficavam isolados lá em cima. A princípio, presumi que seria bom

ter um quarto lá em cima com vista, mas isso, assim como 100% das minhas suposições sobre a escola de espionagem, se mostrou errado. O último andar era basicamente um sótão dividido aleatoriamente em quatinhos apertados. Nosso cachorro tinha mais espaço quando o embarcamos em nossa viagem de férias.

Podia-se ouvir tudo através das paredes finas e o teto, que na verdade era o telhado pontiagudo do prédio, cuja inclinação era tão acentuada que eu só conseguia ficar em pé em metade do quarto. Havia uma pequena mansarda embutida na inclinação, que deixava entrar um pouquinho de luz e uma quantidade impressionante de ar frio. Aparentemente, a última impermeabilização foi durante o governo Kennedy. Os móveis eram sobras do exército, da época da Segunda Guerra Mundial: um catre fino com um colchão duro feito pedra, uma mesa de cabeceira baixa em madeira, uma escrivaninha de ferro com cantos afiados o suficiente para arrancar um olho, um baú e uma cadeira dobrável.

Não tinha banheiro individual, mas sim um comunitário no fundo do corredor, com três vasos sanitários antigos, que faziam barulhos perturbadores ao se dar descarga, e quatro chuveiros que pareciam ser um ambiente propício para fungos raros nos pés.

Havia uma pequena sala comunitária no topo da escada: alguns sofás esfarrapados e uma mesa de centro adquirida em venda de garagem; mas, como o piso estava frio, não havia ninguém por lá. Eu conseguia ouvir alguns dos meus colegas em seus quartos, mas nenhum apareceu para me dar as boas-vindas à escola de espionagem, nem mesmo para me cumprimentar.

Enquanto eu desfazia as malas no meu quarto minúsculo, meu telefone vibrou. Era uma mensagem do Mike:

“COMO ESTÁ A ESCOLA DE CIÊNCIAS DOS FRACASSADOS?”.

Era para ser uma piada, mas fez com que me sentisse ainda mais péssimo. Péssimo e solitário.

“INCRÍVEL”.

Respondi. O melhor de enviar mensagens de texto é que ninguém sabe quando você está mentindo.

Alguém bateu à porta.

Dei um pulo, assustado. Na maioria dos dias, isso não teria me incomodado, mas fiquei um pouco tenso depois da minha iniciação. Fui até a porta e espiei pelo pequeno olho mágico.

O garoto no corredor parecia ter saído da capa de uma revista de luxo. Ele era vários anos mais velho do que eu; já havia passado da fase de adolescente desajeitado. Tinha cabelos castanhos perfeitamente penteados, um queixo esculpido e ombros largos. Usava uma jaqueta esportiva cara por cima de um suéter mais caro ainda. Se me pedissem para desenhar o protótipo de um futuro espião, era assim que o teria desenhado. Ele acenou para o olho mágico, com conhecimento de causa.

— Abre a porta, Ben. Eu sei que você está aí.

Levei a mão à maçaneta e parei, me perguntando se aquilo era outro teste.

— Não é um teste — disse o cara do lado de fora. — Se eu quisesse te machucar, teria chutado a porta trinta segundos atrás. Só vim dar as boas-vindas.

Abri a porta.

O garoto entrou rapidamente, mostrando uma generosa porção de dentes enquanto sorria.

— Ainda tremendo depois dos AHSCS, né? Eu entendo. Também fiquei assim. Mas você não precisa ter medo de mim. — Ele estendeu a mão amigavelmente. — Chip Schacter. Prazer em te conhecer.

Apertei a mão dele, feliz por finalmente conhecer alguém simpático.

— Ben Ripley. Mas acho que você já sabe disso.

Chip riu.

— É. Todos os alunos recebem dossiês completos sobre os novatos. O seu foi melhor do que a maioria.

— Foi?

— Com certeza. Ainda mais com aquela pontuação em Criptografia. — Chip assobiou em apreciação. — Não vejo criptos assim desde Chandra Shiksavelli... e ela foi direto daqui pro posto de nível 6 na NSA.

— Uau — eu disse, tentando parecer indiferente, embora secretamente emocionado. Ainda não tinha certeza de como podia ser tão habilidoso em criptografia e não saber, mas era bom finalmente ter boas notícias. Pela

primeira vez desde que cheguei à escola de espionagem, eu senti de verdade que poderia pertencer àquele lugar.

— Seja como for — continuou Chip —, seus primeiros dias aqui podem ser bem difíceis. Imaginei que poderia precisar de um amigo.

— Eu preciso — admiti. — Obrigado.

— Vou te levar por aí, mostrar os macetes e te apresentar às pessoas certas. Em alguns dias você vai conhecer este lugar como a palma de sua mão. E tudo o que peço em troca é um pequeno favor.

— Isso seria ótimo — eu disse, e me recompus. — Que favor?

Chip olhou para fora, como se quisesse se certificar de que ninguém estava por perto. Depois, fechou e trancou a porta.

— Nada demais. Só um *hackeada* inofensiva. O tipo de coisa que amigos fazem um pelo outro o tempo todo.

Todo entusiasmo que eu tinha esvaiu-se, como o ar de um balão furado.

— Hã... eu não sou tão bom em *hackear*.

— Não importa. Posso te ajudar nas coisas mais difíceis. Mas tem uma senha rotativa de dezesseis caracteres em cadeia protegendo o *firewall*. Não consigo quebrá-la, mas deve ser moleza para alguém com habilidades incríveis como você. — Chip me deu um tapinha orgulhoso no ombro, tentando inflar meu *ego*.

O triste é que, de certa maneira, funcionou. Eu já sabia que aquele cara era problema, e ainda assim, por algum motivo, eu queria a aprovação dele.

— Que computador seria esse?

— Só o *mainframe* da escola. Preciso extrair algumas informações confidenciais dele para uma aula.

— Que tipo de informação?

A expressão de Chip ficou sombria.

— Por que todas essas perguntas? Estou tentando ser seu amigo, e você está me questionando.

— Desculpa, mas... acabei de chegar. Não quero me meter em encrenca.

— Sabe o que vai te meter em encrenca de verdade? Eu me tornar seu inimigo em vez de amigo. Porque ao invés de um ótimo amigo... ou posso

ser um péssimo inimigo. — Os músculos de Chip se contraíram, esticando as costuras de sua jaqueta.

Engoli em seco. Era inacreditável. Na escola regular, tinha uma coisa em que eu era excepcionalmente bom: evitar valentões. (O truque era me misturar à multidão e deixar que escolhessem presas mais óbvias). Mas eu nem tinha feito minha primeira refeição na escola de espões e um deles já havia posto as garras em mim.

Pior ainda, Chip Schacter não era como o valentão de uma escola normal.

Aqueles caras queriam mais envergonhar do que machucar. O pior que poderiam fazer seria puxar as calças de alguém para baixo enquanto a equipe de líderes de torcida estivesse passando. Havia algo muito mais ameaçador em Chip. Ele obviamente queria muito mais do que o meu dinheiro do almoço; e a punição por enfrentá-lo parecia ser a dor.

— Não quero ser seu inimigo — eu disse, recuando o máximo que pude no meu pequeno quarto.

Os músculos do Chip relaxaram. Ele abriu um sorriso dissimulado.

— Que bom ouvir isso. Vamos lá. — Ele fez sinal em direção à porta.

Eu fiquei onde estava.

— Você quer fazer isso agora? Nem desfiz minhas malas.

— Exatamente. Ninguém espera que faça algo assim agora. Além disso, todos estão no refeitório. O jantar começa em cinco minutos.

— Só por curiosidade... o que estamos fazendo é contra as regras?

— Não há regras na escola de espionagem.

— Mas... e se formos pegos...?

— Ben, eu sou seu amigo, certo?

— Certo.

— E amigos cuidam uns dos outros. Não vou deixar te pegarem. — Chip apertou meu ombro com força, enviando uma descarga de dor pelo meu corpo. — Agora, vamos parar de tagarelar como menininhas e acabar logo com isso.

Ele se virou para porta, esperando que eu o seguisse. No mesmo instante, tentei avaliar quais outras opções eu tinha, mas não consegui pensar em nenhuma, a não ser fugir pela janelinha do meu quarto, o que

me deixaria em um telhado íngreme e gelado, quatro andares acima do chão.

Concordar com Chip, entretanto, não parecia muito mais seguro. Eu já sabia que não podia confiar nele. Se fizesse besteira ao *hackear* o computador, o que eu certamente faria, já que nem sabia o que era uma senha rotativa de dezesseis caracteres em cadeia, muito menos como decifrá-la, Chip certamente me deixaria levar a culpa. O que significava que eu poderia ser expulso da escola de espionagem poucas horas depois de ter chegado.

Enquanto eu hesitava, Chip começou a sair pela porta. Assim que agarrou a maçaneta, ouvi um chiado repentino, como o de um bife sendo jogado numa grelha quente. O corpo dele ficou rígido e seus cabelos se arrepiaram enquanto pequenos raios azuis de eletricidade passavam por entre seus dentes. Então, ele finalmente conseguiu soltar um grunhido de surpresa e desabou tremendo no chão.

A porta se abriu e um garoto mais ou menos da minha idade, com uma mecha de cabelo escuro cobrindo um olho, espiou. Ele cutucou Chip com o pé para se certificar de que estava inconsciente e, em seguida, ergueu um pequeno dispositivo que havia conectado à maçaneta externa.

— Gerador eletrostático Van de Graaff do tamanho da palma da mão. Muito eficaz, mas só por cinco minutos. Se quiser ficar inteiro, sugiro que se afaste daqui agora mesmo.

CAPÍTULO V

Informação

Refeitório

16 de janeiro

18:20 horas

— Esta é a primeira coisa que você precisa saber sobre a escola de espões: ela é uma merda.

Murray Hill, o garoto que me salvou do Chip, enfiou mais uma garfada de espagete na boca. Estávamos jantando no pavilhão de alimentação, que todos chamavam simplesmente de “refeitório”. A maior parte do corpo discente, trezentos alunos com idades entre doze e dezoito anos, estava reunida em grupinhos ao nosso redor. Embora ninguém mais tivesse se dado ao trabalho de se apresentar, todos estavam obviamente cientes da minha presença. Toda vez que eu olhava para um dos grupos, percebia alguém desviando o olhar rapidamente.

O refeitório ficava bem ao lado do dormitório e não muito longe do meu quarto. Eu estava preocupado que fosse o primeiro lugar onde Chip viria me procurar, mas Murray alegava que havia muitas seguranças. E, além disso, ele estava morrendo de fome.

— Sabe tudo aquilo que você odiava na escola normal? — Murray continuou. — Vai continuar aguentando aqui: panelinhas sociais rígidas, professores péssimos, administradores incompetentes, comida horrível, valentões. E, além disso, de vez em quando, alguém tenta te matar.

Murray tinha treze anos e deveria estar no segundo ano, mas repetiu após ser reprovado no exame de autopreservação na primavera anterior. Durante a simulação final de combate, ele atirou acidentalmente na peruca do diretor. (Eles estavam usando apenas balas falsas na época, então o diretor saiu ileso, mas sua adorada peruca não teve salvação). Ter de

repetir o primeiro ano não parecia incomodar muito Murray, mas, na verdade, nada parecia incomodá-lo. Ao contrário de todos os outros no refeitório, ele não se importava com sua aparência, ou com o que os outros pensavam dele. Nossos colegas sentavam-se eretos e com roupas impecáveis, como se estivessem preocupados que alguém pudesse estar dando notas por sua postura e aparência. Na maioria das vezes, usavam *jeans* bem passados e suéteres elegantes, roupas que pareciam profissionais, mas também lhes permitiam se movimentar livremente em caso de uma emboscada repentina. Por outro lado, Murray parecia estar fazendo uma tentativa deliberada de desleixo. Seu cabelo estava despenteado, a camisa fora da calça, o moletom cheio de manchas, e agora recebia uma nova camada de molho do espaguete. Tinha a postura de um pedaço de lingüine molhado e suas meias não combinavam. Era obviamente inteligente, mas quando tinha algo a dizer, como agora, não pensava duas vezes. Já eu, estava com dificuldade em dizer uma única palavra certa que fosse.

— Peraí — eu disse. — Quer dizer que o Chip estava tentando...

— Matar você? Não. Assim ele não teria mais ninguém para intimidar. O que ele pediu pra você fazer?

— *Hackear o mainframe* da escola.

— Pra quê?

— “Informações confidenciais”. Pra uma das aulas dele.

Murray assentiu, compreensivo.

— Provavelmente respostas de provas. O Chip tentou forçar praticamente todo mundo aqui pra conseguir colar, de uma forma ou de outra.

— E ninguém contou pra Administração?

— Ah, a Administração sabe.

— E não expulsaram ele?

— Esta não é uma escola comum. Estamos em treinamento pra ser espiões, não escoteiros. Aqui, você pode tirar nota A colando, desde que faça isso com inteligência.

Recostei-me, tentando digerir aquilo.

— Então, eu deveria ter tentado *hackear* o sistema?

— Caramba! Não! Você nunca teria passado pelo primeiro *firewall*. O

Conselho de Segurança teria te pegado, Chip iria bancar o inocente e você seria sacrificado como lição pros seus colegas estudantes manterem as mãos longe do *mainframe*.

— Mas você acabou de dizer que trapacear é aceitável...

— Se fizer isso com inteligência suficiente. *Hackear* é idiotice.

— Mas Chip me coagiu a fazer isso.

— E assim conseguiria se manter limpo. Fazer algo estúpido, não é tão estúpido se você conseguir que outra pessoa faça por você.

Balancei a cabeça, estupefato com tudo aquilo.

— Isso é loucura.

— Não chamam este lugar de instituição à toa. Vai comer isso?

Olhei para meu prato de espaguete. Estava intocado. Depois da agitação do dia, não sentia muita fome e o fato da comida parecer nojenta, não ajudou muito. Não é fácil estragar espaguete, mas, sei lá como, a equipe da cozinha conseguiu. O macarrão estava duro e o molho de carne tinha uma aparência suspeita de ração para cachorro enlatada.

Empurrei meu prato pela mesa. Murray o devorou na hora.

— Grande erro — ele disse. — Espaguete é a melhor coisa que fazem aqui. Um conselho aos espertos: estoque manteiga de amendoim e geleia. Ninguém vai admitir, mas acho que fazem essa comida horrível de propósito. Estão fortalecendo nossa imunidade pra que, se alguém tentar nos envenenar, não funcione. Arsênico não chega nem perto do bolo de carne daqui.

— Tem algo de bom neste lugar? — perguntei.

Murray acenou para a sala.

— Tem muita coisa gostosa, em termos de garotas. E algumas das aulas não são nada ruins.

— Tipo qual?

— A parte de informática é razoável. Bons programas de idiomas. Ah, e eu definitivamente recomendaria ISAI: Introdução à Sedução de Agentes Inimigos. Fiz até a lição de casa nessa matéria.

— E as aulas de armas e combate?

Murray congelou, com uma garfada de espaguete a meio caminho da boca.

— Ah, que droga! Não me diga que você é um Fleming!

— O que é um Fleming?

— Alguém que chega aqui achando que vai virar James Bond.

Entendi a referência: Ian Fleming criou James Bond... e várias gerações de pessoas que presumem ingenuamente que espionagem é uma profissão glamorosa. Como eu. Senti minhas orelhas arderem de vergonha, mas tentei dissimular.

— Esta escola deveria nos ensinar a ser espões.

— Sim. Na vida real. O que é diferente dos filmes. Hollywood te vendeu uma falsa ideia de que espionagem é só *smoking*, aparelhos bacanas e perseguições de carro em lugares incríveis como Monte Carlo e Gstaad, quando, na verdade, é basicamente trabalho braçal em infernos do terceiro mundo como Mogadíscio e Newark.

Tentei esconder minha decepção.

— Deve haver alguma tarefa boa. Alexander Hale não parece fazer trabalho muito pesado.

— É, talvez haja um ou dois trabalhos de primeira. Mas esses são para os melhores. Se quiser se esforçar pelos próximos seis anos tentando se provar, fique à vontade. Mas você não vai sair por cima. Ela vai. — Murray gesticulou atrás de mim com o garfo.

Eu sabia para quem ele estava apontando antes mesmo de me virar.

Notei Erica assim que entrei. Ela era a única aluna sentada sozinha, embora seu exílio parecesse autoimposto. Acho que todos os caras bagunceiros queriam paquerar ela, e todas as garotas pareciam desejar serem suas amigas. Mas era imune a tudo isso. Vivia com o nariz enfiado num livro didático, aparentemente desinteressada de qualquer outra coisa, ou alguém. Contudo, por causa do meu breve encontro com ela, suspeitei que seu distanciamento fosse fachada. Erica devia estar ciente de tudo o que acontecia ali naquele momento, se não em toda a instituição.

— Ela é a melhor aluna daqui? — perguntei. — Ela não parece muito mais velha do que a gente.

— Não é. Ela é só do terceiro ano. Mas, tecnicamente, está nisso há muito mais tempo do que o resto de nós. Considerando que ela tem uma sucessão nas mãos.

Voltei-me para Murray, prestes a perguntar por quê.

— Essa é Erica Hale — ele explicou.

E então compreendi tudo.

— Ela é filha do Alexander?!

— Sem mencionar que é a neta de Cyrus Hale, a bisneta de Obadiah Hale, a tataraneta de Ulysses Hale e assim por diante. O tataravô dela foi ninguém menos que o próprio Nathan Hale. A família dela espiona pros Estados Unidos desde antes de os Estados Unidos existirem. Se alguém está se formando pras forças de elite, é ela.

— Então você nem vai tentar?

Murray empurrou sua segunda tigela de espaguete vazia pro lado e se deliciou com a sobremesa, que era gelatina verde com objetos não identificáveis suspensos.

— Quando cheguei aqui, eu era como você. Parecia o Fleming mais entusiasmado que você já viu. Mas daí, um dia, no meio do meu segundo semestre, eu estava na academia aprendendo a me defender de um agressor com um facão, quando tive uma epifania sobre me tornar um agente de campo: as pessoas tentam matar agentes de campo. Por outro lado, pouquíssimas pessoas tentam matar os caras que trabalham na sede.

— Peraí — eu disse. — Você quer um emprego administrativo?

— Com certeza. Você trabalha das nove às cinco, consegue uma boa casa no subúrbio, cumpre seus trinta anos e se aposenta com uma pensão gorda do governo. Quem liga se não é glamoroso? Prefiro algo mundano e seguro do que algo glamoroso e arriscado, podendo ser morto a qualquer momento.

Eu tinha que admitir, Murray tinha razão. E, no entanto, ainda achava que, se trabalhasse muito duro, um dia poderia ser tão bom quanto a Erica. E, quando chegasse lá, seria muito difícil de matar.

— Claro, não pode deixar a Administração pensar que você quer ser um burocrata. — Murray terminou sua gelatina a sugando ruidosamente. — Eles vão te expulsar por não estar no programa. Tem que fazer parecer bom, como se estivesse tentando ser um agente de campo, mas sem a habilidade necessária. Agora, tentar ser ruim não é fácil... embora seja mais fácil do que tentar ser bom de verdade.

— Por que está me contando tudo isso?

— Como assim?

Acenei para todos os grupos de alunos na sala.

— Você compartilhou essa sabedoria com todos os outros? Por que me salvou do Chip?

— Não, não contei pra todo mundo — admitiu Murray. — Embora eu tenha tentado contar algumas vezes, mas sem sucesso. Como disse, já fui como você. Estava a caminho de uma vida escolar miserável, seguida de uma vida profissional igualmente miserável. Mas alguém me puxou de lado e me mostrou a luz. Aquele cara agora é um burocrata bem-sucedido no escritório de Paris, com uma namorada francesa gostosa e uma vida longa e feliz pela frente. Só estou retribuindo. Quanto ao Chip, bem... em outras palavras, eu não gosto dele. Aceito qualquer desculpa pra deixá-lo inconsciente. Falando nele... — Murray acenou com a cabeça em direção à porta.

Chip tinha entrado. Havia se dado ao trabalho de arrumar o cabelo depois de ser eletrocutado e agora estava acompanhado por dois garotos ainda maiores do que ele. Ambos eram enormes e musculosos, com cortes de cabelo escovinha e muito arrogantes, embora eu achasse que um deles pudesse ser uma garota.

— Greg Hauser e Kirsten Stubbs — Murray informou. — Nenhum dos dois podemos chamar de gênio, embora a Agência sempre tenha utilidade pra algumas pessoas que são simplesmente grandes e más e não questionam ordens.

Todos na sala pararam no meio da conversa para descobrir quem Chip e seus capangas estavam mirando. Todos os pares de olhos o seguiram, exceto Erica. Ela permaneceu focada em seu livro, como se não percebesse que algo estava acontecendo.

Os outros 294 alunos soltaram um suspiro coletivo de alívio ao verem Chip, Hauser e Stubbs vindo na nossa direção. Apesar disso, ninguém retomou a conversa. Agora éramos o centro das atenções.

Chip bateu a mão na mesa com tanta força que os pratos pularam.

— Eu sei que foi você que fez aquela pequena façanha mais cedo — rosnou ele para Murray.

— Não sei do que está falando. — Murray permaneceu incrivelmente calmo, enquanto todos os outros temiam por sua segurança. — Fiquei no laboratório de informática a tarde toda e tenho fontes pra provar isso.

— Não me venha com essa baboseira! — Chip disparou. — Você sabe exatamente do que estou falando.

— Ah, aposto que sim — disse Murray. — Está se referindo ao incidente no qual você estava tentando intimidar o Ben aqui pra te ajudar a colar porque não é capaz de fazer seu próprio trabalho sujo. Mas depois baixou a guarda e permitiu que alguém te deixasse inconsciente. É, todo mundo está falando disso. Entendo por que você está chateado. Eu ficaria envergonhado pra caramba se me pegassem de calças abaixadas daquele jeito.

Muitas risadinhas soaram pela sala às custas de Chip, mas foram rapidamente abafadas antes que Hauser e Stubbs pudessem descobrir de quem eram.

Chip ficou vermelho de raiva. Veias do tamanho de minhocas saltaram em seu pescoço.

— Você se acha muito esperto, né?

— Eu não acho, Chip — respondeu Murray. — Eu sei que sou esperto. Por exemplo, se eu tivesse pregado aquela peça em você, teria enfiado uma câmera de fibra óptica por baixo da porta primeiro e gravado tudo, pra que, se alguém como você ou suas amiguinhas aqui ameaçassem me retaliar fisicamente, eu pudesse ameaçar dizendo que enviaria o vídeo pro diretor. Ele não vai dar a mínima pra coerção ou trapaça, mas certamente não ficaria nem um pouco feliz em ver como você foi nocauteado tão facilmente. Isso é autopreservação de qualidade F.

Chip encarou Murray por um longo tempo, sem saber se era um blefe ou não, tentando imaginar seu próximo passo. No fim, optou por tentar sair por cima.

— Mas não foi você que me deu o choque, né?

— Claro que não — respondeu Murray. — E o Ben aqui também não teve nada a ver com isso.

Chip assentiu ameaçadoramente.

— Bem, deixe quem fez isso saber que, um dia desses, eu vou levar

vantagem sobre ele. E quando isso acontecer, ele vai desejar nunca ter cruzado o meu caminho. Entendido?

— Cristalino — Murray disse.

Chip voltou sua atenção para mim.

— Se eu fosse você, parava de andar com esse fracassado. Isso vai prejudicar seriamente qualquer chance sua de ter uma vida social aqui. Pode até machucar seriamente você.

Para enfatizar, Hauser arrancou a colher da mão de Murray, fechou o punho em volta dela e a apertou. Quando abriu a mão, o utensílio de aço estava amassado como se fosse um papel de bala. Ele a jogou no copo de leite de Murray.

— Vou ficar de olho em você — Chip me avisou. Então, ele e seus capangas saíram furiosos.

— Idiotas — murmurou Murray. — Muitos músculos e pouco cérebro. Qualquer pessoa com um mínimo de inteligência saberia que não tem como instalar uma câmera de fibra óptica e usar um gerador eletrostático portátil Van de Graaff ao mesmo tempo. Eu não teria medo deles se fosse você.

Só que eu estava com medo. Na verdade, percebi que eu havia passado, desde minha chegada à escola de espionagem, um tempo considerável em vários estados de medo, variando de moderadamente assustado a completamente apavorado. De certa forma, tinha ainda mais medo do Chip do que dos agentes inimigos do exame AHSC. O objetivo dos agentes era me matar e pronto (ou assim eu acreditava naquela hora). Chip, ao contrário, poderia tornar minha vida miserável por muitos anos. Considerando que eu levava uma vida bastante protegida até aquele momento, Chip Schacter era a pessoa mais assustadora que eu já tinha conhecido.

Até aquela noite.

O próximo cara fez o Chip parecer um bolinho de creme.

CAPÍTULO VI

Assassinato

Dormitório Armistead

17 de janeiro

01:30 horas

— Acorde e brilhe, garoto.

Há muitas maneiras ruins de acordar: ter seu sono interrompido às 4h da manhã quando um guaxinim dispara o alarme contra ladrões; acordar de repente numa aula chata de matemática e descobrir que estava falando sobre Elizabeth Pasternak enquanto dormia e todo mundo ouviu; ser atacado por um primo mais novo que acidentalmente enfia o joelho no seu baço...

Mas tudo isso é uma bênção comparado a ter um assassino enfiando o cano de uma arma no seu nariz.

Abri meus olhos cansados, vi um homem vestido de preto... e meus instintos primitivos imediatamente ficaram em alerta.

Entrei em ação, saltando o mais longe que pude. Infelizmente, havia uma parede a quinze centímetros de mim. Bati nela com força suficiente para ranger os dentes, cair sangrando de volta na cama e me ver de novo no ponto de partida. Com a arma apontada pro meu nariz. Só que agora o assassino estava rindo.

— Mané, você precisava ver a sua cara — ele bufou. — Foi clássico.

Eu não conseguia distinguir nada dele no quarto escuro. A luz do luar através da janela iluminava apenas a arma. Era só uma sombra no meio de outra ainda mais densa.

— Por favor, não me mate — eu disse, pela segunda vez naquele dia. Aquilo estava se tornando o meu mantra.

— Se vou te matar ou não, só depende de você. Vamos ver se joga bem.

Eu não tinha certeza de como o assassino tinha entrado no meu quarto. Tomei a precaução de trancar a porta e apoiar uma cadeira embaixo da maçaneta, embora eu só achasse que estava me protegendo de Chip, seus capangas ou outros potenciais valentões.

Depois do jantar, Murray me apresentou a alguns colegas, que conversaram educadamente e depois saíram correndo para fazer a lição de casa. Voltei para meu quarto e encontrei um maço grosso de papelada para preencher: formulários de matrícula, avaliações de habilidades pessoais, pedidos de identidade falsa, contratos de aluguel de armas, declaração de doador de órgãos e coisas do tipo. Após terminar tudo isso, comparei meu horário de aula com o mapa do *campus* para descobrir onde eu deveria estar no dia seguinte, entrei no sistema da escola para configurar meu perfil de aluno e uma conta de *e-mail* segura, liguei para meus pais, menti para eles sobre como tudo estava ótimo e descobri, meio tarde, que nenhuma das fechaduras das cabines do banheiro comunitário funcionava. Então, tranquei meu quarto, ou assim pensei, li algumas páginas de um livro e apaguei.

De acordo com meu despertador, já era 1h30 da manhã.

— O que você quer? — perguntei.

— Conte-me sobre o Cata-vento — respondeu o assassino.

— Cata-vento? O que tem um Cata-vento?

— Você sabe muito bem o que é. Não se faça de bobo comigo!

— Não estou brincando! Eu sou burro mesmo! — Admito que não foi a melhor escolha de palavras, mas estava em pânico. Eu era novato em ter armas apontadas para mim e poderia ter contado ao meu agressor qualquer coisa que soubesse para continuar vivo, mas foi uma surpresa ele ter me perguntado de algo que eu não sabia nada. — Tem certeza de que pegou o cara certo?

— Você é Benjamin Ripley, não é?

— Hã... não. — Valia a pena tentar.

E por meio segundo quase pareceu funcionar. O assassino hesitou, ligeiramente confuso, e perguntou:

— Então quem é você?

— Jonathan Monkeywarts. — Estremeci. Foi o primeiro nome que me

veio à cabeça. Fiz uma anotação mental para estar mais bem preparado da próxima vez que isso acontecesse.

Nem vi o assassino se mover no escuro. Só senti. Ele puxou meus lençóis com tanta força, que fui catapultado para fora da cama. Caí com força, batendo a cabeça no criado-mudo.

— Você acha isso engraçado? — ele rosnou. — Acha que isso tudo é uma brincadeira?

— Não, não acho. — Aquele ataque tinha me pegado de surpresa. O quarto girou ao meu redor e faíscas de luz dançaram diante dos meus olhos. Se esse cara conseguia causar tanta dor usando só um lençol, imaginar o que ele poderia fazer com uma arma me deixou apavorado.

Caí em cima da minha mala, que não tinha terminado de desfazer antes de dormir. Seu conteúdo se espalhou pelo chão embaixo de mim. Roupas e livros, principalmente, embora eu tivesse a vaga sensação de algo duro espetando minha coxa.

— Então vamos tentar de novo — disse o assassino. — E se tentar qualquer outra coisa, eu atiro em você. O que... é... Cata-vento?

De repente, meu cérebro angustiado pela dor percebeu uma coisa dura. Minha raquete de tênis. Aquela que Alexander Hale tinha sugerido que eu usasse como arma, só por precaução. Na época, pensei que estivesse sendo irônico e fazendo uma piada, mas agora parecia até que ele tinha adivinhado.

Agarrei o cabo, sentei-me para encarar o assassino e tentei ganhar tempo.

— Quem te disse que eu sabia sobre o Cata-vento?

— O que você acha? Está no seu arquivo.

Isso não ajudou em nada. Eu não tinha a menor ideia do que dizer, pois havia milhões de respostas erradas que me matariam.

— A questão é que... hã... bem...

— Pare de enrolar ou atiro em você.

Tive um lampejo repentino de inspiração. Talvez esse cara estivesse atrás da mesma coisa no meu arquivo que havia despertado o interesse do Chip.

— Tem a ver com criptografia.

O assassino não atirou em mim, o que interpretei como um bom sinal. Em vez disso, ele disparou:

— Não brinca que tem a ver com criptografia. Quero saber o que faz.

Quebrei a cabeça, tentando desesperadamente me lembrar da conversa que tive com o Chip.

— Ajuda a contornar uma cadeia de dezesseis caracteres rotativa.

— Sêrio? — O assassino pareceu um pouquinho impressionado.

— Sim.

— Como?

Que loucura. Eu não tinha a menor ideia de como me safar dessa. Mas tentei. Talvez se falasse difícil e parecesse confiante, o assassino acharia que eu era muito mais inteligente do que ele.

— Primeiro, você tem que configurar uma matriz de sub-rede quadrilátera, depois ossificar a sintaxe e fibrilar os coprólitos...

— Antes que diga algo mais, há duas coisas que você precisa saber — disse o assassino. — Eu não sou idiota. E minha paciência acabou. Depois não diga que não avisei.

O luar refletiu na arma quando ele a apontou na minha direção.

Meus instintos primitivos vieram à tona. Só que, desta vez, funcionaram melhor.

Antes mesmo de perceber, me abaixei para esquerda enquanto erguia a raquete de tênis.

Ela atingiu o pulso do assassino, que soltou sua arma no mesmo instante em que foi atingido.

Senti o calor da bala quando ela passou por cima do meu ombro e estilhaçou minha janela.

A arma desapareceu nas sombras. Nós dois a ouvimos deslizar pelo chão e bater na parede em algum lugar atrás de mim.

Girei a raquete freneticamente, sem me importar com o que eu acertaria, desde que causasse dor. Ouvi o estalo do grafite contra o osso e o grito assustado do assassino.

— Socorro! — gritei, na esperança de ter sido alto o bastante pra acordar alguém. — Alguém está tentando me matar...

O assassino partiu para cima de mim antes que eu pudesse terminar.

Meus olhos já estavam acostumados o suficiente à escuridão do quarto para poder enxergar as coisas.

Pulei na minha cama, passando pelo sujeito enquanto ele tentava me desferir um golpe de caratê, que acabou partindo meu criado-mudo ao meio. Eu pretendia correr para porta, mas meus pés se enroscaram nos lençóis e o assassino se recuperou mais rápido do que eu esperava.

Ele se virou, querendo me derrubar de joelhos.

Então, saltei na cama, golpeando com a raquete ao mesmo tempo.

Na verdade, eu tenho um ótimo *slice* de *forehand*. Sou muito bom nisso. Acertei o assassino bem acima da orelha, com força suficiente para quebrar a raquete. Ele soltou um grito de dor e caiu, saltando do colchão e aterrissando no chão com um baque.

Eu disparei, abrindo a porta com um puxão e correndo para o corredor. Bati com a raquete quebrada em todas as portas que passei.

— Socorro! Socorro! É uma emergência!

Podia ouvir pessoas acordando grogues em seus quartos e vi uma luz acender através da fresta debaixo de uma porta, mas não parei para esperar, pois temia ter surpreendido meu assassino por muito pouco tempo. Continuei andando na direção das escadas, gritando o caminho todo.

Eu estava quase lá quando a porta no final do corredor se abriu e minha orientadora apareceu. Era a primeira vez que nos encontrávamos, embora meu pacote de boas-vindas tivesse me informado que seu nome era Tina Cuevo e que ela estava no sexto ano. Era alta e bonita, com cabelos negros que nem azeviche e pele da cor de chocolate quente. Usava pijama de flanela, pantufas de coelhinho e uma expressão que dizia que não gostava de ser acordada no meio da noite, embora tenha mudado para espanto quando ela me viu.

Eu só uso cueca quando durmo.

Desde o instante em que fui atacado, só pensava em sobreviver. Agora, pela primeira vez, percebi que estava praticamente nu.

Assim que me virei, vi todos os outros saindo de seus quartos.

A maioria caiu na gargalhada na mesma hora.

Felizmente, Tina não. Acho que a expressão de puro terror no meu

rosto a convenceu de que não era uma brincadeira.

— O que houve? — perguntou ela.

— Tem um assassino no meu quarto. Ele acabou de tentar me matar.

Eu esperava que Tina evacuasse o corredor e pedisse ajuda, mas isso iria contra o treinamento que recebeu. Em vez disso, ela tirou uma arma do bolso do pijama — ao que tudo indicava, a garota dormia com ela — e entrou em ação.

— Eu cuido disso. Tem um robe no meu quarto. Pelo amor de Deus, vista ele logo.

Ela se encostou na parede e se moveu rapidamente em direção à minha porta.

Entrei no quarto dela, que era maior que o meu e muito melhor decorado. Havia todos os tipos de detalhes, como quadros emoldurados, cortinas e tapetes, que me fizeram sentir estranhamente seguro, considerando que, segundos antes, eu estava correndo para salvar minha vida. O robe atalhado estava pendurado num gancho perto da porta. Eu o vesti. Estava quente e tinha cheiro de canela.

Eu não sabia bem o que fazer em seguida. Fugir ainda parecia uma opção perfeitamente racional. Mas parecia errado fazer isso num roupão de mulher enquanto ela enfrentava um assassino por mim. Eu já tinha corrido quase nu pelo corredor; não precisava cometer mais nenhuma gafe naquela noite. Encontrei uma poltrona estofada e aconchegante com uma pilha de manuais de reforço escolar e me acomodei nela.

Um minuto depois, um colega da minha idade enfiou a cabeça para dentro.

— Hã... A Tina quer falar com você.

— Onde ela está?

— No seu quarto. Dã.

Voltei para o corredor. Agora tinha alguém espiando por todas as portas, olhando para mim. Retornar ao meu quarto parecia uma péssima ideia, considerando que eu havia deixado um assassino lá dentro, mas todos pareciam muito mais calmos do que se ainda houvesse um agente inimigo numa matança. Então, voltei pelo corredor de curiosos.

Tina saiu do meu quarto quando me aproximei.

— Sobre esse seu assassino...

Engoli em seco, preocupado.

— Eu o matei?

— É difícil dizer. — Tina me fez entrar. — Estou com dificuldade para encontrá-lo.

Voltei para meu quarto. A luz estava acesa. O lugar todo destruído, com móveis quebrados e meus pertences espalhados por toda parte.

O assassino tinha sumido.

CAPÍTULO VII

Reunião

Dormitório Armistead

17 de janeiro

02:05 horas

— Você está alegando que alguém tentou te matar. Esta noite.

— Não acredita em mim? — perguntei.

O diretor me encarou por um instante. Era difícil dizer se ele estava sendo cuidadoso com a resposta ou se estava apenas com sono. Eram 2h05 da manhã. Tinham acordado o diretor apenas dez minutos antes e ele devia estar precisando desesperadamente de cafeína. Como morava dentro da escola, apenas colocou um roupão grosso sobre o pijama e correu direto para o dormitório. Seus chinelos felpudos estavam encharcados de neve.

— Não há sinal do assassino — disse ele. — Nem da arma.

— Ele a jogou pela minha janela — retruquei.

— Muitas coisas podem ter quebrado aquela janela.

— Deve haver uma bala.

— Claro. Em algum lugar lá fora, sob vinte mil metros de neve.

Fiquei apavorado. Provavelmente, não foi a decisão mais inteligente, mas eu também estava cansado.

— Acha mesmo que destruí meu quarto e me bati pra dar a impressão de que alguém tentou me matar? Por que eu faria isso?

— Não sei — respondeu o diretor. — Para chamar a atenção, talvez. A pergunta mais importante é: por que alguém iria querer te matar? Você acabou de começar aqui e mal passou nos testes de AHSC hoje. Se alguém quisesse se dar ao trabalho de furar todas as nossas defesas e invadir um dormitório para matar alguém, imagino que essa pessoa iria atrás de alguém que valesse a pena matar.

Parei para pensar sobre isso. Embora a declaração fosse ofensiva, eu tinha de admitir que havia alguma lógica nela.

O diretor usou o quarto da Tina para me interrogar. Tinham fechado o meu até que uma equipe de peritos em investigação criminal chegasse. Não tive permissão nem para pegar minhas roupas. Eu ainda estava usando o robe fofinho da Tina. Juntos, o diretor e eu parecíamos uma página do catálogo de alguma loja de cama, mesa e banho.

Houve uma batida na porta.

— O que foi agora? — perguntou o diretor bruscamente.

— Achei que poderia ser útil. — Alexander Hale entrou sorrateiramente. Ao contrário do diretor, ele estava bem desperto. Na verdade, parecia que nem tinha ido para cama ainda. Ele vestia seu *smoking*, embora a gravata borboleta estivesse desfeita e o colarinho desabotoado. Havia uma pequena mancha vermelha do que parecia ser batom em seu pescoço. — Vim assim que soube.

O diretor provavelmente teria repreendido qualquer um que se intrometesse em seu interrogatório, mas cedeu em respeito a Alexander.

— Onde você estava? — perguntou.

— Fazendo um trabalhinho disfarçado na embaixada russa. — Alexander deu uma piscadinha maliciosa e se virou para mim. — Mas não é isso que importa agora. Você está bem, Benjamin?

— Sim.

— Como você escapou? Quem te resgatou?

— Eu mesmo.

Alexander assobiou em agradecimento.

— Sério? Como? Caratê? Jiu-jitsu? Krav Maga?

— Raquete de tênis.

— Ah! Eu disse que ela seria útil. Bom trabalho.

O diretor deu de ombros, nem um pouco impressionado.

— Teria sido muito bom se ele não tivesse deixado o assassino escapar.

— É a primeira noite dele aqui — respondeu Alexander. — Ainda nem recebeu Introdução à Autodefesa, quanto mais Subjugação e Apreensão de Inimigos.

— E, ainda assim, lutou contra um assassino profissional? Com uma

simples raquete de tênis? — perguntou o diretor, incrédulo. — Talvez não houvesse um assassino. Talvez fossem só alguns dos garotos mais velhos passando um trote e ele não se deu conta.

Meus pensamentos voltaram brevemente para Chip Schacter. Ele parecia ser idiota o suficiente para achar engraçado ameaçar alguém com uma arma carregada.

Mas então me ocorreu uma coisa. Algo que eu havia esquecido em meio ao pânico.

— Ele me perguntou sobre algo chamado Cata-vento — eu disse, e o diretor e Alexander se viraram pra mim, surpresos. Então, ambos tentaram esconder o fato de que estavam surpresos. Alexander se saiu consideravelmente melhor.

— Cata-vento? — perguntou o diretor, agindo como se aquela fosse a coisa mais estranha que já tivesse ouvido.

— O que é? — perguntei.

— Não sei — respondeu o diretor, de uma forma que sugeria que ele estava mentindo. — Nunca ouvi falar disso.

— Bem, ele sabe — retruquei. — Disse que estava no meu arquivo.

O diretor e Alexander trocaram um olhar. Um vislumbre de compreensão... e talvez preocupação, passou entre eles.

— Benjamin, gostaria que você pensasse bem sobre isso — disse Alexander. — O que, exatamente, o assassino queria saber sobre esse Cata-vento?

Tentei reconstruir a conversa. Mesmo que tivesse acontecido havia pouco tempo, não foi fácil. Minhas lembranças do evento estavam misturadas ao medo e à adrenalina.

— Ele só queria saber o que era. Eu acho.

Alexander sentou-se na cama da Tina e me olhou nos olhos.

— E o que você disse a ele?

— Que eu não fazia ideia do que era.

— Tem certeza?

— Sim... não, espera. Eu disse que tinha algo a ver com criptografia. Mas estava só inventando.

— Ele acreditou? — perguntou o diretor, intrigado.

— Ele disse que já sabia que tinha a ver com criptografia — respondi.
— Ele queria saber o que fazia. Tentei inventar outra coisa, mas ele sabia que eu estava mentindo e então tentou me matar.

— Tem certeza de que foi exatamente isso que aconteceu? — perguntou Alexander.

— Bem, ele apontou a arma pra mim... — comecei.

— Mas quando ele puxou o gatilho? — perguntou Alexander. — Antes de você revidar... ou depois?

— Se eu não tivesse revidado, ele teria me matado — expliquei.

Alexander colocou a mão no meu ombro, fazendo sinal para eu relaxar.

— Pense um pouco. Tente se lembrar de tudo o que aconteceu no momento em que aconteceu. Não há pressa. Determinar a sequência exata dos eventos é importante.

Fechei os olhos e pensei um pouco mais. Com certeza, parecia que o assassino estava tentando me matar. Afinal, esse era o propósito de ser um assassino. Mas tudo aconteceu tão rápido, e no escuro, ainda por cima. Finalmente, tive que admitir:

— Não tenho certeza se ele estava tentando atirar em mim ou não. Talvez ele só estivesse tentando me assustar... e a arma pode ter disparado quando eu o acertei com a raquete.

Alexander e o diretor se olharam por um instante.

— Isso significa alguma coisa? — perguntei.

— Talvez sim. Talvez não — disse o diretor, embora eu percebesse que ele estava mentindo de novo.

Houve outra batida na porta.

— O quê?! — disparou o diretor.

Uma mulher muito atraente entrou. Ela usava um terninho justo e, apesar de ter apenas uns trinta anos, não pareceu se incomodar com a atitude irritada do diretor. Em vez disso, foi totalmente profissional.

— Sou a Agente Coloretti, da Investigação de Cena de Crime. Tenho um relatório preliminar sobre o possível assassino.

— Já era hora — reclamou o diretor. — O que você conseguiu?

— Nada — respondeu Coloretti. — Nenhuma impressão digital. Nem sangue ou um único fio de cabelo sequer.

— Então... não havia um assassino? — perguntou o diretor.

— Eu não disse isso — respondeu Coloretti. — Só não há evidências concretas de um.

— E as câmeras de vigilância nos dormitórios? — perguntou Alexander.
— Elas devem ter gravado algo.

Coloretti suspirou.

— Sim, deveriam ter... se não tivessem sido desmontadas.

O diretor se levantou de repente.

— Todas elas?

— Não, não todas — disse Coloretti. — Mas muitas delas, começando pelas que estavam no muro do perímetro norte, cerca de vinte minutos antes do incidente. Depois, as que estavam no caminho até o dormitório. E, por fim, as do dormitório. Ele sabia exatamente a localização de cada uma... e eliminou todas que pudessem tê-lo registrado. Isso, por si só, é evidência de invasão.

— Alguém que realmente sabia o que estava fazendo — acrescentou Alexander. — Alguém profissional.

— E, no entanto, não profissional o bastante para ser derrotado por um novato com uma raquete de tênis — zombou o diretor.

— Talvez ele tenha subestimado seu alvo — retrucou Alexander. — Todo mundo faz isso de vez em quando.

— Sério? — perguntou o diretor. — Você já fez?

Alexander pensou um pouco e então admitiu:

— Não.

A Agente Coloretti me encarava com tanta atenção que verifiquei se meu roupão não estava aberto.

— Dada a natureza deste evento, talvez o resto desta discussão devesse ser Nível de Segurança 4C — ela disse aos outros.

Então, o diretor e Alexander também olharam para mim.

— Sim — concordou o diretor. — Acho que é uma boa ideia.

Os três saíram pela porta sem nem mesmo me dizer uma palavra.

— Espera! — eu disse.

Todos pararam.

— Vocês vão me deixar aqui sozinho? — perguntei. — Depois de

alguém tentar me matar durante esta noite?

— Você se salvou uma vez — disse o diretor. — Se alguém vier atrás de você, faça o mesmo de novo.

— Mas meu quarto é uma cena de crime — protestei. — Onde vou dormir?

O diretor suspirou, como se eu estivesse tentando ser de propósito um incômodo para ele. — Onde mais? Na Caixa.

CAPÍTULO VIII

Divulgação

A Caixa

17 de janeiro

05:00 horas

É isso, pensei, no instante em que coloquei os olhos no meu novo quarto. Desisto.

A Caixa não tinha sido projetada para ser usada como dormitório. O objetivo dela era servir como cela de detenção. Se eu tivesse conseguido capturar meu assassino naquela noite, ele quem estaria passando a noite na Caixa. Em vez disso, eu fui para lá. Que sorte a minha.

Essa mudança não foi uma punição oficial. A Caixa era simplesmente o lugar mais seguro para mim naquele momento. Ela foi desenvolvida para impedir que os prisioneiros saíssem, mas isso também significava que era extremamente difícil que os inimigos entrassem. Era um *bunker* de cimento reforçado no subsolo do prédio da administração. As paredes tinham um metro de espessura e havia uma porta de aço com três fechaduras separadas. Do lado de fora, era protegida por uma matriz de *lasers*; acionar um deles iria disparar o alarme... e a liberação de gás sarin. Também existiam sete câmeras de segurança, todas monitoradas pelo centro de comando da Academia.

Embora tudo isso me deixasse mais seguro, não era o que poderia ser chamado de confortável. A equipe de segurança tinha feito algumas tentativas simbólicas de arrumar a Caixa para mim: um edredom xadrez na cama, alguns romances de espionagem com as pontas dobradas trazidos da biblioteca, uma planta artificial; mas ainda era um bloco de concreto gelado e sem janelas, longe de qualquer um dos meus colegas. Após um longo dia sendo ameaçado e humilhado, a Caixa foi a gota d'água. Se não

fosse de madrugada, eu teria ligado para meus pais dali mesmo, pedido que viessem me buscar e me devolvessem à vida normal. Mas imaginei que poderia me aconchegar e aguentar até de manhã. Ser eliminado seria humilhante, e talvez eu me arrependesse pelo resto da vida, mas o resto da minha vida prometia ser muito mais longo se eu deixasse a escola de espionagem.

Mesmo a Caixa sendo o lugar mais seguro do *campus*, eu não consegui dormir. Meu corpo estava exausto, mas minha mente continuava ligada depois de toda aquela agitação. A cada barulho que ouvia, imaginava outro assassino se esgueirando para me matar. Mas, além disso, dezenas de perguntas me atormentavam. O que era o Cata-vento? Como eu poderia ter habilidades em criptografia sem conhecê-las? Por que o diretor se comportava de forma tão estranha? Algo misterioso estava acontecendo na escola de espionagem, e ninguém me dizia a verdade.

Virei-me na cama pela enésima vez, pensando ter ouvido a porta ranger. Meu relógio barato de cabeceira marcava 5h da manhã. Espiei as sombras da Caixa, não vi nada e me repreendi por deixar meus nervos assumirem o controle mais uma vez.

Então, uma das sombras se lançou sobre mim.

Ela me atingiu com força no peito, derrubando-se na cama. Assim que abri a boca para gritar por socorro, um pano foi enfiado nela. Levantei o joelho, na esperança de atingir o plexo solar do meu agressor, mas apenas consegui com que minhas pernas ficassem presas entre as dele.

— Calma — sussurrou meu agressor. — Não estou aqui para te machucar.

Se qualquer outra pessoa tivesse dito isso, eu provavelmente não teria acreditado. Mas reconheci a voz. E o cheiro: lilases e pólvora. Era a segunda vez naquele dia que eu estava imobilizado sob Erica Hale.

Tentei dizer que entendia, mas com o pano na boca, saiu um “Mmmthmmpphffthh”. Então, relaxei e assenti com a cabeça.

— Ok, então — disse Erica. — Vou te soltar e tirar o pano. Mas se tentar revidar ou pedir ajuda, eu vou te machucar, entendeu?

Assenti novamente.

Erica afastou as pernas e arrancou o pano da minha boca. Estendi a

mão até o abajur, mas ela impediu meu movimento.

— Não faça isso. Há câmeras dentro do quarto. Prefiro que ninguém saiba que estive aqui. — Ela se sentou na cama, a apenas trinta centímetros de distância, pois não havia outro lugar para ela se acomodar no pequeno quarto.

Conforme meus olhos se adaptavam à escuridão, ela começou a tomar forma. Estava vestida de preto, o cabelo preso em um lenço preto e com tinta preta de camuflagem no rosto. Por um instante, naquele silêncio extremo, pensei ouvir seu coração batendo descontrolado, mas daí percebi que era o meu.

— Como entrou aqui? — cochichei.

— Sou melhor em arrombamentos do que imaginam. E queria falar com você.

— Sobre o quê?

— O que você acha? O assassino. Cata-vento. Tem algo podre acontecendo aqui, e você está no meio disso.

— Você sabe por quê?

— Claro que sei. Não é óbvio?

Cogitei a ideia de mentir, dizendo a Erica que não era um caipira ingênuo, que é claro que eu também sabia o que estava acontecendo; mas sabia que não conseguiria sustentar a mentira por mais de trinta segundos e acabaria só piorando a situação. Então, decidi ser honesto.

— Não.

Erica revirou os olhos.

— Esse cara hoje à noite veio atrás de você por causa do Cata-vento, certo?

— Como você sabe disso?

— Estou estudando pra ser espiã. É meu trabalho saber das coisas.

— Você sabe o que é o Cata-vento?

— Não. Mas o mais interessante é que você não sabe.

— Por quê?

— Porque, de acordo com o seu arquivo, você o inventou.

Eu me sentei ereto.

— O quê?! Isso não pode ser verdade.

— Exatamente.

Havia um enorme quebra-cabeça emaranhado na minha cabeça, mas, de repente, as duas primeiras peças se encaixaram. Meu suposto dom com códigos. Cata-vento. *Click. Click.*

— Alguém colocou informações falsas no meu arquivo.

— Parece que sim.

— Quem?

— Quem criou o seu arquivo, pra início de conversa?

— Não sei. Alguém da Administração, acho.

— Não. Tem muita gente da Administração: o Escritório de Admissões, o Recrutamento, a Avaliação de Futuros Alunos...

— E um deles inseriu informações falsas sem o diretor saber?

Erica me lançou um olhar longo, duro e decepcionado. A compreensão me atingiu. *Click.*

— O diretor mandou.

— Sim. Embora ele com certeza tenha feito isso só porque outra pessoa mandou. Ele não é nem um pouco o “Sr. Pense-Por-Si-Mesmo”.

— Você não tem muita consideração por ele.

— Já ouviu a frase “Quem pode, faz; quem não pode, ensina”?

— Sim.

— Bem, o diretor nem aula sabe dar. O cara é um caso perdido. Embora, em sua defesa, tenha tido um passado meio complicado.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Foi torturado — disse Erica. — Na verdade, muitas vezes. Sempre que a CIA o enviava pra agir em campo, ele era capturado. Não era um espião muito bom.

— Então, a CIA o colocou no comando da escola de espionagem? — perguntei, incrédulo.

— Nosso governo em ação — Erica suspirou. — Os superiores provavelmente sabem que ele é péssimo. Só querem alguém que não questione ordens. Por exemplo, eles o fizeram falsificar seu arquivo pra lidar com a situação aqui.

— Que situação?

— Seu arquivo deveria ser confidencial. Todos os documentos referentes

ao recrutamento de novos agentes secretos, assim como qualquer coisa referente à existência da Academia, são de Nível de Segurança A1. Somente para *Seus Olhos*, divulgação proibida. E, no entanto, oito horas depois de você chegar aqui, um agente inimigo viola nossa área, sabendo exatamente onde encontrá-lo e possuindo detalhes do seu arquivo.

— Então... há um informante? — perguntei.

— Uau — disse Erica sarcasticamente. — Descobriu isso sozinho?

— E quem é?

— Esta é a pergunta de um milhão de dólares: onde você entra nisso tudo?

Click. Outra peça do quebra-cabeça se encaixou. O motivo pelo qual meu arquivo dizia que eu possuía talentos que desconhecia era porque eles não existiam.

— Ah, não! Eu sou a isca?

Não tinha como afirmar isso na escuridão, mas, pela primeira vez, parecia que Erica ficou um pouquinho impressionada com minhas habilidades dedutivas. O que me dava o mínimo do mínimo de entusiasmo, considerando o que acabava de descobrir.

— É isso aí — disse ela. — Você foi trazido como parte da Operação Texugo Rastejante.

— Texugo Rastejante? — perguntei, incrédulo.

— Acho que eles têm a impressão de que texugos caçam toupeiras, que é uma palavra usada para “informante” — explicou Erica. — Na verdade, não caçam, mas os caras que deram o nome são espiões, não biólogos. De qualquer forma, parece que o plano era prender você, te fazer passar por um gênio da criptografia e atrair o inimigo... só que o inimigo se moveu muito mais rápido do que a Academia esperava, porque pegou o diretor e todos os outros de surpresa esta noite.

Meu coração batia ainda mais rápido, mas agora não por causa da Erica.

— A escola armou tudo pra que um assassino viesse atrás de mim?!

— Bem, eles provavelmente não estavam contando com um assassino. Mas, sim, essa é a ideia geral.

Outra peça do quebra-cabeça se encaixou. Só que, quanto mais eu via o

panorama geral, menos eu gostava.

— Então... meu recrutamento foi uma farsa?

— Sim.

— Ao menos sou qualificado pra ser um espião?

— Na verdade, não — disse Erica. — Acho que te escolheram porque você tem boas habilidades em matemática. Então, no papel, parece que poderia ser um gênio da criptografia. E porque você mora perto.

Baixei a cabeça. Havia muitas coisas pesadas para lidar, mas esta era a pior. Passar da euforia de que poderia ser um espião de elite para a descoberta de que tudo não passava de uma armação, e que poderia ter me matado, me deixou arrasado. E quanto mais pensava nisso, mais furioso eu ficava.

Lembrei-me do diretor me interrogando no quarto da Tina.

— O diretor me arrastou pra isso e agiu como se eu tivesse errado — eu disse. — Mas foi ele quem errou. Quase me mataram esta noite!

— Ele provavelmente não esperava que nossos muros pudessem ser violados tão facilmente — disse Erica com um suspiro. — Que idiota. Se o inimigo sabe o que está em nossos arquivos ultrassecretos, por que não saberia como burlar nosso sistema de segurança? Este assassino destruiu todas as câmeras que precisava. Ele sabia exatamente onde todas estavam. Provavelmente sabe mais sobre este *campus* do que o diretor.

— Pelo menos, seu pai está envolvido agora — eu disse. — Ele não vai cometer erros como esse.

Para minha surpresa, em vez de concordar, Erica enrijeceu ao ouvir a menção ao pai. A temperatura já fria na sala pareceu cair mais alguns graus.

— Sim. Alexander está envolvido — disse ela, sem se comprometer.

Parecia melhor tentar mudar de assunto.

— Ele passou bastante tempo tentando fazer com que eu me lembrasse da sequência do que aconteceu no meu quarto. Por quê?

— Pra avaliar quem poderia ser o inimigo. Não sabemos quase nada sobre ele, além de que tem acesso às nossas informações. Então, é assim que funciona a caça ao informante: eles criam um bode expiatório, você, que eles fazem passar por um recruta incrível, um prodígio em decifrar

códigos. Isso torna você um divisor de águas. Não só todo o material codificado deles está em risco agora, como você inventou algo, codinome Cata-vento, que vai mudar tudo relacionado à criptografia. Cata-vento é o que chamamos de “gancho”. Eles não especificam o que é, apenas que se trata de algo revolucionário, só pra atrair o inimigo. Então, se acomodam e esperam o inimigo aparecer.

— Agora, o que o inimigo faz com essa informação nos diz algo sobre eles. Se simplesmente tentarem te matar, são bandidos. Eles te veem como uma ameaça e querem te eliminar. Mas se tentarem te forçar a explicar o que é o Cata-vento pra eles, a história é outra.

— Era isso que esse cara estava tentando fazer. Queria me assustar pra que eu contasse tudo a ele.

Erica assentiu.

— Seja lá quem estivermos enfrentando, é inteligente. Querem o que você sabe. Ou, pelo menos, o que acham que você sabe. A boa notícia é que você provavelmente vale mais pra eles vivo do que morto.

— E a má notícia é que esta não é a última vez que alguém vai tentar me pegar.

— Certo. Mas não farão do mesmo modo da próxima. Eles já tentaram uma vez.

— Você tem alguma ideia de quem estamos falando aqui? — perguntei.
— Quem são essas pessoas?

— Ah, há muitas possibilidades: organizações criminosas, corporações multinacionais querendo proteger seus interesses, ex-agentes descontentes... embora eu diria que é uma agência rival de outro país. Uma que vê os Estados Unidos e a CIA como uma ameaça.

— Por que diz isso?

— Faz sentido, considerando o que fizeram aqui da última vez.

— Espere. Esta não é a primeira vez que se infiltram na escola?

Erica me estudou por um momento, avaliando o quanto ela poderia compartilhar.

— Você não achou estranho ser recrutado pra uma nova escola no meio de janeiro?

— Sim. Perguntei ao seu pai sobre isso.

— E o que ele disse?

— Surgiu uma vaga repentina. — Assim que estas palavras saíram da minha boca, percebi que elas, como tantas outras coisas que eu ouvira na escola de espionagem, eram um eufemismo pra uma história muito mais sombria. — Ah, não! Alguém morreu?

— Joshua Hallal. Um aluno do sexto ano. Incrivelmente talentoso. Seria o melhor da turma, um dos melhores agentes secretos que a Academia já produziu, uma ameaça real aos nossos inimigos. — Erica se virou. Eu não tinha certeza, mas parecia que havia uma lágrima em seus olhos. O que teria sido o primeiro traço de emoção que a vi demonstrar. — A escola encobriu, claro. Alegou que Josh teve uma reação alérgica grave a uma picada de abelha. O que o tornou inapto pra servir. Então, o dispensaram e o colocaram, junto com sua família, no Programa de Proteção a Testemunhas. Eles poderiam muito bem ter nos dito que o mandaram pra uma fazenda no interior, onde há muito espaço pra ele correr.

— O que realmente aconteceu com ele?

Erica deu de ombros.

— Não sei os detalhes... ainda. Só sei que aconteceu. E assustou todo mundo, da Administração da escola até o próprio presidente. Ninguém fora da Academia deveria saber quem era o Josh. Nem mesmo os pais dele.

Franzi a testa.

— O quê? — perguntou Erica.

— Deve haver muitos bons futuros espões aqui — eu disse. — Talvez nem todos tão bons quanto você e Joshua. Mas quase. Por que se deram tanto trabalho pra matá-lo? Principalmente quando tudo revelou que eles têm um informante infiltrado.

Erica olhou para mim. Pensei ter visto o menor traço de um sorriso nos cantos de sua boca.

— Você pode ser um péssimo espão, mas não é burro. Tem razão. Foi arriscado terem matado o Josh. O que significa que, provavelmente, havia um motivo pra terem feito isso.

— Alguma ideia?

— Estou cogitando algumas.

— Isso é tarefa sua?

— Não. É um caso para a Administração, mas eles praticamente estragaram tudo até agora. A pequena visita que você teve essa noite é a prova número um. Tudo isso poderia ter acabado hoje se tivessem me deixado participar. Ou qualquer pessoa competente, na verdade. É uma pena. Josh merece mais. Então, a partir de agora, vamos considerar esta a nossa tarefa secreta.

Senti uma onda de entusiasmo.

— Nossa?

— Acha que me dei ao trabalho de entrar aqui e te contar tudo por diversão? O erro número um que a Administração cometeu até agora: não deixar você saber que é o bode expiatório. Tudo bem que devem ter imaginado que você surtaria e se jogaria contra a parede, mas, mesmo assim... não é assim que se conduz uma operação. Seremos melhores. Vamos achar esse informante, descobrir pra quem ele trabalha e acabar com tudo. Está comigo?

Erica estendeu a mão. Olhei para ela com cautela.

Era óbvio que meu plano de voltar para casa naquela manhã não existia mais. Havia agentes de uma organização inimiga desconhecida me procurando; e se estivessem dispostos a se infiltrar num recinto ultrassecreto e bem guardado para me pegar, nossa patrulha do bairro provavelmente não me manteria seguro. Eu estaria melhor numa escola de espionagem do que em qualquer outro lugar.

Contudo, essa convicção tinha pouco a ver com a Administração, que tinha estragado praticamente tudo em que haviam tocado, e muito a ver com Erica. E embora ela parecesse ter alguns receios sobre o envolvimento do pai, eu não tinha. Na verdade, estava feliz por ter Alexander Hale no caso.

Mas concordar com uma investigação secreta era outra história completamente diferente. Soava imprudente, perigoso, insubordinado... e assustador, considerando que eu ainda não tinha feito uma única aula de espionagem.

Por outro lado, me daria uma desculpa para passar um tempo com a Erica. Provavelmente, esta seria minha única desculpa. Se eu recusasse, é possível que ela nunca mais voltasse a falar comigo.

E, no entanto, havia outra coisa que me motivava ainda mais que minha paixão de estudante: a chance de provar meu valor.

A Academia só me recrutou como isca por causa da minha aptidão em matemática e da minha proximidade. Eles não achavam que eu tinha o necessário para ser um espião e, portanto, era provável que, assim que a caça ao informante terminasse, encontrariam um jeito de me dispensar. Entretanto, se eu ajudasse a encontrar o informante, isso provaria que eu poderia ser útil para a CIA. Não teriam motivo para se livrar de mim sem mais nem menos.

Além disso, embora fosse arriscado, parecia menos perigoso do que esperar a Administração resolver as coisas.

No fim das contas, porém, foi realmente a questão de sair com a Erica que me fez decidir.

Apertei a mão dela. Era macia e quente.

— O que fazemos agora? — perguntei.

CAPÍTULO IX

Disseminação

Quadrilátero Hammond

17 de janeiro

08:50 horas

— E aí, Ben? — perguntou Mike. — Como está a Escola de Ciências? Muita chatice?

Eu deveria ter ignorado o telefonema. Eram 8h50 e eu estava tentando descobrir como chegar à minha primeira aula. Mas depois de tudo o que aconteceu, precisava desesperadamente ouvir uma voz amiga.

— Não é chata — retruquei. — Na verdade, tem sido bem animada.

— Claro que sim. O que fez ontem à noite? Lição de casa?

— Quase isso.

— Quer saber o que eu fiz? Saí com a Elizabeth Pasternak.

Meu passo vacilou de surpresa.

— Saiu nada!

— Saí, sim.

— Quando?

— Depois do jogo de hóquei do meu irmão mais velho. O irmão dela está no mesmo time. Nossas famílias saíram para tomar sorvete depois. Sentei ao lado dela. Ela até dividiu o *sundae* dela comigo.

— Ah. — Olhei de soslaio para o mapa do *campus* enquanto ele balançava ao vento. Estava um frio de rachar. Cinco centímetros de neve fresca já tinham virado lama nas calçadas.

— E olha só — continuou Mike. — Os pais dela vão deixar ela receber uns amigos amanhã à noite. Adivinha quem está convidado?

— Não brinca.

— Não fique pra baixo. Ela disse que eu posso levar um amigo. Talvez

meu irmão consiga me levar até aí e a gente te dá uma carona.

— Acho que não vai dar certo — suspirei. Eu esperava que Mike me contasse sobre uma noite chata em frente à TV, algo que faria minha nova rotina parecer infinitamente mais legal. Em vez disso, eu estava perdendo a melhor oportunidade social de toda a minha vida.

— Você ficou louco? Vai deixar de ir a uma festa da Pasternak?

— Ela não vai dar a menor atenção pra gente.

— Claro que vai! E todas as amigas dela vão estar lá: Chloe Carter, Ashley Dinero, Frances Davidson... Você não pode deixar passar uma coisa dessas! Têm garotas na Escola de Ciências?

— Há muitas garotas aqui.

— É. Garotas *nerds* que só falam de ciências.

— Não. Garotas gostosas. Aliás, tem uma, a Erica, que faz a Elizabeth Pasternak parecer minha tia Mitzi.

— Mentiroso.

— É sério. Da próxima vez que eu a vir, te mando uma foto.

— Vá em frente. E não me mande uma foto de uma modelo de catálogo ou algo assim, porque eu sei.

— Ela é real, Mike. E é inacreditável.

Com o canto do olho, notei um grupo de colegas vestindo jaquetas pesadas e botas de inverno. Em vez de irem para aula como todo mundo, estavam me observando. Mas quando me virei para eles, todos desviaram rapidamente o olhar e fingiram observar um lugar qualquer.

— Ok — disse o Mike, cedendo. — Então, tem uma garota gostosa. Ela nunca vai sair com você.

— Ela saiu ontem à noite.

Houve uma pequena pausa antes de Mike responder. Quando ele respondeu, pude sentir algo em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes: ciúme.

— Numa espécie de dormitório misto, certo? Tipo em *Harry Potter*?

— Não. No meu próprio quarto. Ela veio me ver. Depois do toque de recolher. Ela poderia ter se metido numa grande encrenca por fazer isso.

Eu provavelmente estava violando umas doze diretrizes de segurança ao compartilhar essa informação, mas não consegui me conter. Além disso,

não estava dizendo toda a verdade sobre a escola. Só as coisas boas.

— E o que você fez? — perguntou Mike. Foi como se eu tivesse fígado um peixe.

— A gente só conversou. Por um bom tempo.

— Sobre o quê?

— Ela quer que eu trabalhe num projeto com ela. Só nós dois.

— Que tipo de projeto? Algum tipo de experimento científico?

— É um pouco mais interessante do que isso. Vou passar bastante tempo com ela.

— Nossa! Parece incrível.

— É mesmo. Preciso ir. Estou atrasado pra aula. — Não disse isso só pra deixá-lo no vácuo, querendo mais. Eu realmente corria o risco de me atrasar. Assim, juntei-me a um grupo de alunos que entravam às pressas pelo Bushnell Hall.

— Me manda aquela foto!

— Tá bom. Tchau. — Guardei meu celular no bolso com um sorriso. Era hora de começar meu treinamento.

CAPÍTULO X

Ninjas

Bushnell Hall
Sala de Aula 2c
17 de janeiro
09:30 horas

Minha primeira aula foi Introdução à Autopreservação. Diante dos últimos acontecimentos, eu teria ficado animado com ela mesmo que não achasse que seria útil. Eu esperava uma rápida imersão em combate corpo a corpo ou talvez uma discussão brilhante sobre como incapacitar um homem armado.

Em vez disso, foi um ronco só. Dois minutos depois do início da aula, eu já estava cochilando.

Em parte, isso se devia à falta de sono na noite anterior, mas, principalmente, ao carisma de pedra do Professor Lucas Crandall. Ele era bem velho, com cabelos brancos despenteados, a postura curvada como um ponto de interrogação e sobrelanceiras que pareciam ter sido atingidas por um tornado. Havia rumores de que ele servia à CIA desde os primeiros dias, e foi mandado para a escola de espionagem porque ninguém teve coragem de demiti-lo. Ele divagava com uma voz ofegante, quase impossível de ser ouvida, muitas vezes perdendo a linha de raciocínio e parando por longos períodos pra se lembrar sobre o que estava falando.

Graças a Deus, Murray tinha guardado um lugar para mim na última fileira.

A aula foi dada num auditório grande, como o de uma universidade, em vez do tipo de sala de aula pequena e quadrada com a qual eu estava acostumado na escola normal. Um semicírculo de assentos em camadas dava para um palco e um quadro-negro. Eu cheguei atrasado, pois me

perdi no prédio, embora, por sorte, a aula ainda não tivesse começado, pois Crandall também se atrasou. Meus colegas astutamente preencheram todas as últimas fileiras, deixando as da frente um deserto de assentos vagos. Com certa relutância, comecei a descer até eles quando Murray gritou:

— Ripley! Aqui!

Ele arrancou a mochila de um assento da última fileira e acenou para que eu me aproximasse.

— Nunca, jamais, sente na primeira fileira — alertou. — Mesmo que pra isso precise chegar bem cedo.

— Por que não?

— Depende da aula. Em Guerra Psicológica, a Srta. Farnsworth tem um mau hálito horrível. Em Armas e Armamentos, há estilhaços. Nesta... bem, é soporífero. Crandall não gosta de ver alunos desmaiados na primeira fila. Felizmente, ele não consegue enxergar muito bem além dali.

Crandall entrou arrastando os pés logo depois de mim, parecendo surpreso ao encontrar uma sala de aula inteira olhando para ele, como se não soubesse o que estava fazendo ali. Ele passou os três minutos seguintes procurando suas anotações nos bolsos e os próximos dois minutos procurando seus óculos de leitura. Só depois disso, finalmente conseguiu dar uma palestra, que não foi nem de longe tão estimulante quanto eu esperava. Crandall não é o pior professor que já tive. O pior foi o Sr. Cochran, meu professor de História do quinto ano, que não sabia aonde a Guerra de 1812 aconteceu, além do seu estilo de palestra ser seco feito pó.

A ideia geral por trás da “Introdução à Autopreservação” acabou sendo que a melhor maneira de se manter vivo era não se envolver em situações nas quais você poderia ser morto. Isso fazia sentido na teoria, mas não era muito útil quando havia assassinos ameaçando visitar o seu quarto com certa regularidade. A palestra daquela manhã era sobre como evitar ninjas, o que poderia ter sido interessante se o primeiro passo não fosse “Fique longe do Japão”. Além disso, Crandall rapidamente se distraiu, contando uma história confusa de seus dias de Guerra Fria.

A próxima coisa que eu soube foi que Murray estava me sacudindo para me acordar.

— Se vai cochilar, use isso — disse ele, colocando algo na minha mão.

Eram óculos baratos, sobre cujas lentes ele colou olhos recortados de uma revista. Enquanto eu estava inconsciente, colocou um par semelhante em si mesmo. Eram ineficazes e estranhos de perto, mas para alguém dando uma palestra a vinte e cinco metros de distância parecia que eu estava com os olhos arregalados e prestando atenção, mesmo dormindo profundamente.

— Valeu! — Aceitei os óculos, embora ainda não os tivesse colocado. Eu queria ficar acordado, mas não seria nada fácil. Tentei ser mais forte que a letargia que me dominava.

— Não lute contra — disse Murray. — Se pudéssemos usar as palestras de Crandall como arma, nunca mais teríamos que nos preocupar com nossos inimigos. Poderíamos simplesmente entediá-los até a morte.

Era meu costume não puxar conversa durante uma palestra, mas metade da turma estava fazendo isso enquanto Crandall insistia na sua fala monótona, completamente alheio ao fato de que estava sendo ignorado.

— Você não foi reprovado nesta matéria ano passado? — perguntei.

— Duas vezes — respondeu Murray.

— Não acha que deveria tentar ficar acordado desta vez?

— Claro, se eu quisesse ser um agente de campo. Mas a melhor maneira de evitar isso é ser um cara que nem consegue passar no básico da Autopreservação. A Administração ficará tão preocupada comigo, que vai me designar pro trabalho administrativo mais seguro da Agência. Provavelmente, nem vai me deixar usar um grampeador. Além disso, eu meio que gosto de repetir esta matéria. Posso recuperar o sono.

Logo depois, Murray afundou na cadeira, encostou a cabeça na parede do fundo e fechou os olhos.

Tentei me concentrar na palestra de Crandall, mas ele havia se desviado do assunto outra vez e estava tagarelando sobre o quanto odiou a sopa *borscht* na Rússia. Então, voltei minha atenção para o ambiente ao redor, como Erica tinha me instruído.

Na noite anterior, durante sua visita à Caixa, ela me deixou a par do seguinte:

— Por enquanto, há duas partes — disse. — Primeiro, descobrimos

quem teve acesso ao seu arquivo.

— Parece que todo mundo sabe — respondi. — Todo mundo sabe sobre o Cata-vento. Você, o assassino, Chip Schacter...

— São apenas três pessoas. Há trezentos alunos na escola, cinquenta professores e setenta e cinco funcionários de apoio. — Então, ela franziu a testa. — Chip sabia?

— Ele apareceu no meu quarto logo depois que cheguei, querendo que eu invadisse o *mainframe* pra ele.

— Deixe-me adivinhar. Para falsificar as notas dele nas provas.

— Isso.

— Nossa! Ele é ainda mais idiota do que eu pensava.

— Por quê?

— Você já viu aqueles filmes em que um especialista em computação invade qualquer *site* que queira em menos de um minuto?

— Claro.

— Bobagem total. A CIA tem especialistas em *hacking*, e podem levar meses para *hackear* um *mainframe*. Aí, pegam tudo o que sabem e usam pra proteger o nosso. O que significa que o *mainframe* da CIA é virtualmente impossível de *hackear*. Apesar disso, Chip acha que só porque você sabe algo sobre códigos, vai conseguir.

— Mas o fato de ele saber das minhas habilidades criptográficas significa alguma coisa, né?

— Acho que sim. Valeria a pena descobrir como ele conseguiu o seu arquivo.

— Como você fez para conseguir?

— Como meu pai poderia saber tanto sobre você quando foi recrutá-lo? Assenti, entendendo.

— Ele recebeu uma cópia.

— Um dossiê, sim. Mas não o analisou muito bem.

— Espera. Ele recebeu uma cópia física do meu arquivo? Isso não é tudo digital?

— Numa Agência de Analfabetos Computacionais? Nem tudo.

— Mas você disse que existe um *mainframe*.

— Isso não significa que todos saibam como usá-lo. Seu arquivo

provavelmente foi escrito num computador e armazenado no *mainframe*. Mas depois foi disseminado para várias pessoas avaliarem sua aptidão para o papel de Texugo Rastejante. Muitos desses caras são da velha guarda: têm medo de que alguém invada seus *e-mails*, mas não se importam em deixar um dossiê ultrassecreto espalhado pela casa. Fizeram cópias impressas... e uma delas acabou nas mãos do informante.

— Então, quem recebeu uma cópia além do seu pai?

— Não sei. As identidades dos membros do painel de revisão são confidenciais. Para encontrá-los, teremos que *hackear* o *mainframe*.

— O quê? Você acabou de dizer que isso é impossível.

— Não. Eu disse que era virtualmente impossível. Nada é completamente impossível.

— Então, como fazemos isso?

— Tirando proveito do elo mais fraco no sistema de proteção de um computador. O humano.

— Você gosta mesmo de ser enigmática, hein? — instiguei.

Erica me lançou um olhar severo.

— Ainda estou trabalhando nos detalhes. Enquanto isso, você pode trabalhar na segunda parte do nosso plano: ficar de olho.

— Em quê?

— Qualquer coisa interessante. Tudo que chamar sua atenção. O espião sabe quem você é e está de olho em você. Então, vamos tentar pegá-lo no flagra. Se alguém estiver te seguindo, se estiver te observando ou fingindo que não está te observando, se qualquer coisa fora do comum acontecer, eu quero saber.

— Acabei de chegar. Pra mim, tudo o que acontece é fora do comum.

— Certo, qualquer coisa que for realmente fora do comum, então. Só fique alerta.

Coloquei todos meus esforços na causa. Para alguém que havia resistido a dois atentados contra a vida no dia anterior (apesar de um ter sido encenação, mas ainda assim, bastante real), fiquei o mais alerta possível e não tinha conseguido pregar os olhos a noite toda. Mas descobrir quem estava prestando atenção em mim era mais difícil do que esperava...

Porque a escola inteira estava prestando atenção em mim. Tentavam

agir como se não estivessem, mas estavam. Não apenas o grupo de alunos que eu havia visto do lado de fora do prédio a caminho da aula. Havia outros na bagunça daquela manhã e um bando no corredor a caminho da aula... E agora, enquanto eu observava a turma da última fileira, havia um monte com o pescoço torcido, me observando também.

A garota sentada do outro lado de Murray nem tentou disfarçar. E nem conseguiria, de tão perto que estava. Ela era uma colega do primeiro ano, ainda usando sua ingenuidade como um distintivo. Era tão magra que parecia estar sendo engolida pela sua jaqueta de inverno, mas tinha olhos verdes tão brilhantes e grandes que lembrava uma personagem de desenho animado.

— Você é o Ben Ripley, certo? — ela perguntou. — O cara que lutou contra um assassino ontem à noite?

O jeito que ela disse isso me fez parecer bem legal. Tive que conter um sorriso.

— Sim... sou eu.

— Incrível. — A garota parecia mesmo animada para me conhecer. — Foi por isso que te recrutaram de última hora? Por que você é algum tipo de especialista em artes marciais?

— Não — admiti. — Eu sou bom em matemática.

— Certo — disse a garota. — Codificação e essas coisas. Todo mundo já ouviu isso. Mas você é como se fosse uma cortina de fumaça, certo? Porque Adam Zarembok é especialista em codificação e não consegue espantar nem uma mosca. Enquanto isso, há veteranos se graduando em artes marciais que nunca derrotaram um assassino.

— Bem, nenhum deles jamais foi atacado por um assassino — rebateu um garoto furão sentado na fileira à nossa frente.

Agora que a garota de olhos verdes tinha começado a falar comigo, todos por perto voltaram sua atenção para mim, ignorando descaradamente o professor Crandall.

— Eu sei — disse a garota, que depois virou-se para mim e perguntou. — Então, por que você fez aquilo?

— Não foi um ataque de verdade. Fazia parte dos meus AHSCs. — Detestei mentir, mas Erica tinha me avisado para não contar a ninguém

sobre a caça ao espião.

— Não, não foi. Os AHSCs nunca acontecem à noite— anunciou o moleque. — E dizem que você falhou feio nos seus.

— Ou fingiu falhar neles — disparou a garota de olhos verdes, vindo em minha defesa. — Para fazer qualquer assassino pensar que você não conseguiria derrotá-lo. O que, na verdade, você fez. Então, sério, o que foi aquilo?

— Ei! — Murray repreendeu, sem nem abrir os olhos. — Deixem o cara em paz, ok? Alguns de nós estão tentando dormir aqui.

Mas não repreendeu ninguém. Mais e mais alunos olhavam para mim.

— Não tenho permissão pra falar — eu disse a eles. Foi tudo o que eu consegui pensar.

Muitas pessoas franziram a testa, decepcionadas.

— Claro que não — disse a garota, estendendo a mão fina, bem pequena em comparação com a manga da jaqueta. — Sou a Zoe. Acho o que você fez incrível.

Em toda a minha vida, nunca uma garota se apresentou a mim, muito menos disse que algo que eu fiz foi incrível. Aquilo era bom. Assim como ter tantas pessoas impressionadas comigo, eu merecendo ou não. Poucas horas antes, estava mortificado, envergonhado, assustado e deprimido com tudo o que havia acontecido na escola de espionagem. Mas, por enquanto, eu havia passado de um Zé Ninguém para alguém interessante.

— Prazer em conhecê-la — apertei a mão de Zoe no colo de Murray.

— Belas mãos — disse Zoe. — Você consegue matar com elas?

— Ainda não tentei — admiti, e Zoe riu.

— Sou Warren — interrompeu o garoto furão. Ele não pareceu gostar do fato de Zoe estar rindo de algo que eu disse.

Vários outros colegas do primeiro ano também se apresentaram. Fiz o possível para memorizar os nomes, assim como os rostos. Dashiell, Violet, Coco, Marni, Buster e um par de Kiras...

— Vocês são todos patéticos — disparou alguém na fileira de baixo. Inclinei-me para ver quem era e encontrei Greg Hauser, o capanga de Chip Schacter, me encarando. — Ele é um fracassado, e vocês são duplamente fracassados por acharem que ele não é.

— Ele botou um assassino pra correr ontem à noite — Zoe retrucou. — Enquanto você já repetiu nesta matéria, quantas vezes? Quatro até agora?

Hauser franziu a testa gigante, fazendo covas tão profundas que daria para plantar milho nelas.

— Ontem à noite foi tudo mentira. Chip me contou. Quer dizer, olha só pra este otário. — Ele apontou um dedo carnudo na minha direção. — O cara é um idiota. Se fosse um assassino de verdade, ele teria matado o cara.

— Se fosse mentira, por que a Administração entrou em DEF-CON4 ontem à noite? — perguntou Zoe. — O diretor estava surtando com suas pantufas de coelho. Admita, Ben é o cara. Ele poderia usar você para limpar o chão.

— Vamos tirar a prova então — disse Hauser. — Hoje, na academia, depois do almoço.

— Pode apostar — disse Zoe.

— Espera — eu disse. Mais uma vez, fiquei espantado com a rapidez com que as coisas podiam piorar na escola de espionagem. — Não acho que seja uma boa ideia.

— Por quê? — provocou Hauser. — Vai amarelar?

— Claro que não — zombou Zoe.

A notícia de que poderia haver uma briga se espalhou pela sala como pólvora. Agora, praticamente a turma inteira estava me encarando.

Olhei para Murray, na esperança que ele soubesse como me tirar daquela situação. Ele estava dormindo. Usando aqueles óculos, parecia ser a única pessoa ainda prestando atenção na palestra.

Então, fiz o possível para improvisar uma resposta.

— Prefiro não fazer isso. Lutei com um assassino ontem à noite. Acho que preciso descansar hoje.

— Sr. Ripley! — Crandall retrucou.

Todos os olhos, inclusive os meus, se voltaram para o palco. Crandall finalmente recuperou o foco e voltou tudo para mim. Suas sobrancelhas brancas e rebeldes se curvaram sobre olhos raivosos.

— O senhor é novo aqui, não é?

— Hã... sim.

— O senhor se transferiu para cá de uma escola onde era aceitável fazer

a corte durante a palestra de um professor? — perguntou Crandall.

— Não, senhor — respondi.

— Ah. Então, devo presumir, pela ignorância que tem dirigido à minha palestra, que o senhor sente que não tem mais nada a aprender sobre a arte da autopreservação?

Os outros alunos rapidamente se afastaram de mim. Zoe agiu como se não tivesse tido nada a ver com a conversa. Até Hauser fingiu inocência.

— Não, senhor — repeti.

— Então deve ser só o assunto de hoje que o entedia — disse Crandall. — Presumo que tenha lido a tarefa da noite passada, capítulos 64 a 67 de *Fundamentos da autopreservação*, de Stern?

Eu nem tinha recebido meus livros ainda. Era algo que pretendia perguntar ao professor no final da aula.

— Hã... bem... — gaguejei. — Acho que houve um engano.

— Talvez — disse Crandall friamente. — Vejamos. Por que não testamos seus conhecimentos com um pequeno teste surpresa?

No instante em que ele disse essas palavras, todos os meus colegas arregalaram os olhos de medo e, em seguida, evacuaram a sala. Os assentos ao meu redor se esvaziaram como se, de repente, eu tivesse me tornado venenoso. Até Murray acordou do nada e saiu correndo.

— Foi bom te conhecer — disse ele.

Em segundos, a sala de aula estava vazia, exceto por Crandall e eu.

— Que tipo de teste surpresa é esse? — perguntei, nervoso.

— Um sobre o tema de hoje: ninjas.

Crandall abriu uma porta perto do pódio e três ninjas saltaram por ela. Estavam vestidos de preto da cabeça aos pés e armados até os dentes.

Você só pode estar brincando, pensei. E então corri em direção à saída. As portas se trancaram automaticamente quando me aproximei. Meus colegas espiaram pelas janelas, observando com uma mistura de preocupação e alívio por não serem eles dentro da sala.

Uma estrela ninja cravou-se na porta. Virei-me e dei de cara com os ninjas subindo lentamente os degraus. O da frente girava um par de adagas *sai* afiadas como navalhas. Os outros dois giravam *nunchakus*. Crandall assistia do palco, já franzindo a testa para minha *performance*.

— Regra número um para lutar contra ninjas: nunca vire as costas para eles — e estalou a língua.

Segurei a mochila à minha frente. Não achei que isso me ajudaria muito em termos de defesa, mas era tudo o que eu tinha.

— Posso tirar um zero? — perguntei. — Sinto muito por falar durante a aula. Nunca mais farei isso!

— Vamos ver do que ele é feito — disse Crandall.

Os ninjas gritaram alto o suficiente para estremecer a sala e atacaram.

Joguei minha mochila neles. O primeiro a cortou ao meio no ar.

Corri. Fui direto pelo corredor entre as cadeiras, pensando que aquela escola era ainda mais maluca do que eu jamais poderia imaginar, rezando para que aquilo fosse apenas mais uma farsa, que jamais machucariam de verdade um aluno...

Algo assobiou no ar atrás de mim.

Virei-me e vi um *nunchaku* encurtando a distância entre o ninja que o havia lançado e minha testa a uma velocidade tremenda.

Isso foi seguido por uma dor absurdamente inacreditável.

E então tudo ficou escuro.

CAPÍTULO XI

Pacto

O Ninho da Águia

17 de janeiro

20:00 horas

— Finalmente! O jovem agente acordou!

Gemi. Minha cabeça parecia ter sido preenchida com pedras e rolada morro abaixo. Até mesmo abrir os olhos para a luz doía, embora fosse um pouco melhor do que voltar a dormir: as últimas horas tinham sido repletas de pesadelos com ninjas e assassinos.

Meu primeiro vislumbre do ambiente ao meu redor parecia a anos-luz de distância da escola de espionagem. Até então, tudo o que eu havia encontrado na Academia tinha sido frio e duro: tons industriais de cinza e decoração da Guerra Fria. Mas o quarto em que eu estava era quente e aconchegante. As paredes estavam cobertas com gravuras de caça e forradas com prateleiras cheias de livros com capa de couro. Chamas crepitavam numa grande lareira de pedra. Eu estava esparramado num sofá maravilhoso, macio e com cheiro de pinheiro.

Alexander Hale apareceu, envolto em um *smoking* bordô e bebendo um copo de *Gatorade* verde *neon*.

— Como está a cabeça?

— Doendo — respondi. Minha testa, bem entre os olhos, parecia pior. Eu a toquei com cuidado e senti um caroço do tamanho de um ovo de passarinho.

— Imagino. Lembro-me da primeira vez que fui atacado por ninjas. Coreia do Norte. Eu tinha me formado na Academia havia poucos meses. Minhas habilidades em artes marciais não eram as de agora, mas, felizmente, enfrentei apenas dois e eu tinha uma fivela de cinto explosiva.

— Alexander olhou para o fogo, invadido por melancolia. — Ah, as lembranças.

Sentei-me, fazendo uma careta, olhei para a janela... e descobri, para o meu espanto, que já estava escuro lá fora.

— Que horas são?

— Quase hora do jantar. Você passou o dia todo apagado.

— O dia todo?! Eu não deveria estar no hospital?

Alexander riu baixinho.

— Por causa de um galo pequeno igual a esse? Isso não foi nada. Uma vez, no Afeganistão, fiquei inconsciente por oito dias. Além disso, você parecia precisar de descanso. Que tal um *Gatorade*?

— Sim, claro.

— Um instante. — Alexander entrou numa pequena cozinha e abriu a geladeira. Estava cheia de garrafas de água mineral e *Gatorade* das mais variadas cores. — Hidratação adequada é extremamente importante no nosso negócio. Embora você também não deva exagerar. Certa vez, precisei urinar tanto durante um tiroteio na Veneza que perdi o foco e quase levei um tiro na cabeça. Qual sabor? Blue Ice? Frutas silvestres?

— Laranja.

— Ah. Um conservador. Muito bom. — Alexander verteu em um copo alto e gelado e me trouxe.

Ele estava certo. A bebida fez com que me sentisse melhor. A dor na minha cabeça diminuiu e minha mente estava clareando, embora eu ainda estivesse um pouco tonto. Por exemplo, sabia que havia algo errado com o quarto em que estávamos, mas não conseguia identificar o quê.

— Onde estou? — perguntei.

— Você ainda está no *campus*. Houve uma discussão sobre levá-lo para a enfermaria ou não, mas, dada a sua situação em relação aos agentes inimigos, achei que seria mais seguro mantê-lo aqui, nos meus aposentos pessoais.

— Quer dizer que... você mora aqui?

Alexander riu com vontade.

— De jeito nenhum. Tenho um lar de verdade na cidade. Isto aqui é mais como um lugar secundário, para aqueles momentos em que o

trabalho exige minha presença. E agora eu preciso estar aqui.

— Para ajudar a caçar o informante.

As sobranças de Alexander se arquearam. Era a primeira vez que eu o pegava desprevenido. O que significava que ele não fazia ideia de que Erica tinha ido me ver na noite anterior; por algum motivo, ela não tinha contado a ele. Eu me perguntei qual a razão daquilo... e se eu tinha cometido um erro ao mencionar a caça ao informante.

Felizmente, Alexander não ficou desconfiado. Em vez disso, pareceu satisfeito.

— Descobriu sozinho, não é? Eu disse a eles que você era inteligente. Como conseguiu juntar tudo?

Se Erica queria que sua investigação permanecesse em segredo, então decidi mantê-la guardada.

— Bem, quando considerei minhas habilidades com criptografia falsa, a tentativa de assassinato e a reação do diretor, tudo pareceu meio óbvio.

Alexander riu de novo, deu um tapa no meu joelho e se jogou em uma cadeira estofada ali perto.

— Para você, talvez. Mas não para todo mundo. Bom trabalho, Ben. Você me lembra de mim mesmo quando eu era mais jovem. Um verdadeiro empreendedor. Quando eu tinha apenas vinte e dois anos, localizei um traficante de armas em Jacarta que havia escapado da divisão de narcóticos durante uma década. Bem, agora que você já sabe toda a verdade, acho que pode ser útil.

— Achei que o diretor quisesse me manter no escuro.

— E, pelo que ele sabe, você vai ficar mesmo. Aliás, ninguém precisa saber que você está me ajudando, a não ser eu.

— Nem mesmo a Erica? — Mais uma vez, Alexander pareceu um pouco confuso, como se não soubesse bem o que dizer sobre a filha.

— A Erica é uma excelente aluna. Admito que já dei muitas aulas particulares a ela ao longo dos anos. Ela será uma agente incrível um dia... Mas não tenho certeza se está pronta para isso.

— E eu estou?

— Bem, você não tem escolha, tem? Você faz parte disso, querendo ou não. Acho que seria melhor mantermos isso entre nós por enquanto. Será a

nossa pequena operação clandestina. Você deve estar faminto. — Alexander disse essa última parte rapidamente, como se estivesse tentando mudar de assunto. Mas ele estava certo. Eu não comia desde o café da manhã.

— Estou.

— Tenho comida congelada. Não exatamente um filé-mignon, mas ainda é melhor do que qualquer coisa que você possa encontrar no refeitório. — Alexander voltou para a cozinha e vasculhou o congelador.

— Pizza, pode ser?

— Tá ótimo, obrigado.

Alexander pegou uma de pepperoni e a colocou no forno.

— Certo, vamos ao que interessa. Alguém sabe quem pode ser o informante?

— Hã... Eu esperava que você soubesse disso.

— Ah, eu tenho minhas suspeitas — disse Alexander. — Mas só decidi entrar na briga hoje. Você estava no meio disso. Logo, suas opiniões são importantes. Então... quem você acha que é?

— Eu não sei. Realmente não tive muito tempo pra investigar... e fiquei inconsciente a maior parte do dia...

— Sim, mas você deve ter alguma ideia. Um instinto?

— Chip Schacter.

— Arrá! — Alexander se sentou na beirada da cadeira, os olhos arregalados de excitação. — E por que você suspeita dele?

— Ele sabia o que estava no meu arquivo. Eu mal tinha entrado no meu quarto e ele apareceu, querendo que eu invadissem o *mainframe* da escola.

— Para roubar segredos?

— Não. Pra alterar as notas dele.

— Ou foi o que ele alegou — disse Alexander, desconfiado. — História decente. Imagino que ele tenha te ameaçado com força bruta.

— Sim.

— Então você *hackeia*, ele rouba os arquivos e, se algo der errado, você se ferra. Esperto. — A avaliação que Erica fez de Chip na noite anterior voltou à minha mente.

— Mas Chip não é realmente conhecido por ser inteligente, não é?

— Não, mas tudo isso pode ser um stratagema. Ele pode ser tão inteligente ao ponto de parecer o contrário. Afinal, foi inteligente o suficiente para entrar na Academia, não foi?

Era verdade. Enquanto eu só tinha sido aceito pelo meu potencial como isca. O que significava que, em algum nível, Chip era melhor em espionagem do que eu, não importando o que Erica pensava dele.

— Acho que sim.

— Então ele tem conhecimento de informações confidenciais sobre você e usa as habilidades alheias para propósitos nefastos. Mais alguma coisa suspeita sobre ele?

— Bem... não fiz o que o Chip queria... e ele não gostou disso. Daí, me ameaçou. — De repente, percebi uma coisa. — Então, naquela mesma noite, o assassino entrou no meu quarto.

— Interessante. — Alexander permaneceu calmo e controlado, mas seus olhos brilhavam de excitação. — Talvez o Chip estivesse tentando te pressionar.

— Sim! E então, hoje de manhã, ele estava espalhando boatos de que a tentativa de assassinato era falsa.

— Campanha de desinformação. Muito sagaz mesmo. Acho que o Sr. Schacter tem potencial para ser um espião. Bom trabalho, meu rapaz. — Alexander deu um tapinha no meu joelho e voltou para a cozinha verificar a pizza.

Não pude deixar de sorrir. Alexander Hale, um dos maiores espiões dos Estados Unidos, não estava só propondo que comandássemos uma operação clandestina juntos, como também parecia satisfeito com minhas habilidades investigativas. Sua estranha relação com Erica; o fato de nenhum dos dois querer que o outro soubesse o que estavam tramando me incomodava um pouco, mas eu certamente conseguia entender seus motivos. Alexander estava tentando proteger a filha do perigo, enquanto Erica tentava provar que podia ser uma agente sem a ajuda do pai. Eu não gostava de guardar segredos de nenhum dos dois, mas era a minha oportunidade de trabalhar tanto com o mestre espião quanto com sua linda filha. Era quase o suficiente para compensar a desvantagem de que alguém planejava me matar em breve.

Alexander deslizou a pizza quente para uma tábua de corte. Havia um porta facas cheio delas ali perto. Ele escolheu uma espada de cavalaria e cortou a pizza em oito partes.

— Algum outro possível suspeito rondando sua cabeça?

Pensei um pouco. Outro nome surgiu.

— Não sei sobre este, mas você disse para confiar nos meus instintos...

— Nunca questione seus instintos. Uma vez, eu estava indo para um esconderijo no Catar quando tive a sensação de que havia algo errado. Nenhuma evidência, apenas meu instinto. Então, não entrei. Trinta segundos depois, o lugar explodiu. Nawaz-al-Jazzirrah havia se infiltrado no local equipado com explosivo c-4 suficiente para afundar um navio de guerra. Se eu não tivesse confiado em mim mesmo, seria uma névoa fina agora. Então, o que seu instinto está lhe dizendo?

— Bem, se é concebível que o Chip possa estar se fazendo de bobo, por que não um de seus capangas, que supostamente são ainda mais burros do que ele?

— Agora sim. De quem você suspeita? — Alexander deslizou a pizza para a mesa de centro de mogno à minha frente. Ele a deixou no forno por tempo demais e queimou a borda, mas eu não me importei. Estava morrendo de fome.

— Greg Hauser — respondi entre uma mordida e outra. — Foi ele quem me meteu em encrenca na aula do Professor Crandall hoje. Ele alegou que o Chip disse que o assassino era falso, mas e se o Chip nunca disse isso? Talvez tenha sido ideia do Hauser o tempo todo, e ele estava jogando a culpa no outro. Aliás, talvez o Hauser tenha induzido o Chip a tentar me intimidar pra *hackear* o *mainframe*, pra início de conversa. — Alexander mastigou seu pedaço de pizza, pensativo.

— Hummm. O velho Titereiro de Petersburgo...

— O quê?!

— Ah, desculpe. Só um pouco de gíria de espionagem. Refere-se a alguém que parece ser apenas o capanga, mas, na verdade, é o gênio do crime, manipulando todos os cordéis. Muitas vezes, o marionete nem sabe que está sendo usado. Nós o chamamos de “Titereiro de Petersburgo”, em homenagem a um infame agente russo da Guerra Fria que parecia um

humilde burocrata da KGB de São Petersburgo, mas que na verdade estava no comando. Eu gosto desse Hauser. Gosto muito. — O celular de Alexander tocou. Ele verificou o identificador de chamadas. — Ah. Preciso atender. É um contato importante.

Ele entrou rapidamente no quarto, deixando-me devorando a pizza perto da lareira, mas não fechou a porta. Então, pude ouvir alguns trechos de sua conversa:

— *Onde devemos nos encontrar?... Ah, muito bem. Adoro ópera... Claro que vou usar um pseudônimo... Tão cedo?... Tudo bem.*

Ele voltou dois minutos depois, elegantemente vestido com um *smoking*.

— Sinto muito, mas o dever me chama. Fizemos um excelente trabalho aqui hoje. Realmente excelente. Como estava a pizza?

— Ótima — menti.

Alexander fechou as abotoaduras.

— Desculpe, mas preciso vendá-lo antes de sairmos. A localização deste aposento é confidencial.

— Ah. Tudo bem. — Então me ocorreu que eu não tinha saído do sofá durante todo o tempo em que estive lá. Nem tinha olhado pela janela. Assim, não fazia ideia de onde ficavam os aposentos de Alexander em relação a qualquer outro prédio do *campus*. Minha jaqueta e botas de neve estavam bem ao lado do sofá. Eu as coloquei. — Então, o que fazemos agora?

— Você simplesmente continua o que estava fazendo. Fique de olho em Schacter e Hauser... e em qualquer outra pessoa que ache suspeita. Vou ver o que consigo descobrir sobre eles. Tenho bastante experiência com informantes. Encontrei um em Karachi ano passado. — Alexander amarrou um cachecol de lã sobre meus olhos e tudo ficou escuro. — Consegue ver alguma coisa?

— Não.

— Perfeito.

Ouvi um barulho metálico, depois o som de algo grande se abrindo. Finalmente, percebi o que havia de estranho nos aposentos de Alexander: não havia porta de entrada.

Não uma óbvia, pelo menos. Imaginei que a entrada estivesse escondida atrás de uma das muitas estantes de livros. Entramos no que percebi ser um elevador, embora não conseguisse estimar por quantos andares passamos. Uma lufada de ar frio nos atingiu quando as portas se abriram novamente.

Alexander me conduziu por mais algumas voltas e reviravoltas, possivelmente passamos pelo mesmo lugar uma ou duas vezes, antes que tirasse a venda de mim. Estávamos no grande *hall* de entrada do Edifício Hale. Lá fora, a neve fresca se acumulava no para-brisa do Porsche de Alexander.

— Fique alerta! — Alexander me disse. — Entrarei em contato!

Então, ele enrolou o cachecol no pescoço e saiu no frio.

Foi somente quando ele partiu que percebi mais uma coisa estranha sobre aquela noite: embora eu tivesse dado a Alexander todas as pistas que tinha, ele não havia compartilhado uma única informação sobre sua investigação comigo. Nenhuma.

CAPÍTULO XII

Guerra

Campo de Treinamento da Academia

8 de fevereiro

14:00 horas

— Morra, Ripley! — Minha oponente surgiu de trás de uma pedra, disparando sua arma para todos os lados.

Fugi pela floresta, com projéteis explodindo nas árvores ao meu redor. Eu não sabia o nome dela, embora a reconhecesse da aula de Química 102: Venenos e Explosivos. Era um ano mais velha que eu, tímida e reservada na aula, embora ali, no campo de batalha, tivesse encontrado uma maneira de liberar seu “Rambo interior”.

Claro que ela me conhecia. Todo mundo já me conhecia. Eu estava na escola de espionagem havia apenas três semanas, mas era famoso, seja como o garoto que derrotou um assassino com uma raquete de tênis ou como o cara que foi derrotado por um ninja em tempo recorde na sua primeira aula.

Cheguei a uma encosta nevada que descia abruptamente em direção a um riacho e mergulhei nela. Uma bola de tinta passou assobiando perto do meu ouvido e explodiu em uma pedra. A neve estava na Academia havia tanto tempo quanto eu; uma crosta de gelo se formou sobre ela, transformando a encosta numa pista de trenó. Desci de cabeça, deixando minha oponente pra trás, ganhando velocidade rapidamente.

No final, bem à minha frente, havia uma pilha de pedras irregulares.

A ideia de uma simulação de combate pareceu atraente no início. Até então, as aulas na escola de espionagem tinham se mostrado uma decepção. Como Murray alertara, não eram muito diferentes das aulas na escola normal: entediantes. Técnicas Investigativas Primárias era tão chata

que entorpecia a mente. História da Espionagem Americana, na verdade, não passava de história americana com alguns toques de espionagem; deveria ter sido interessante, mas nossa instrutora, a Professora Weeks, devia ter repassado a matéria tantas vezes que parecia estar cochilando durante as próprias aulas. Álgebra, e seus usos para calibrar a mira, poderia ter sido desafiadora se eu não fosse talentoso; o Professor Jacobi disse que eu deveria ser promovido para cálculo, mas a papelada ainda não tinha sido entregue. E depois da empolgação da minha prova surpresa, as aulas de Autopreservação de Crandall haviam se transformado numa série de reminiscências vacilantes.

Um jogo de guerra prometia ser a chance de sair e me divertir. Basicamente, iríamos brincar de pega-pega com armas de *paintball*. Eu não esperava sobreviver por muito tempo. Pensei em correr um pouco entre as árvores, ser emboscado, depois me retirar para o “necrotério” e ter uma tarde de chocolate quente com os outros cadáveres. Mas o tempo ficou frio e começou a chover granizo. O treinador Macauley, nosso professor de educação física, anunciou que nossa nota seria determinada pelo tempo que permanecêssemos vivos. O primeiro quarto da turma a morrer receberia nota “D”.

Ninguém queria um “D”, exceto Murray, que “acidentalmente” deu um tiro no próprio estômago trinta segundos depois do início do jogo e foi tirar um cochilo.

As pedras no final da ravina estavam se aproximando rapidamente. Enfiei a coronha da minha arma no gelo e me segurei firme. A arma parou com um solavanco e eu a contornei. Continuei deslizando; fui rápido o suficiente para puxar a arma de volta, mas, pelo menos, agora eu estava deslizando com os pés. Assim, eu batia nas pedras com as solas das minhas botas de neve, em vez do meu rosto.

Minha oponente apareceu no topo da colina, com a arma em punho. Apontou para mim.

Tentei colocar a minha em posição, mas a alça se enroscou no meu braço. Lutei para colocar meus dedos enluvados no gatilho.

A garota mirou em mim.

— Foi um prazer te conhecer — ela sorriu.

Então, uma bola de tinta vermelha a acertou no capacete, respingando em todo o seu protetor facial.

Por um breve instante, fiquei impressionado comigo mesmo, surpreso por ter conseguido dar um tiro fatal.

Então percebi que não.

Zoe surgiu das pedras pontiagudas atrás de mim, segurando sua arma de *paintball*.

— Uma pequena lição para você! — gritou para a garota que acabara de derrubar. — Guarde os comentários sarcásticos pra depois que matar seu oponente!

A garota morta mostrou a língua para nós e se arrastou até o necrotério.

Eu me levantei, sacudindo a neve da minha jaqueta. Estava quase agradecendo, mas Zoe se adiantou.

— Bom trabalho, Cortina de Fumaça. Trouxe ela direto pra mim. Como você sabia que eu estava me escondendo aqui embaixo?

Pensei em contar a verdade: eu não fazia ideia de que a Zoe estava se escondendo atrás das pedras. Ela tinha me salvado. Mas eu não fiz nada. Sem ela, eu poderia ter sido o garoto mais sem graça da escola. Em vez disso, me tornei o Cortina de Fumaça.

Zoe adorava apelidos. E, apesar de todas as evidências contra mim, ela me achava legal. Depois de testemunhar minha rápida derrota para os ninjas, ela anunciava para quem quisesse ouvir que eu apenas fingi a derrota. Era uma cortina de fumaça: um estratagema para convencer meus inimigos de que eu não tinha habilidade, quando, na realidade, eu era uma máquina magricela e cruel de matar. Segundo a Zoe, eu fiz a mesma coisa com meus testes de AHSC, o que levou o assassino que foi ao meu quarto mais tarde naquela noite a pensar que eu seria uma presa fácil. Na verdade, Zoe insinuou publicamente que eu na verdade havia matado o assassino e que a escola encobriu o ocorrido. Ela me apoiou tanto, que até mesmo minha derrota vergonhosa para os ninjas reforçou sua fé em mim: ninguém conseguiria perder uma luta tão rápido daquela maneira, ela insistiu. Foi uma demonstração tão horrível de autodefesa, que só podia ser falsa.

Embora Zoe fosse apenas uma caloura como eu, era muito persuasiva. A história rapidamente ganhou vida própria. Chip e seus capangas, Hauser e Stubbs, fizeram o possível para divulgar a versão deles da história: eu não tinha ideia do que estava fazendo e tive muita sorte contra o assassino; o que era verdade. Mas, como poucas pessoas gostavam ou confiavam em Chip, isso só serviu para dar mais credibilidade à versão da Zoe. Agora, a escola estava dividida em dois grupos. A maioria achava que eu era o Cortina de Fumaça, algum tipo de superespião disfarçado que fingia ser incompetente. E o resto, que acreditava que eu era mesmo incompetente. Eu não estava nada confortável com tantas pessoas acreditando numa mentira sobre mim, mas era muito melhor do que se todos soubessem a verdade. As últimas três semanas tinham sido muito mais fáceis do que meu primeiro dia. Até consegui fazer alguns amigos e me divertir um pouco. A desvantagem era que eu sabia que isso não iria durar. Era só uma questão de tempo até todos descobrirem a verdade. Afinal, aquela era uma escola cheia de espiões em potencial. Então, decidi deixar tudo como estava.

— Estou monitorando a posição de todos — disse Zoe, que me fitou com os olhos arregalados de admiração.

A principal coisa que aprendi na escola de espiões foi: todos lá são impressionantes. Eu tinha sido mimado na minha antiga escola. Não havia muita competição para ser o melhor aluno. Acho até que meu professor de matemática tinha parado de se dar ao trabalho de corrigir minhas provas e começado a carimbá-las com “A”.

Enquanto isso, os alunos da escola de espionagem pareciam ser a nata da elite do país. Eram brilhantes. Eram atléticos. Eram inspiradores. Havia alunos que conseguiam derrotar dez ninjas de uma só vez. Alguns conseguiam abater atiradores de elite enquanto cavalgavam, outros construíam bombas com objetos domésticos e chicletes e pelo menos dois dominavam a pilotagem de um helicóptero enquanto lutavam contra um agressor usando apenas uma faca (pelo menos, no simulador). Eu tinha começado a entender por que minhas habilidades matemáticas não tinham sido suficientes para eu conseguir a vaga.

Mas ainda estava determinado a provar que pertencia àquele lugar. Por

mais maçantes que as aulas fossem, eu me dediquei aos estudos, devorando meus livros didáticos, tentando aprender tudo o que podia. (Ainda dormia na Caixa e, embora não fosse um lugar bonito, o confinamento solitário facilitava para focar os estudos). Dediquei tempo extra à academia e ao campo de tiro.

Então, algo como um “jogo de guerra” surgia, provando que eu ainda tinha anos-luz pela frente para alcançar meus colegas.

Zoe e eu nos escondemos no buraco nas rochas irregulares onde ela ficara escondida até eu chegar.

— Qual é o plano, Cortina de Fumaça? — ela perguntou.

Eu não fazia ideia de qual era o plano. A melhor opção era me esconder nas rochas e esperar que todos se matassem, o que eu sabia que não seria bem recebido por Zoe nem por nossos instrutores. No entanto, eu havia aprendido uma lição valiosa com Alexander Hale: você sempre pode pedir a alguém que te respeita para pensar por você.

— Ainda estou avaliando as opções — eu disse. — No que você está pensando?

— Tentando encontrar a bandeira — respondeu Zoe. — O Camaleão está fazendo reconhecimento.

Uma pomba arrulhou por perto, o que era estranho, considerando que todas tinham ido para o sul no inverno. Zoe arrulhou de volta.

— Aqui está ele.

Warren entrou sorrateiramente em nossa pequena caverna. Eu não era muito fã dele; ele era rabugento e muito rancoroso, mas sua habilidade em camuflagem era inegável. Ele usou seiva de árvore para colar grandes pedaços de musgo e casca de árvore por todo o corpo, depois sujou o rosto de terra. Havia até alguns caracóis, só para garantir. Parecia um terrário ambulante.

Warren se assustou ao me ver, depois pareceu dividido entre o alívio e a irritação. Eu já havia percebido que ele tinha uma quedinha pela Zoe, pois a seguia para todo lado como um agente inimigo e não gostava da atenção que ela me dava. Por outro lado, engoliu as histórias dela sobre minhas habilidades sem questionar.

— Boas notícias — disse Zoe. — Cortina de Fumaça está se juntando a

nós!

— Incrível — disse Warren, secamente.

— O que você encontrou? — perguntei.

— A equipe azul está com a bandeira deles no telhado do velho moinho.

— Warren desenhou um mapa na terra com um graveto. — Tem cinco homens guardando, quatro nos cantos, e o Mosca está no telhado.

Zoe franziu a testa. Mosca Bailey era o melhor atirador de elite da escola, um aluno do quinto ano que, segundo diziam, era capaz de decapitar uma pulga com uma bala a quilômetros de distância.

— Vai ser difícil.

— Sério — reclamou Warren. — Ele eliminou três membros da nossa equipe enquanto eu assistia.

Zoe e Warren me olharam com expectativa.

— Nunca fui ao moinho — eu disse. — Pode me descrever ele?

Não tive tempo de ver boa parte do *campus*. Considerando que havia assassinos em potencial me procurando, vagar pelos arredores sozinho não parecia uma boa ideia. Além disso, durante todo o tempo que eu não tinha passado estudando ou treinando, estava tentando ajudar a rastrear o informante.

Infelizmente, também não fui muito adiante nesse assunto também. Sempre que me aproximava de Chip ou Hauser, eles pareciam tão determinados a me vigiar quanto eu a observá-los. Nenhum dos dois fez nada suspeito. Também não encontrei nenhum outro possível informante. A única vez em que pensei ter uma pista, foi quando avistei Oleg Kolsky, um aluno do terceiro ano, saindo discretamente do *campus*. Mandeí uma mensagem imediatamente para Erica, que foi atrás dele, apenas para descobrir que estava fazendo uma visita não autorizada ao fliperama.

Erica não fez mais nenhuma visita ao meu quarto, mantendo contato comigo apenas por meio de bilhetes na minha nova mochila. (Ganhei uma mochila oficial da Academia depois que os ninjas destruíram a minha antiga). Eu nunca consegui entender como ela fazia isso. Um dia, tentei manter minha mochila à vista a tarde toda, e ainda assim encontrei um bilhete nela depois. As mensagens geralmente me instruíam a deixar minhas atualizações em vários pedaços de papel espalhados pela escola, o

que era constrangedor porque eu nunca tinha nada para relatar. Fora isso, Erica não demonstrava nenhum sinal de que sabia que eu estava vivo, muito menos de que eu estava colaborando numa missão com ela. No entanto, isso não era diferente do tratamento que ela dava a todos os outros. Ela só ficava sentada sozinha, sempre estudando, imune à presença de qualquer outra pessoa. Zoe a chamava de Rainha do Gelo.

Ainda assim, era mais contato do que com Alexander, que parecia ter sumido do mapa. Não ouvi mais nada dele.

— O moinho fica na encosta de uma colina perto de um riacho, nos fundos da propriedade — explicou Zoe. — Está lá desde a Guerra Civil. Uma coisa grande e velha, de pedra. Provavelmente, a melhor maneira de atacar é dar a volta por trás e se aproximar pelo alto da colina. — Ela me olhou com expectativa.

Imaginei o que Alexander teria me dito.

— Boa ideia. Vamos pôr em ação. O que mais?

Zoe sorriu radiante, grata por eu tê-la elogiado. Warren tentou ao máximo não parecer mal-humorado, mas não conseguiu.

— Provavelmente, precisaremos dar um jeito de chamar a atenção do Mosca — sugeriu Zoe. — Camaleão, é com você.

Agora Warren não fez nenhuma tentativa de esconder seu mau humor.

— Eu? Por que não posso ir atrás da bandeira?

— Você sabe como derrubar um atirador? — Zoe perguntou.

— Não — respondeu Warren.

— Então é isso — disse Zoe.

Infelizmente, eu também não fazia ideia de como abater um atirador. Mas eu não podia dizer isso a eles.

— Como acessamos o telhado? Podemos escalar as paredes?

Zoe sorriu orgulhosa e tirou um gancho da mochila.

— Presumo que você saiba usar isso, não sabe? — perguntou ela.

Eu não sabia. Nunca tinha visto um gancho de escalada até aquele momento. Fora os dos filmes. Nem imaginava onde ela tinha conseguido aquilo. Nunca tinha reparado numa loja de ganchos de escalada, ou numa seção de ganchos de escalada numa loja de departamentos, na minha vida.

— Hã... nunca usei esse em particular — disfarcei. — Só trabalhei com

os modelos alemães.

— Ah. — Zoe pareceu envergonhada. — Não sei quais são esses.

— Então talvez você devesse usá-lo — eu disse. — Confio em você. — Zoe sorriu novamente. Warren parecia querer me dar uma pedrada na cabeça.

— Vamos logo — eu disse, embora teria ficado feliz em permanecer em nosso cantinho nas pedras o dia todo. Era protegido do vento e da chuva congelada, e nós três amontoados lá, estava quase quente. Mas eu tinha uma reputação a zelar.

Partimos rumo ao frio, subindo o leito gelado do riacho, abaixados, ouvindo a batalha à distância. O confronto já durava mais de uma hora. Eu presumia que tínhamos sobrevivido tempo suficiente para tirar nota “C”.

Sincronizamos nossos relógios e nos separamos perto de um grande carvalho, em uma curva que levava ao antigo moinho. Warren ficou onde estava, cobrindo-se com uma camada extra de musgo para que ficasse parecido com um tronco. Zoe e eu combinamos de dar a volta morro acima, para podermos nos aproximar do moinho por trás. Cantos de pássaros, ou qualquer vocalização, não eram mais uma opção de comunicação; a outra equipe perceberia. Então, o plano era simples, em exatamente meia hora, Warren começaria a chamar a atenção do inimigo. Zoe e eu usaríamos o gancho para escalar o moinho, eliminar o Mosca e os outros guardas e recuperar a bandeira.

O tempo todo, eu tinha um plano secreto: de alguma forma, na próxima meia hora, alguém da nossa equipe bolaria um esquema melhor, eliminaria o time azul e venceria o jogo. Mas isso não parecia provável. Enquanto circulávamos, notamos muitos inimigos a distância... e encontramos muitas evidências, membros da nossa equipe mortos, geralmente respingos de tinta azul na nave, formando o contorno de corpos. Não falamos nada, nos movemos lenta e silenciosamente.

Depois de vinte e cinco minutos, chegamos ao topo da colina e avistamos o moinho. A bandeira ainda estava lá; ninguém a havia alcançado antes de nós. Ao redor do moinho, os quatro guardas estavam começando a ficar com frio e entediados. Os dois nos cantos mais

próximos de nós haviam deixado seus postos e conversavam sobre alguma coisa. No telhado, porém, o Mosca ainda estava em alerta, varrendo o horizonte com sua arma.

— Você vai ter que atirar nele daqui — Zoe disse.

Esse era meu medo, mas ela tinha razão. Era nossa melhor alternativa para derrotá-lo, e não teríamos a mínima chance de recuperar a bandeira se ele permanecesse vivo. Mas eu ainda estava tendo dificuldade para acertar uma silhueta a seis metros de distância no estande de tiro, quanto mais um humano vivo a cento e vinte metros de distância numa tempestade de neve. Eu conseguia calcular num piscar de olhos onde mirar para dar o tiro, mas era preciso um conjunto de habilidades muito distintas para segurar a arma perfeitamente firme e disparar. Uma das principais diferenças entre os filmes e a vida real é que, na vida real, as armas são pesadas e mirar é extremamente difícil. Além disso, a cada tiro, o recuo delas é forte o suficiente para causar hematomas, o que significa que é preciso mirar outra vez a cada novo disparo. Nos filmes, todo herói parece ser capaz de acertar um inimigo bem no meio dos olhos, mesmo quando ele está no fundo de um campo de futebol, cercado por reféns inocentes, e o herói está pendurado num helicóptero desgovernado. Na vida real, nem mesmo um atirador de elite como o Mosca conseguiria fazer isso.

Por outro lado, se eu errasse o disparo, o que era um cenário muito provável, Mosca teria uma boa chance de me acertar antes que eu pudesse mirá-lo novamente. Portanto, atirar parecia uma péssima ideia; mas se eu entregasse mais uma tarefa para Zoe, ela começaria a suspeitar que eu não tinha ideia do que estava fazendo.

— Tudo bem — eu disse, preparando minha arma. — Mas não vai ser fácil. Sou mais do tipo combate corpo a corpo.

— Eu sei — ela disse. — É por isso que você terá de liderar o ataque depois de derrotar o Mosca.

Eu e minha boca grande, pensei.

Apoiei minha arma na curva de uma árvore, firmando-a, e então olhei para o relógio. Faltavam dois minutos para Warren começar a chamar a atenção. Teoricamente, Mosca estaria distraído e eu o eliminaria.

Zoe pegou o telêmetro telescópico para coordenar minha mira.

Um galho estalou a nossa esquerda.

Estava longe, mas o vento havia parado de soprar pela primeira vez e o som se propagou.

Zoe e eu nos viramos para lá, temendo uma emboscada.

Em vez disso, vimos dois membros da equipe inimiga a distância. Eles pararam no meio do caminho, cientes de que haviam feito um barulho revelador, e olhavam ao redor para ver se alguém os ouvira. Estavam a cinquenta metros de distância, longe demais para distinguirmos os rostos.

Estávamos agachados perto da base da árvore, torcendo para estarmos fora de vista.

— Eles nos viram? — sussurrei, quase inaudível.

— Não sei dizer. Dê uma checada. — Zoe me entregou a luneta. Eu estava numa posição melhor para verificar do que ela.

Aproximei a luneta do olho com o mínimo de movimento possível. Ela funcionava como a lente de uma câmera digital com *zoom*, focando automaticamente para que eu pudesse ver no mesmo segundo quem eram.

— São Chip e Hauser — eu disse.

Eles não nos viram. Depois de alguns segundos, pareceram convencidos de que ninguém os tinha ouvido e continuaram andando. Só que não estavam vindo em direção ao moinho nem indo em direção ao local onde nossa bandeira estava escondida. Em vez disso, esgueiraram-se em direção à parede dos fundos da propriedade, para longe do jogo de guerra. Estavam tomando muito cuidado para não serem notados.

— Parece que não estão atrás da gente — disse Zoe com um suspiro. Então ela olhou para o relógio. — Temos menos de sessenta segundos.

Ela estendeu a mão para pegar a luneta, mas eu não a devolvi. Continuei observando Chip e Hauser.

Parecia que estavam tramando algo. Se fosse isso, era o momento certo. Todo o corpo discente e docente estava concentrado na guerra, ninguém estava de olho em alguém específico, em um determinado momento.

— Cortina de Fumaça! — Zoe sibilou. — Eles não são importantes. Me dá a mira!

— Desculpe. Tem alguma coisa importante acontecendo. — Apontei a mira, tentando ver para onde estavam indo. Um pequeno galpão de pedra

perto da cerca dos fundos surgiu de repente.

— Temos menos de quarenta! — Zoe disse. — Vamos estragar o jogo!

— Isso é mais importante — eu disse a ela.

— Ah, qual é?! É só o Chip — ela argumentou. — O Camaleão está prestes a se martirizar!

Chip e Hauser chegaram ao galpão. Chip enfiou a mão no bolso...

Um grito de guerra ecoou morro abaixo, passando pelo moinho.

Era Warren. Trinta segundos adiantado. Aparentemente não tínhamos sincronizado nossos relógios direito.

Chip e Hauser se viraram na direção do som, assustados.

— Que louco! — Zoe arrancou a mira da minha mão e a girou em direção ao moinho.

Eu mal conseguia ver Chip e Hauser através da chuva sem a mira.

Virei-me para pegá-la de volta e vislumbrei o desastre que se desenrolava morro abaixo. Um tronco de repente ganhou vida e avançava em direção ao moinho, disparando sua arma indiscriminadamente. Warren.

Os guardas da equipe azul se viraram para ele. Até o Mosca estava distraído.

Disparei minha arma, esperando pelo melhor...

E acertei uma árvore a três metros de distância, errando meu alvo por apenas cento e vinte metros.

Os guardas e o Mosca abriram fogo imediatamente contra Warren. Ele era um alvo fácil, até para mim. Tantas bolas de tinta azul o atingiram que, em três segundos, ele parecia um Smurf.

Quando isso aconteceu, algo irrompeu da neve do nosso lado do moinho, longe da ação. Demorei para perceber que era uma pessoa. Alguém que, de alguma forma, havia cavado a neve até ficar a poucos metros dos guardas sem que eles percebessem. A pessoa foi correndo de encontro à parede do moinho e escalou feito um esquilo, sem precisar de gancho.

— É a Erica! — Zoe gritou, observando pela mira.

Eu já imaginava. Não podia ser outra pessoa. Mas peguei a mira de volta mesmo assim. Em segundos, ela estava no topo do moinho. Mosca

morreu antes mesmo de perceber a chegada dela.

Outros membros da equipe azul, alguns que nem tínhamos notado, emergiram da mata ao redor do moinho, correndo naquela direção para impedir o inevitável. Abriram fogo contra Erica, mas era tarde demais. Ela já havia arrancado a bandeira.

A atenção de todos estava no moinho.

Exceto a de duas pessoas, imaginei.

Disparei na direção onde vi Chip pela última vez. O ataque de Erica levou apenas alguns segundos, mas eu me deixei distrair por tempo demais.

Disparei por entre as árvores e pulei rochas, derrapando no gelo e na neve, até chegar ao galpão de pedra. Duas pegadas marcavam a neve até a porta, que ainda estava aberta, graças a um torrão de gelo que se interpusera no caminho.

Hesitei, sem saber se abria a porta para surpreender Chip e Hauser, mas então o vento tomou a decisão por mim. Escancarou a porta.

O galpão tinha apenas alguns metros quadrados, com utensílios de jardinagem empilhados pelas paredes. Não havia sinal de Chip e Hauser lá dentro.

Eles haviam desaparecido.

CAPÍTULO XIII

Vigilância

Subnível 1

8 de fevereiro

14:45 horas

Embora muitas coisas surpreendentes tenham acontecido na escola de espionagem, eu tinha quase certeza de que ninguém ali era capaz de realizar dispersão molecular instantânea. Chip e Hauser entraram sim no galpão: suas pegadas molhadas ainda marcavam o chão. O truque era descobrir para onde eles tinham ido.

Eu estava receoso de ir atrás deles, pois ambos eram bem maiores do que eu e tinham vários anos a mais de treinamento em como causar dor intensa em pessoas. Mas eu não tinha outra escolha. De longe, eu podia ver que a comemoração da vitória da minha equipe já havia começado. Zoe e todos os outros corriam em direção ao moinho, gritando o nome da Erica. Eu levaria alguns minutos para voltar e convencer alguém a me ajudar, minutos que poderiam fazer com que eu perdesse de vista Chip e Hauser.

Mas, por trás da minha preocupação, também havia excitação. Lá fora, todos os outros estavam fingindo ser espiões, enquanto eu estava tendo a oportunidade real de ser um. Minha missão era descobrir o que Chip estava tramando. E se eu fizesse direito, as pessoas logo estariam gritando meu nome.

Examinei o galpão em busca de pistas. Era uma construção independente, o que significava que só havia uma direção para onde Chip e Hauser poderiam ter ido: para baixo.

Olhei para o chão novamente. Era concreto desgastado, lascado e marcado por anos de maus-tratos. Havia um pequeno quadrado no centro

do galpão, de aproximadamente um metro quadrado, centralizado dentro de um quadrado maior que compunha o resto do chão. As pegadas de Chip e Hauser estavam concentradas no quadrado central, exceto por uma. Era uma pegada de dedos dos pés, do lado oposto a porta, como se um deles tivesse tentado alcançar algo lá no alto.

Examinei rapidamente a parede do fundo. Um suporte com ferramentas de jardinagem pendia dela, enxadas, ancinhos, pás, tesouras de poda, com lâminas enferrujadas e cabos desgastados. Era como se eu tivesse entrado em um catálogo de jardinagem de 1950. Acima dele, havia um segundo suporte com itens menores: lanternas, pás de pedreiro, muita corda. A marca dos dedos do pé parecia inclinada em direção a uma pá de pedreiro. Como Chip e Hauser eram pelo menos quinze centímetros mais altos do que eu, precisei subir num saco de fertilizante pra alcançá-la.

A pá estava soldada ao gancho enferrujado, portanto, não consegui trazê-la para perto. Em vez disso, acabei girando para cima quando a agarrei, como um interruptor.

Ouvi um *click* metálico suave vindo de dentro da parede, seguido por um chiado alto vindo do subsolo do galpão. O quadrado interno de concreto desceu repentinamente.

Fechei a porta do galpão e pulei sobre o quadrado.

Desci até um túnel subterrâneo a nove metros abaixo da superfície. O túnel tinha quatro metros e meio de largura e três metros de altura, grande o suficiente pra passar um carrinho de golfe. As paredes, o teto e o chão eram todos de cimento. Raízes de árvores haviam atravessado rachaduras no teto, o que significava que o túnel existia há décadas. Água pingava pelas rachaduras, formando poças no chão e dando ao lugar um cheiro úmido e mofado, como os chuveiros do ginásio da escola.

O túnel era bem iluminado, luzes pontilhavam o teto, embora fizesse uma curva em direção à escola. Não conseguia ver ninguém à frente. No entanto, conseguia ouvi-los. Chip e Hauser não se deram ao trabalho de sussurrar, confiantes de que ninguém sabia que eles estavam lá, e suas vozes ecoaram até mim.

Pulei do quadrado de cimento. O túnel terminava atrás, onde provavelmente estava o muro delimitando a área da Academia. Havia dois

botões vermelhos com setas para cima e para baixo na parede próxima, como aqueles encontrados em um elevador. Apertei o que indicava para cima.

O quadrado de concreto subiu, permitindo-me ver como funcionava. Uma coluna pneumática o ergueu, silenciosa, exceto pelo chiado do ar, mas Chip e Hauser não ouviram nada por causa das próprias vozes. O quadrado de concreto se encaixou perfeitamente no teto.

Temendo que minhas pesadas botas de neve fizessem barulho no chão de cimento, preferi tirá-las e as carreguei, caminhando pelo corredor de meias. Assim que fiz a curva, pude ver Chip e Hauser à distância movendo-se rapidamente, como se tivessem um propósito.

Não diziam nada de ilegal. Hauser só estava falando sobre como o último exame de Direção Ofensiva do Professor Oxley tinha sido injusto.

— Tínhamos que dirigir esses carros antigos com câmbio manual. Quando foi a última vez que alguém viu um carro com câmbio manual?

— Tem que estar preparado pra tudo — disse Chip.

— Tá, mas não fui só eu que não consegui — disparou Hauser, na defensiva. — A Stubbs nem sabia como tirar o carro dela do estacionamento. Quando ela conseguiu engatar a ré, quase matou metade da turma.

À medida que nos aproximávamos do coração do *campus*, mais túneis se ramificaram daquele em que estávamos. Então, portas começaram a aparecer. A primeira por onde passei tinha uma placa: B-213 — DEPÓSITO. A próxima dizia B-212, também depósito. Logo, o lugar se tornou um labirinto. Viramos à esquerda e à direita. Se eu não tivesse meus alvos à vista, os teria perdido. Duvidava que conseguisse encontrar o caminho de volta para o galpão, embora achasse que isso não fosse um problema. Tínhamos entrado no que era obviamente um importante nível subterrâneo. O galpão, com seu pequeno elevador pneumático, não podia ser a única entrada. Deveria haver outras maneiras de entrar e sair dali.

Mesmo assim, fiquei impressionado com a extensão do andar subterrâneo, e com o fato de eu não fazer ideia que ele existia. Ocorreu-me que Alexander havia dito algo pouco antes do meu exame AHSC começar sobre existir “muito mais coisas aqui do que aparenta”, mas na época

pensei que ele estivesse apenas sendo metafórico. Nas últimas três semanas, presumi que os prédios que vi na superfície eram tudo. Agora percebia que, assim como acontece com tantas outras coisas na escola de espionagem, havia muito mais acontecendo sob a superfície.

Começamos a passar por outras salas; algumas abrigavam equipamentos mecânicos e elétricos, outras eram secretas, sem identificação e com múltiplas entradas por código, dormitórios e refeitórios que provavelmente datavam da Guerra Fria, quando todos temiam que uma guerra nuclear os obrigasse a viver no subsolo por um ano inteiro. Canos e fios elétricos serpenteavam pelas paredes e pelo teto. Objetos aleatórios, como arquivos e carrinhos de mão, começaram a aparecer nos corredores, como se, apesar de todos os depósitos, ainda não houvesse lugares suficientes pra colocá-los. Por toda parte, tudo parecia estranhamente desabitado; todos ainda estavam do lado de fora.

No entanto, isso provavelmente mudaria em breve, a guerra havia acabado e Chip sabia disso. Ele olhava para o relógio sem parar e empurrava Hauser para frente.

Até que de repente parou. Estavam em uma seção indeterminada do túnel, exatamente igual a todas as outras seções pelas quais tínhamos passado.

Eu me abaixei atrás de um carrinho carregado de sacos de ovos em pó no instante em que Chip olhou furtivamente na minha direção. Ele não me viu e concluiu que a barra estava limpa.

— Olha só — sussurrou ele, apontando para algo aninhado entre alguns canos ao longo da parede.

— Nossa — ofegou Hauser.

Eu ainda carregava a luneta da Zoe. Coloquei-a no meu olho e dei *zoom*. Vislumbrei um ninho de fios vermelhos e azuis e um pouco de massa amarelada antes de Hauser se mexer e bloquear minha vista.

Eu não tinha certeza, mas parecia uma bomba. Claro, só conhecia bombas dos filmes. Nunca tinha visto uma na vida real. (Construção Explosiva e Desfusão só são ensinadas no quarto ano, quando nossa coordenação visomotora é mais estável). Pelo que eu sabia, uma bomba de verdade parecia um ramo de flores.

— Pegou o *kit*? — perguntou Chip.

Hauser tirou uma caixinha cinza do bolso, mas, uma vez mais, eu não conseguia ver o que estavam fazendo com ela. Hauser já era um sujeito grande; usando suas roupas volumosas de inverno, ele bloqueava metade do túnel.

— Então este é o *Scorpius*, hein? — perguntou Hauser.

— Escorpião — corrigiu Chip. — Segure firme.

Hauser se moveu pro lado e pude ver os fios novamente.

Se quisesse que Erica ou Alexander acreditassem nisso, eu precisaria de provas. Tirei meu celular do bolso e pressionei a câmera contra a ocular da luneta, pensando que talvez pudesse usá-la como uma teleobjetiva. Era difícil manter os dois equipamentos firmes, então apoiei a luneta sobre um saco de ovos em pó e tentei focá-la.

Meu telefone vibrou de repente na minha mão.

Era uma mensagem. Eu havia tentado usar meu telefone no subsolo centenas de vezes em Washington, praticamente todas as vezes que andei de metrô, e nunca tinha sinal. Mas agora, num corredor subterrâneo a nove metros abaixo do nível do solo, meu telefone resolveu funcionar no momento menos oportuno possível. A vibração inesperada me assustou. Bati na luneta, que rolou pelo saco e caiu ruidosamente no chão.

E como se isso não tivesse sido alto o suficiente no túnel silencioso, a mira rolou ruidosamente pra longe de mim, direto para Chip e Hauser.

Não adiantava mais me esconder. Corri.

— Ei! — gritou Chip. Então, ouvi os passos dele e os de Hauser no corredor atrás de mim.

Virei na primeira esquina que encontrei, torcendo para não terem visto meu rosto, e depois virei na esquina seguinte também. Tentei procurar pontos de referência para tentar encontrar o caminho de volta à bomba mais tarde, mas todos os corredores pareciam iguais e eu estava rápido demais para ler os números nas portas.

Vi uma escada à frente e corri na direção dela, embora só de meias não conseguisse firmeza no chão escorregadio. Ouvi os passos vindo atrás de mim.

— É melhor parar, Ripley! — provocou Chip. — Você pode correr, mas

não vai conseguir se esconder! Vou te encontrar mais cedo ou mais tarde!

Ainda mais tarde me parecia a melhor opção. Subi as escadas correndo. Dois lances acima havia uma porta de aço. Bati com tudo nela...

Assim que Chip me alcançou, agarrou o capuz da minha jaqueta de neve, embora minha inércia o puxasse para frente também. Caímos num tapete bem gasto.

Rolei para o lado e encontrei o punho de Chip em rota de colisão com o meu rosto. Desviei para a direita. Os nós dos dedos de Chip roçaram o lóbulo da minha orelha e depois atingiram o chão.

Enquanto Chip uivava de dor, tentei me afastar, mas ele agarrou meu tornozelo e me puxou pelo pé.

— O que você viu? — perguntou ele.

— Nada! — Chutei o braço dele com o pé livre, tentando me soltar.

Chip se jogou sobre mim.

Nos filmes, quando espões lutam, sempre parece muito legal, usando uma combinação de movimentos de artes marciais e armas habilmente improvisadas, quase sempre em lugares incríveis e pitoresco, como um castelo nos Alpes Franceses.

Esta luta não foi nada disso. Chip certamente sabia lutar, descobri que a única área em que ele se destacava de verdade era artes marciais, enquanto eu mal tinha treinamento. No entanto, passei quase todo o tempo livre que tive nas últimas semanas aprimorando técnicas de autodefesa. Dadas as circunstâncias, optei por um movimento chamado “Tatu Tímido”, que envolvia simplesmente me enrolar em uma bola e cobrir a cabeça com os braços. Escolhi esse por dois motivos: (1) era ridículo de tão fácil e, portanto, eu já o dominava, ao contrário de procedimentos muito mais complicados como o “Esquilo Esperto” ou a “Cobra Espástica”; e (2) eu estava usando roupas grossas de inverno, que não só me isolavam do frio, mas também dos ataques de Chip.

Então, Chip teve de lutar no meu nível, rolando no chão comigo e tentando bater em mim. Ele acertou alguns socos nos meus braços e tronco, mas minha parka de esqui era tão bem acolchoada que foi como se eu tivesse sido acertado com uma almofada. Ao mesmo tempo, tentei fazê-lo me soltar, com um corte no olho ou uma joelhada nos testículos,

embora o máximo que consegui foi dar uma cotovelada em uma cadeira.

— Ah, pelo amor de Deus! — rosnou Chip. — Será que dá pra você lutar feito homem?

— Não posso — respondi. O Tatu Tímido tinha me possuído.

— O que está acontecendo aqui?!

A voz do diretor era assustadora o suficiente para deixar o Chip com medo. Nossa briga parou no mesmo instante.

Pela primeira vez desde que emergi do subterrâneo, tive a chance de observar o ambiente ao meu redor. Eu passei a luta inteira com a cabeça debaixo dos braços. Depois que saímos do salão principal do Edifício Hale, por trás de um painel secreto na parede que ainda estava entreaberta, encenamos nossa briga no que talvez fosse o lugar mais público do *campus*. Dezenas de alunos e professores tinham acabado de voltar do jogo de guerra e nos encontraram nos contorcendo no chão como dois idiotas.

— Ele que começou — disse Chip, apontando para mim.

— Não comecei nada! — protestei.

— Não me importa quem começou! — rugiu o diretor. — Brigar não é permitido na Academia!

— Mas nós brigamos o tempo todo na aula — disse Chip.

— Nesse caso vale nota! — disparou o diretor. — Briga não autorizada é diferente. Quero ver vocês dois na minha sala agora mesmo!

Todos os alunos responderam com um *Ooooh*. Nenhum deles queria estar no nosso lugar.

Sentei-me, sentindo-me envergonhado e assustado, notando rostos familiares na multidão. Zoe parecia impressionada por eu ter enfrentado Chip. Warren (que ainda estava azul-royal da cabeça aos pés) estava irritado por Zoe estar impressionada. Murray parecia preocupado comigo. Hauser e Stubbs pareciam preocupados com o Chip. Tina, a minha orientadora, parecia envergonhada, como se meu comportamento de alguma forma a tivesse afetado negativamente. O professor Crandall não parecia ter a mínima ideia do que estava acontecendo. Ele estava ocupado demais tentando remover um pouco do gelo de suas sobrancelhas.

E então Erica surgiu.

Foi estranho vê-la no meio da multidão. Ela era tão solitária que parecia

deslocada mesmo cercada de pessoas.

Mais estranho ainda, ela se ajoelhou ao meu lado e segurou meu rosto entre as mãos.

— Você está bem? — ela perguntou.

Foi um gesto tão gentil e carinhoso que por um segundo me perguntei se alguém havia substituído a Erica real por um agente duplo. Pela reação da maioria dos outros alunos, estavam se perguntando a mesma coisa. Mas era definitivamente Erica: ela tinha o mesmo cheiro maravilhoso de lilases e pólvora de sempre, junto com um toque de tinta látex.

— Já estive melhor — respondi. Então, me inclinei e sussurrei: — Tem uma bomba embaixo da escola.

Erica não demonstrou nada. Sua expressão não mudou. Eu poderia muito bem ter dito a ela que gostava de coelhos. Fiquei me perguntando se tinha me ouvido, mas, enquanto me ajudava a me levantar, ela sussurrou de volta:

— Eu cuido disso. Entrarei em contato.

Não tive tempo pra perguntar mais nada. O diretor apontou para o andar de cima, em direção à sua sala. Chip e eu o seguimos obedientemente.

Enquanto caminhávamos, Chip também sussurrou algo para mim:

— Diga uma palavra sobre o que viu lá embaixo e você está morto.

A multidão se abriu para nós, e notei que a expressão no rosto dos meus colegas havia mudado. Eles não pareciam mais sentir pena de mim por ter despertado a ira do diretor. Em vez disso, estavam me olhando com curiosidade, imaginando com que diabos eu havia conseguido despertar a preocupação de Erica. Muitos dos rapazes pareciam mais impressionados agora do que quando souberam que eu havia me defendido de um assassino.

O que fez com que ser atacado por Chip e ser levado para sala do diretor quase valesse a pena.

Quase. Não totalmente.

CAPÍTULO XIV

Provação

Sala do Diretor

8 de fevereiro

15:20 horas

O diretor já estava há cinco minutos fazendo seu discurso quando descobri o que Erica quis dizer com “manter contato”.

Eu não estava prestando muita atenção ao que o diretor falava. Nem tenho certeza se ele mesmo estava. Ele falava para ele mesmo, reclamando sem parar sobre como a Academia exigia um padrão altíssimo de seus alunos e como o Chip e eu tínhamos ficado muito aquém. Como esperávamos nos formar em uma posição digna na área com tal comportamento; se assim fosse, teríamos uma desagradável surpresa. Na verdade, tivemos sorte de ele não ter nos expulsado da escola naquele instante...

Fiquei surpreso por estar tão calmo em meio a uma tempestade. Nos meus 1172 dias de escola pública, nunca me meti em encrenca, muito menos fui mandado para a diretoria. Mas, embora eu não estivesse feliz com a situação, também sabia que o diretor não podia me expulsar. Toda a sua caçada ao informante se baseava na minha presença. Na verdade, ele teria me assustado mais se tivesse ameaçado me manter matriculado.

No entanto, o verdadeiro motivo pelo qual o diretor não me assustava tanto foi que eu tinha muitas outras coisas com que me preocupar. Como o que Chip e Hauser estavam fazendo no túnel.

Aquilo lá embaixo era mesmo uma bomba? E o que estavam fazendo com ela? Funcionava? Estavam tentando fazer funcionar? E se sim, por quê?

O que era o Escorpião? Parecia o codinome pra uma operação, mas

qual? Seria o nome “Escorpião” uma chave para explicar a bomba? Eu sabia que tinha um escorpião gigante mitológico, uma fera extremamente perigosa que havia derrotado Órion, o caçador quase invencível. Escorpião também era uma constelação e um signo do zodíaco vigente durante o período de 23 de outubro a 22 de novembro. Seria uma pista? O Escorpião estava programado para acontecer naquela época? Se sim, ainda estava muito distante.

Fiquei feliz por ter tido a chance de contar à Erica sobre a bomba. Tomara que ela estivesse investigando enquanto estávamos naquela sala. Até considereei contar ao diretor, mas não queria fazer isso na frente do Chip. Na escola pública, se alguém te dissesse algo como “Diga uma palavra sobre o que viu lá embaixo e você morre”, você acharia que era um exagero. Na escola de espionagem, eles ensinavam como comprovar essas palavras, e te davam as armas para isso.

Seja como for, Erica era muito mais competente do que o diretor. Ela provavelmente já havia rastreado a bomba, desmontado e descoberto quem estava por trás dela. Pelo menos era o que eu queria muito. Estava desesperado para sair dali, não só para descobrir o que estava acontecendo, mas também para evacuar o prédio, caso a bomba explodisse e reduzisse o lugar a palitos de dente. (Pensei por um instante que a bomba provavelmente não estava ativada, porque, se estivesse, Chip estaria suando em bicas. Mas também considereei que, se ele fosse tão incompetente quanto Erica disse, não saberia se a bomba estava ativada ou não, e, portanto, temer pela minha vida ainda era prudente).

Infelizmente, o diretor não deu sinais de que iria desistir.

— Tentar machucar um ao outro é inaceitável — ele dizia. — Você deveria tentar machucar nossos inimigos, pelo amor de Deus.

— Olá, Ben — disse a Erica.

Eu me endireitei na cadeira, assustado. Ela parecia estar bem atrás de mim. Comecei a me virar...

— Não se vire! — ordenou Erica.

Então, não me virei.

— Não faça nada — ela continuou. — E não me responda. Não estou na sala. Você é o único que pode me ouvir.

De repente, percebi que a voz de Erica não vinha de trás de mim. Em vez disso, parecia vir de dentro de mim. Como se fosse um pensamento na minha cabeça.

— Coloquei um transmissor de *Wi-Fi* em miniatura no seu ouvido enquanto estava lá embaixo — ela explicou. — O que significa que posso ouvir tudo o que esse falastrão está dizendo.

Franzi a testa. Então era por isso que Erica tinha acariciado meu rosto. Não tinha sido carinho. Foi só um truque pra me grampear.

Ter um transmissor no ouvido é extremamente perturbador. Seu instinto quando alguém fala com você, ou lhe diz que enfiou um pedaço de tecnologia na sua cabeça sem a sua permissão, é responder. Precisei me controlar ao máximo para não falar nada.

Na verdade, o Chip já estava me olhando desconfiado. Minha reação assustada às primeiras palavras da Erica tinha chamado sua atenção. O diretor, entretanto, ainda estava perdido em seu mundinho. Parecia tão absorto em seu discurso, que não teria notado nem uma manada de elefantes correndo pela sala.

— Você está exatamente onde eu quero — disse Erica. — Agora, preciso que faça duas coisas: primeiro, preste atenção ao diretor. Não ao que ele diz. Ao que ele faz. Não quero que você tire os olhos dele nem por um instante. Tente se lembrar de tudo... Segundo, quero que o insulte.

O *quê?!*, eu queria perguntar. Quase perguntei. Precisei de uma quantidade incrível de autocontrole pra não perguntar. Eu não conseguia imaginar por que Erica poderia querer que eu me metesse em ainda mais problemas. Mas, devido à natureza unilateral da nossa comunicação, não tinha como questionar.

— Eu sei que é pedir muito, mas você precisa confiar em mim. — A voz de Erica era suave e confiante. — Prometo a você que vai dar tudo certo.

Por algum motivo, acreditei nela. Talvez porque Erica fosse a única pessoa em quem eu confiava. Talvez porque as palavras dela dentro da minha cabeça me fizessem pensar que, na verdade, eram minhas. Provavelmente, só queria impressioná-la. Eu, talvez, até me jogasse na frente de uma locomotiva se ela pedisse com jeitinho. Então, esperei pela oportunidade para causar problemas... e não demorou muito.

— Quando eu era aluno aqui, sabíamos como nos comportar — repreendeu o diretor. — Vocês querem saber como éramos punidos por brigar naquela época?

— Nossa, isso deve ter sido muito tempo atrás — retruquei. — Eles te colocaram na paliçada? Usavam muito isso na América Colonial.

O diretor se virou para mim.

— O que você acabou de dizer?

— Que você é velho — respondi. — Será que fui sutil demais?

Ao meu lado, Chip arregalou os olhos. Não tinha certeza, pois me mantinha fixo no diretor, mas talvez tenha ficado impressionado comigo.

A Erica certamente ficou.

— Perfeito! — ela exultou. — Continue assim!

O diretor ficou vermelho como o traseiro de um babuíno. Veio em minha direção, ficamos cara a cara.

— Devo presumir, Sr. Ripley, que o senhor acha que já não está encrencado o suficiente? Está pedindo uma punição ainda pior?

— Seja lá o que for, não pode ser pior do que o seu hálito — eu disse. — O que você almoçou, cocô de cachorro?

Desta vez, Chip gargalhou.

O diretor se afastou de mim. Por alguns instantes, pareceu completamente inseguro sobre o que fazer. Ao que tudo indicava, nenhum aluno jamais havia falado com ele desse modo. Parecia que ele iria me expulsar na hora. Só que não era capaz, e por isso só conseguia ficar mais apoplético com a situação. Seus olhos arregalaram e passou os dedos pelo cabelo falso.

— Chega! — ele finalmente disparou. — Vou te colocar em liberdade condicional!

— Intime ele a fazer isso agora — Erica me disse.

— Tudo bem — concordei. — Vamos lá.

Mais uma vez, o diretor pareceu desconcertado. Todas as suas ameaças pareciam estar tendo o efeito oposto ao que ele desejava.

— Agora mesmo?

— Agora mesmo — disse Erica.

— Agora mesmo — repeti.

— Então muito bem. Pode deixar.

O diretor foi para trás da mesa e olhou fixamente para o computador, sem entender. Depois de alguns instantes, pegou um dicionário da prateleira atrás de si, abriu-o, como se precisasse de ajuda para lembrar como soletrar a senha, fechou-o com um estalo e entrou na *internet*. Então, começou a redigir um *e-mail*, ditando o que estava escrevendo.

— Atenção todos os funcionários da Academia: O aluno do primeiro ano, Benjamin Ripley, está em liberdade condicional até segunda ordem desta Secretaria...

— Ei. — O sussurro foi tão baixo que levei um instante pra perceber que não vinha de Erica. Era do Chip.

Lancei um olhar rápido pra ele.

— Isso foi incrível — disse ele, um decibel acima de um sussurro.

— Obrigado — sussurrei de volta.

— ...e será privado de todos os privilégios de estudante a partir de agora — concluiu o diretor, e então me encarou com um olhar duro. — Quem brinca com touro... leva chifre.

— Engraçado — respondi. — Quando olho pra você, penso na outra ponta do touro.

— Minha nossa, cara — disse Erica. — Vai com calma. Trabalho concluído.

Teria sido bom se ela tivesse me dito isso antes. Meu insulto final havia deixado o diretor furioso. A raiva era tanta que eu esperava que lava saísse de suas orelhas. Sua peruca horrível havia se soltado da cabeça e agora estava torta, dando a ele a aparência de um *cupcake* malfeito. Ele veio furioso para onde eu estava sentado e cutucou meu nariz com um dedo grosso.

— Muito bem, seu sabichão. Acha que eu não consigo ser mais durão? Então vamos bater o martelo. De agora em diante, você vai dormir na Caixa.

— Mas... eu já estou dormindo na Caixa — eu disse.

O rosto do diretor ficou inexpressivo.

— Você está? Desde quando?

— Hã... desde que cheguei aqui — respondi.

— Por quê? — ele perguntou. — Quem foi o idiota que te colocou na Caixa?

Fiz uma careta, sabendo que ele não ia gostar da resposta.

— Você.

Ao meu lado, Chip se esforçava tanto pra não rir que estava ficando vermelho. O diretor, entretanto, não percebeu. Minha última resposta, por mais verdadeira que fosse, tinha reavivado sua ira. Seu corpo inteiro tremia de raiva.

Antes que ele pudesse me atacar novamente, tentei explicar.

— Um assassino tentou me matar no meu quarto, lembra? Então, você ordenou que eu ficasse na Caixa pra minha segurança.

O diretor hesitou outra vez, aparentemente dividido entre a fúria e a confusão.

— E você ainda está lá? — perguntou ele, num tom furioso e confuso.

— Ninguém nunca me disse que eu podia sair — respondi.

— Bem, você não pode! — retrucou o diretor, petulante. — Mas não porque não seja seguro. Porque você está sendo punido por insubordinação. E você vai ficar na Caixa até que eu decida o contrário. Você ultrapassou os limites, mocinho. De agora em diante, será minha missão pessoal garantir que você seja o mais infeliz possível pelo resto do seu tempo aqui! — E ele apertou um botão vermelho em sua mesa.

Um instante depois, dois agentes armados invadiram a sala, com as armas em punho. Ambos pareceram surpresos, e depois decepcionados, ao ver que havia apenas dois alunos sentados diante do diretor, em vez de, digamos, alguns inimigos.

— Acompanhem o Sr. Ripley diretamente até a Caixa — ordenou o diretor.

— Hã... — disse um dos agentes — esse botão vermelho deveria ser usado apenas para emergências.

— Isso é uma emergência! — rosnou o diretor. — O comportamento desse garoto tem sido completamente rebelde. Um exemplo precisa ser dado. — Ele voltou o olhar pra mim. — Guarde minhas palavras, Ripley. Você vai se arrepender do dia em que me conheceu.

— Eu já me arrependo. — Não pude deixar de dizer isso, mesmo que

Erica não tivesse me pedido. Não parecia possível que qualquer coisa que eu dissesse pudesse me causar mais problemas.

Os agentes não ficaram nada contentes com a ordem do diretor, mas como ele era um superior, a seguiram, agarrando-me pelos braços, erguendo-me e me levando para fora do escritório.

Chip Schacter saiu logo atrás de nós. O diretor estava tão chateado comigo que se esquecera do motivo de ter chamado nós dois para uma conversa.

— Ripley, você pode ser um farsante, mas também tem muita coragem — disse Chip.

— Obrigado — respondi.

O olhar de Chip tornou-se ameaçador.

— Mas é melhor você continue de boca fechada sobre você-sabe-o-quê.

Os agentes me arrastaram para longe antes que eu pudesse responder.

Então, eu havia conquistado um pouquinho do respeito do Chip Schacter... e provavelmente a admiração da Erica também, e tudo que precisei fazer foi me meter em encrenca com o diretor; tanta encrenca que meus anos restantes na escola de espionagem seriam um sofrimento sem fim.

Aparentemente não era a melhor troca do mundo. Eu só rezava pra que Erica soubesse o que estava fazendo.

CAPÍTULO XV

Análise

A Caixa

8 de fevereiro

16:00 horas

Só depois de passar por todo o corpo estudantil e ser trancado na Caixa durante mais uma noite, finalmente me ocorreu verificar as mensagens no meu celular. As coisas estavam tão agitadas que nem cheguei a ler o arquivo que alertou o Chip da minha admissão.

Era do Mike: “Outra festa da Pasternak amanhã à noite. Quer que eu te liberte daí?”.

Um mês antes, esta seria a melhor mensagem que já recebi. Agora não passava de mais um lembrete de como minha vida estava péssima na Academia. Mike se tornou visita frequente na casa de Elizabeth Pasternak, enquanto eu passava a tarde sendo espancado e manipulado... e agora estava em confinamento pelos próximos cinco anos e meio. Escola pública: 1; escola de espionagem: -1000.

Claro, Mike, eu queria responder. Adoraria que você me tirasse daqui. Mas, pra sua informação, você precisará de uma tropa de elite e um carro de fuga.

Naquele momento, eu não conseguia nem dar uma desculpa esfarrapada. A Caixa tinha a cobertura *Wi-Fi* de uma mina de carvão. Ou seja, nenhuma.

Eu poderia ter ficado menos infeliz se tivesse notícias da Erica, mas não recebi mais nenhum contato desde o incidente na sala do diretor. Ainda não fazia ideia de porque a Erica tinha me feito provocar o diretor ou se tinha rastreado a bomba. Se não tivesse, isso significava que eu estava trancado no subsolo bem junto de um dispositivo explosivo armado.

Se é que era mesmo um dispositivo explosivo. Percebi que nunca tive a chance de vê-lo de perto...

Mas talvez ainda pudesse. De repente, lembrei-me de que estava tirando uma foto da bomba no exato momento que recebi a mensagem do Mike. Rapidamente, peguei o *Guia de campo de bombas e outros dispositivos incendiários*, de Peachin, e abri a foto no meu celular.

Acontece que eu tinha tirado uma foto bem fantástica... da ocular da luneta digital. Ou seja, não possuía nenhuma evidência fotográfica da bomba.

Suspirei e me joguei na cama, sentindo-me deprimido e inútil. Sem falar que estava preso. Em algum lugar no térreo, Zoe e meus outros novos amigos provavelmente estavam comemorando a vitória do jogo de guerra em uma sala de estudantes ou praticando no campo de tiro. Enquanto isso, eu estava totalmente isolado.

Não havia nada que eu pudesse fazer, exceto a lição de casa. Abri o livro *Fundamentos da criptografia*, de Forsyth, li até meus olhos ficarem turvos, depois olhei para o relógio e vi que eram apenas quatro e meia da tarde.

O tempo realmente passa devagar quando se está confinado.

Eu me esforcei para ler mais um capítulo, cochilando dezessete ou dezoito vezes, depois olhei para o relógio de novo. Ainda eram quatro e meia da tarde.

Ou o tempo realmente passava devagar no confinamento ou meu relógio estava quebrado.

Olhei para o celular. Na verdade, eram oito e meia da noite, o que explicava por que eu estava com tanta fome. Ninguém tinha vindo me buscar para o jantar. Será que isso fazia parte da minha punição ou a Administração tinha se esquecido de mim? Eu já estava na escola de espionagem tempo suficiente para adivinhar que era a segunda opção, e isso começou a me preocupar. Eu conseguia passar uma noite sem comer, mas se alguém não se lembrasse de que eu estava na Caixa na manhã seguinte, as coisas poderiam ficar complicadas.

Mesmo assim, não valia a pena entrar em pânico ainda. Talvez fosse apenas um teste pra ver como eu lidava com a pressão. Se fosse, eu

mostraria a eles que era osso duro de roer. Para a alegria de quaisquer câmeras que pudessem estar focando em mim, fingi calma, como se estivesse realmente gostando de estar em confinamento. Deitei-me na minha cama e dei um suspiro de satisfação.

— Isso é ótimo — disse para os microfones escondidos. — Todo esse tempo só pra mim. É como estar de férias.

Então, examinei sem preocupação meu relógio, tentando acreditar que ele não me mostraria que eram eternamente quatro e meia da tarde.

Depois de um minuto, percebi que eu não tinha a menor ideia de como consertar um relógio. Então, fiz a única coisa que me veio à mente. Bati em cima dele.

E funcionou. O relógio começou a tiquetaquear novamente.

Só por curiosidade, bati mais uma vez. Parou.

Bati uma terceira vez. Começou de novo. Acertei o relógio pra 20h31 e então me perguntei como passar as próximas três horas até a hora de dormir.

Desenterrei o livro *Como permanecer vivo*, de Dyson, que não era exatamente uma cura para o tédio. Era incrível como os livros didáticos de espionagem conseguiam pegar qualquer assunto fascinante na teoria e torná-lo tão emocionante quanto ler instruções de montagem. Tentei me aprofundar nos fundamentos do combate corpo a corpo, o que deveria ter sido não apenas interessante, mas também relevante pra minha situação atual. Peguei no sono em questão de minutos.

Acordei com a sensação perturbadora e familiar de alguém segurando meus braços e tapando minha boca com a mão. Estava escuro demais para ver meu agressor, mas, felizmente, o cheiro era de lilases e pólvora.

— Oi, Erica — eu disse, embora meu cumprimento tenha sido abafado por sua mão.

— Talvez você queira ler o capítulo sobre como ter um sono leve, só pro caso de alguém realmente perigoso invadir seu quarto da próxima vez. — Embora as palavras de Erica tenham sido ásperas, seu tom não era tão frio como de costume, como se ela pudesse estar sorrindo ao dizê-las. Dadas as circunstâncias, minha calma a impressionou.

Ela tirou a mão da minha boca e se sentou na cama.

— Presumo que você tenha removido os microfones? — perguntei.

— Com certeza — respondeu ela.

Meus olhos se voltaram para meu relógio: 21h10.

— Você chegou mais cedo do que eu esperava — eu disse.

— É 1h da manhã, dorminhoco. Você precisa mesmo comprar um relógio novo.

A verdade é que eu não só a esperava. Também estava torcendo com todas as minhas esperanças que ela aparecesse. Fiquei orgulhoso de mim mesmo por ter me comportado tão bem, embora quisesse que ela não ouvisse meu coração batendo forte no escuro.

— Você encontrou a bomba?

— Não.

Então, fiquei tenso, incapaz de controlar o medo.

— Quer dizer que ainda está lá...?

— Fique tranquilo. Não consegui encontrá-la porque não estava mais lá.

— Tem certeza de que não a deixou passar?

Se fosse possível, eu poderia ouvir Erica franzir a testa.

— É de mim que estamos falando. Examinei todos os níveis subterrâneos. Até aqueles que eu não deveria conhecer. Não há bomba nenhuma aqui embaixo.

— Ela estava atrás de uns canos no primeiro andar...

— A uns vinte metros de um palete cheio de ovos em pó. Eu sei. Achei o local onde a bomba estava. Mas, como disse, sumiu. O que sobrou foi só um resíduo de massa explosiva C-4. E um leve cheiro de loção pós-barba tóxica do Chip Schacter. Era por isso que estavam brigando? Você o viu lá embaixo com ela?

— Sim. Ele e Hauser. Entraram por um acesso secreto perto do galpão de ferramentas enquanto...

— Eu estava capturando a bandeira. É, eu vi você indo atrás dele.

— Você lutava com uma dúzia de caras enquanto caía uma tempestade de neve!

— Sou boa em multitarefas.

— Claro. Por que não seguiu a gente?

— Porque tive de buscar o minimicrofone para poder plantá-lo em você quando pegassem vocês dois brigando.

Pensei nisso por um segundo.

— Você não quis dizer só por precaução, “se” pegassem os dois brigando?

— Não — respondeu Erica. — Imaginei que havia uma chance excepcionalmente boa de o Chip te ver e tentar te dar uma surra.

Recuei, envergonhado pelo meu péssimo desempenho e pelo quão previsível eu era.

— Então... o Chip removeu a bomba depois que eu o peguei com ela?

— Esta é uma possibilidade, embora eu não ache que foi assim.

— Por que não?

— Porque o Chip tirou D na última prova final de desativação de bombas. Se aquele idiota tivesse tentado fazer alguma coisa com um explosivo, nós saberíamos, porque haveria uma enorme cratera fumegante onde a escola costuma estar.

Um pensamento me ocorreu. *Então... isso significa que ele provavelmente também não plantou a bomba.*

— Você acha que a bomba era dele? — perguntou Erica em tom de desdém.

— Hã... bem... sim — admiti. — Ele é meio babaca.

— Idiotas penduram você no mastro da bandeira pela cueca. Eles não explodem escolas.

— Então, como ele sabia da bomba?

— Não faço ideia. Talvez ele tenha tropeçado nela.

— E ele não contou a ninguém?

— Bem, como você viu, ele contou ao Hauser.

— Mas a ninguém da Administração. Isso é suspeito, não é?

— Sim.

— Por que ele não contou?

Erica deu de ombros.

— Ainda estou pensando nisso. Embora haja algumas perguntas mais urgentes.

— Tipo: “Quem colocou a bomba lá se o Chip não colocou?”.

— Sim, por aí.

— Acha que quem colocou a bomba lá também a removeu? — perguntei.

— É possível. Assim que descobriram que Chip, Hauser e você sabiam, a removeram. Mas também tenho dúvidas sobre isso.

— Tipo o quê?

— Tipo, onde estava a bomba, para início de conversa. Se eu fosse um homem-bomba querendo causar sérios problemas aqui, teria colocado a bomba embaixo de um dos prédios principais. Mas esta estava lá embaixo, na mata, ao lado de um depósito do refeitório. Se tivesse explodido, só teria acabado com algumas árvores e um monte de ervilhas enlatadas.

— Talvez o homem-bomba só quisesse causar um probleminha — sugeri. — Pra mandar uma mensagem ou algo assim.

— Que tipo de mensagem explodir um monte de latas de ervilhas manda? — perguntou Erica.

— Hum... parem de servir ervilhas em lata?

— Acho que é mais fácil mandar essa mensagem por *e-mail*.

— Não se você quisesse garantir que não houvesse mais ervilhas em lata pra servir.

— Esqueça essa coisa das ervilhas em lata, Ben. Não vai dar certo.

Recuei e pensei em outra coisa.

— Há câmeras de segurança nos túneis?

— Não.

— Sério? Mas há câmeras em todos os lugares na superfície.

— Sim — disse Erica. — Acho que a ideia era: se você tem câmeras suficientes na superfície, não precisa de nenhuma embaixo. Afinal, as únicas pessoas que deveriam saber que existe um nível subterrâneo são os alunos e professores, que, em teoria, são todos do bem.

— Mas se um deles decidir trabalhar pro inimigo...

— Um bom ponto, mas não é uma boa ideia. Claro, também é possível que não haja câmeras lá embaixo porque são caras e há cerca de vinte quilômetros de túneis que precisariam ser conectados. Seja qual for o motivo, não há câmeras. Portanto, não há imagens de ninguém armando ou removendo a bomba.

— Devemos contar à Administração?

— O quê? Que tinha uma bomba lá embaixo, mas agora ela sumiu?!
Nunca vão acreditar nisso.

— Você disse que havia resíduos.

— Sim. Havia. E peguei tudo. — Erica ergueu um saco de provas. Havia vestígios de uma massa amarela nele.

Olhei com cautela, ciente de que aquele pequeno pedaço de explosivo era suficiente para nos fazer virar fumaça.

— Então, o que fazemos agora?

— Não é óbvio? — perguntou Erica. — É hora de *hackear o mainframe*.

CAPÍTULO XVI

Infiltração

Sala do Diretor

9 de fevereiro

03:00 horas

Havia apenas um lugar em todos os vinte quilômetros de túneis subterrâneos que realmente tinha câmeras de segurança: o corredor em frente à Caixa. Para caso de algum prisioneiro, ou aluno, detido ali tentar escapar.

No entanto, Erica já havia cuidado disso. Era bastante simples de se fazer. Ela simplesmente se conectou por trás de cada câmera e congelou a imagem transmitida. Um quadro estático de um corredor vazio parecia exatamente como uma filmagem ao vivo de um corredor vazio.

— É exatamente isso que o assassino fez com todas as câmeras quando te visitou — explicou ela.

— Não parece muito difícil tirar as câmeras de operação — eu disse.

— Não, não é. Mas você precisa saber onde todas elas estão. O que um bandido comum se infiltrando na escola não saberia... a menos que alguém de dentro tivesse contado a ele.

Erica sabia a localização de todas as câmeras. Todas as 1672. Foi preciso usar o macaco hidráulico para atravessar o Edifício Hale e chegar à sala do diretor, além de ziguezaguear e nos esquivar de outras cinquenta e oito. Mesmo nos movendo a uma boa velocidade, levamos bem mais de uma hora para chegar lá. E a Erica me obrigou a ficar em silêncio absoluto durante esse tempo.

O teclado numérico computadorizado perto da porta da sala do diretor, que eu havia queimado com o *taser* durante minhas AHSCs, havia sido substituído por um novinho em folha, e Erica já sabia o código de entrada.

Era 12345678.

— O diretor não é muito bom em memorizar códigos — explicou ela assim que entramos, depois de usar o macaco hidráulico nas duas câmeras da sala dele. — Ele também é um idiota.

— Então o código para acessar o *mainframe* não seria o mesmo? — sugeri.

— Infelizmente, não. Embora eu tenha tentado. A própria CIA administra o *mainframe*, não a escola. E a agência o protege um pouco melhor do que o diretor protege o escritório dele. Como você sabe, há uma criptografia em cadeia de dezesseis *bits* nele.

— Sim. Mas ainda não faço ideia do que isso significa.

Erica suspirou.

— Você ainda não leu *Fundamentos da criptografia*?

— Eu estou tentando. Mas esse livro é entorpecente. Ler isso é como inalar clorofórmio.

— Você fala como alguém que nunca inalou clorofórmio — reclamou Erica. — Uma cadeia de dezesseis *bits* é um código de entrada de dezesseis caracteres selecionados aleatoriamente pelo *mainframe* da CIA todos os dias. É impossível decifrá-lo. O código é enviado por *e-mail* para a conta do pessoal da segurança no dia anterior. Então, o único modo de saber o código é ter acesso ao *mainframe*. Depois, em teoria, você deve memorizar o código de cada dia.

— Mas o diretor não decora — concluí.

Erica me recompensou com um de seus raros sorrisos.

— Exatamente. Lembrar exige muita inteligência.

— Você sabia disso tudo?

— É mais uma suposição de quem é muito bem informada. O diretor tem sorte de conseguir lembrar qual pé colocar para frente quando atravessa uma sala. Agora, é aqui que você entra. Pense nesta tarde. O que o diretor fez antes de se conectar ao *mainframe*?

De repente, entendi.

— Foi por isso que você me fez insultá-lo? Pra fazê-lo se conectar e enviar *e-mails* pra todo mundo?

— Exatamente.

— Não havia uma maneira de fazer isso sem que ele ficasse furioso comigo?

— Talvez. Mas deste jeito funcionou. Então, me diga: o que aconteceu aqui?

Fiz o melhor possível pra reconstruir os eventos da tarde.

— Ele me ameaçou com liberdade condicional.

— E depois...?

— Você me disse pra continuar insultando ele. Foi o que fiz. Daí, ele foi até o computador, mas pareceu que ele teve um branco.

— Porque ele não conseguia se lembrar do código de *login*. Perfeito. — Erica se aproximou de mim, com os olhos cheios de entusiasmo. — E o que ele fez em seguida?

Daí eu apaguei. Seus olhos estavam deslumbrantes e seu hálito cheirava a Trident de canela. Eu não queria decepcioná-la. Então, claro, meu cérebro desligou completamente. Tentei me esforçar ao máximo pra me lembrar do que tinha acontecido, mas parecia que quanto mais eu tentava, mais borrado tudo ficava.

— Desculpa. Não consigo me lembrar.

Erica se aproximou ainda mais, até estar a apenas alguns centímetros de distância, olhando diretamente nos meus olhos.

— Se você me disser, eu te dou um abraço.

— Ele abriu o dicionário — eu disse imediatamente. Foi automático. Alguma parte do meu cérebro reptiliano foi acionado, fazendo surgir o desespero pelo contato dela.

Erica sorriu, satisfeita consigo mesma.

— Esse é o meu garoto. — Então, em vez de me dar a recompensa, ela foi até a estante e pegou o dicionário.

— Hum... — eu disse. — Você não disse que me daria um abraço?

— Sim. Mas não disse quando.

— Ah. Eu meio que presumi que seria agora.

— O que foi um erro. Não foi uma negociação muito boa da sua parte. — Erica abriu o dicionário sobre a mesa e encontrou o que procurava logo na capa. — Ah! Lá vamos nós!

Um cartão indexador de sete e meio por treze centímetros estava colado

ali. Trinta e dois códigos de entrada de dezesseis caracteres já haviam sido escritos nele e riscados. Estava quase cheio. Quando estivesse, o diretor provavelmente o rasgaria e colaria um novo cartão na capa. Havia muitos restos de fita adesiva indicando que aquele era um dentre centenas que haviam sido colados ali ao longo dos anos.

O último código de entrada foi h\$Kp8*&cc:Qw@m?x.

Erica ligou o computador do diretor, abriu a página de login do *mainframe* e digitou o código.

“Acesso ao *mainframe* concedido”, o computador nos informou.

— Entramos! — Erica comemorou.

Ela estava sorrindo largamente agora, era a alegria em pessoa. Parecia ter se esquecido de mim enquanto seus dedos dançavam pelo teclado. Dar a ela acesso aos arquivos secretos da CIA era como dar a uma criança normal as chaves da Disneylândia. De vez em quando, ela parava por um segundo, dizia “uau” ou “que interessante” e então voltava a vasculhar os arquivos.

Tentei observar o que ela fazia por cima do ombro, mas as páginas passavam rápido demais, uma a cada poucos segundos. Talvez ela estivesse lendo rápido; talvez desse apenas uma olhada nas primeiras frases e seguia em frente. Nunca havia tempo pra perguntar. Finalmente, Erica deu uma risada triunfante. Ela havia encontrado o que procurava.

— Aqui vamos nós, Ben. Todos os que receberam uma cópia impressa do seu arquivo pessoal. Veja se alguém aí te lembra algo.

Ela imprimiu a página e me entregou. Havia treze nomes nela. O primeiro era o diretor da CIA. Os cinco seguintes eram nomes que eu não reconheci: Percy Thigpen, Eustace McCrae, Robert Friggoletto, Eleanor Haskett, Xavier Gonzalez.

— Quem são essas pessoas? — perguntei.

— Os caras do alto escalão da CIA. As pessoas que aprovaram o seu recrutamento. — Erica já estava de volta ao computador, digitando algo. — Todos eles são bem discretos. Eu não esperava que você os conhecesse. Mas, mesmo assim, não custa nada perguntar.

O próximo nome na lista era Alexander Hale. O seguinte me fez rir.

— Quem diabos é Barnabus Sidebottom? — perguntei.

— Você está na sala dele agora— respondeu Erica.

— O nome do diretor é “Barnabus Sidebottom”?

— Sim.

— Entendo por que ele prefere manter isso em segredo — respondi.

Achei que tinha ouvido Erica rir, mas, quando voltei a fitá-la, ela estava assoando o nariz. Ou pelo menos fingindo assoar o nariz para que eu não achasse que a tinha feito rir.

Voltei minha atenção para a lista. Os quatro nomes seguintes eram de professores da escola de espionagem. Eu sabia um pouco sobre todos eles. Murray, Zoe e Warren tinham me dado informações sobre todo o corpo docente pra eu saber quais aulas assistir e quais evitar como se fosse uma praga.

Joseph Crouch era professor de criptologia, o único dos quatro com quem eu tivera aula até então. Um dia, ele substituiu meu professor titular de criptografia, que estava gripado. (Pelo menos, a escola alegou isso. Zoe suspeitava que ele tivesse sido chamado pra uma missão ultrassecreta). Crouch era veterano, embora mantivesse a cabeça fria e pudesse dar uma palestra fascinante, também era tão inteligente que podia ser tremendamente difícil de acompanhar.

— Foi Crouch quem desenvolveu minhas “habilidades de criptografia”? — perguntei.

— Imagino que sim. — Erica estava tão absorta no que quer que estivesse digitando no computador que nem olhou para cima.

Kieran Murphy ensinava as minúcias de se manter infiltrado por anos a fio. A turma dele era extremamente avançada, reservada apenas a alunos do sexto ano, se os extremamente raros e talentosos alunos do quinto ano conseguissem a vaga. O Professor Murphy foi um dos melhores agentes secretos que a CIA já teve, tendo cumprido diversas missões confidenciais durante vários anos, embora houvesse um boato de que ele se saiu tão bem se passando por um agente leal numa célula terrorista, que o líder o convidou para ser padrinho de casamento.

Harlan Kelly ensinava disfarce. Acho que só o vi uma ou duas vezes, embora não tenha nenhuma certeza. Ninguém sabe ao certo quantas vezes já viu Harlan, pois ele tem o hábito de aparecer como uma pessoa

completamente diferente a cada dia. E nem sempre como homem. Murray contou que certa vez o diretor deu em cima de uma professora visitante por meia hora antes de descobrir que, na verdade, ela era o Harlan.

Lydia Greenwald-Smith ensinava contraespionagem. Ela era uma boa instrutora, mas isso era tudo o que se sabia sobre ela. Era muito prática nas aulas e mantinha sua vida fora da escola o mais privada possível. Segundo meus amigos, havia fungos viscosos com mais personalidade.

O último nome da lista foi o único que realmente me surpreendeu.

Tina Cuevo.

— A Tina está aqui — eu disse.

— É, eu vi. — Erica ainda não havia tirado os olhos da digitação. Seus dedos voavam furiosamente pelo teclado, como se um manifesto estivesse jorrando dela.

— Isso não te parece estranho? — perguntei.

— Por quê?

— Ela é a única aluna.

— Sim, mas ela também deveria ser sua orientadora, até te colocarem na Caixa. Como você era um alvo em potencial para agentes inimigos, provavelmente fazia sentido notificá-la para que ela pudesse monitorar sua segurança.

Lembrei-me da primeira vez que encontrei Tina, na noite em que o assassino veio ao meu quarto. Ela estava com uma arma no bolso do pijama. E reagiu muito rápido à minha alegação de que havia um assassino no final do corredor. Ela nem questionou, saiu imediatamente para lidar com a situação. Em retrospecto, tudo fazia mais sentido se ela já soubesse que eu era isca pra espiões. E ainda assim...

— Ainda pode valer a pena investigá-la — eu disse. — Chip foi uma das primeiras pessoas a saber sobre minhas habilidades com criptografia.

— Não, ele foi um dos primeiros a admitir que sabia sobre suas habilidades com criptografia.

— Mesmo assim, ele é um aluno. O que parece mais provável? Que ele obteve essa informação da Tina ou de um dos professores?

— Não consigo imaginar a Tina compartilhando informações confidenciais com o Chip — disse Erica. — Ela está em terceiro lugar na

turma. Não deixam qualquer um ser orientador.

— Bem, então, talvez o Chip tenha invadido o quarto dela.

— A Tina não é burra a ponto de deixar um arquivo confidencial exposto onde um idiota que nem o Chip pudesse encontrar.

— Bem, alguém precisava fazer isso. E duvido que tenha sido o chefe da CIA.

Erica ergueu os olhos do computador.

— Só porque uma pessoa alcançou uma posição de destaque não significa que ela não cometa erros de vez em quando. Eu diria que qualquer um desses professores poderia ter vazado as informações com tanta facilidade quanto a Tina. Com a possível exceção de Kieran Murphy. Você não dura muito como agente secreto se for propenso a erros.

— Mas ele passou mais tempo entre os inimigos do que qualquer um. Talvez alguém já o tenha denunciado.

Erica franziu a testa ao pensar nisso, mas também não negou que fosse possível.

— Sempre podemos voltar aos nomes dessa lista. Mas se a fase dois do nosso plano der certo, nem precisaremos investigá-los. O inimigo virá direto até nós.

Erica terminou de digitar com entusiasmo e apertou a tecla *Enter*. O computador entrou em ação.

De repente, fiquei muito preocupado.

— Hum... o que é a fase dois?

— O *e-mail* que acabei de enviar. Acabei de usar a conta de *e-mail* do diretor, então todos vão pensar que foi ele quem enviou.

— Pra quem?

— Um grupo muito seletivo de destinatários; incluindo, entre outros, as outras doze pessoas da sua lista.

Todo o carinho que eu sentia por Erica começou a se dissipar.

— Erica? O que você fez?

— Eu? — ela perguntou timidamente. — Eu não fiz nada. Você fez. Na verdade, você acabou de desenvolver algo ainda mais importante que o Cata-vento. Parabéns.

— Isso não tem graça.

Erica apagou seu histórico de buscas e se desconectou do *mainframe*.

— O Cata-vento era pra ser apenas um avanço na criptografia de mensagens — explicou ela. — Bem legal e tudo, mas agora a Administração descobriu que você tem uma carta ainda melhor na manga: a Britadeira. O decifrador de códigos definitivo. Capaz de demolir qualquer criptografia. Uma mudança radical. A Administração providenciou para que você fizesse uma apresentação altamente confidencial sobre isso amanhã à noite. Até lá, eles te deixarão em confinamento para protegê-lo.

Estremeci ao ver onde isso iria dar.

— Se a notícia vazar, qualquer um que queira a Britadeira vai vir atrás de mim.

— Exatamente. — Erica desligou o computador e começou a limpar qualquer evidência de que tínhamos estado na sala. Ela estava indiferente de uma forma irritante para alguém que tinha acabado de colocar minha vida em perigo de propósito.

— Você me transformou em isca! — exclamei.

— Você já era uma isca — Erica me informou.

— Bem, uma isca maior, então — eu disse. — Como isca de tubarão. Você sabe que isso vai vazar de novo.

— Claro que vai. O informante não vai resistir. Mas não precisa surtar. Também solicitei uma atualização completa de segurança para você na sede da CIA. Eles vão conseguir.

— Se o inimigo não encontrar um jeito de pegar todo mundo desprevenido de novo!

Erica tirou um pacote de lenços antissépticos do bolso e começou a limpar as impressões digitais da mesa da diretoria.

— Olha, podemos continuar neste jogo de duas maneiras. Você pode ficar sentado, esperando os bandidos virem atrás de você quando quiserem ou fazer com que venham até você quando você quiser. Eu escolhi a segunda opção. Assim, estamos preparados para eles.

Fiquei pensando nisso por um minuto. Por mais que eu odiasse admitir, havia uma boa dose de lógica no argumento da Erica. Mas eu ainda estava irritado.

— Você poderia pelo menos ter me avisado que ia fazer isso.

— Eu acabei de avisar.

— Eu quis dizer antes de fazer.

— Se serve de consolo, também cancelei sua liberdade condicional — disse Erica. — Pelo que todos sabem, essa ordem veio diretamente do diretor. E pelo que o diretor sabe, bem... ele provavelmente esqueceu que te colocou em liberdade condicional pra início de conversa. Se você quiser, está livre para sair da Caixa e voltar para um dormitório de verdade.

Minha raiva da Erica começou a se dissipar, embora eu não estivesse a ponto de ficar caidinho novamente. Ela estava me usando tanto quanto a Administração, me colocando em perigo para promover seus próprios interesses.

— Provavelmente seria melhor ficar lá mais uma noite — eu disse. — Pelo menos, até a CIA aparecer amanhã.

— Acho bastante sensato.

Erica examinou a sala do diretor, concluiu que estava exatamente como quando entramos e me conduziu até a porta.

— E se o inimigo suspeitar que isso é uma farsa? — perguntei.

— Eles provavelmente suspeitarão. Mas, mesmo assim, não conseguirão desconsiderar por completo.

— O que significa que virão atrás de mim de qualquer jeito.

— Sim! — E Erica abriu o maior sorriso que eu já vi ela dar. — Emocionante, não?

CAPÍTULO XVII

Evidência

Refeitório

9 de fevereiro

13:10 horas

— Tenho um conselho pra te dar — Murray me disse no dia seguinte, durante o almoço. — Fuja.

— Fugir?! — repeti. — Fugir pra onde?

— Qualquer lugar. Para casa. Para o Lincoln Memorial. Las Vegas. Eu não ligo, desde que saia daqui. Porque se ficar, vai morrer.

Murray se deliciou com uma pilha de sanduíches de pasta de amendoim e geleia que ele mesmo havia feito. Não foi uma má ideia, considerando que o refeitório estava servindo sanduíches de carne moída naquele dia.

— Ele não pode fugir — retrucou Zoe. — Isso o colocaria em mais perigo. Olha toda a segurança que temos aqui. — Ela acenou para o refeitório.

— É — interrompeu Warren. — Este lugar é mais fechado que o Forte Knox.

Na verdade, havia uma dúzia de agentes da CIA na sala, todos lá para me proteger. Alguns estavam posicionados nas portas da sala, em alerta, enquanto outros, mais disfarçados, fingiam ser professores visitantes. No entanto, todos sabiam que a presença deles ali era para minha proteção. A Academia jamais teria permitido que professores visitantes almoçassem no refeitório, com medo que fossem envenenados.

O plano da Erica funcionara incrivelmente bem. Todos da CIA para quem ela enviara *e-mails* sobre a Britadeira morderam a isca, o que era um pouco perturbador, considerando que muitos deles eram os principais espões do país. Eles acreditavam que a mensagem havia sido enviada pelo

diretor; afinal, a conta dele estava no *mainframe*, e o *mainframe* supostamente era impenetrável. Portanto, também acreditavam que a Britadeira existia e precisava ser protegida a todo custo. A segurança foi providenciada de imediato. Fui acordado às 6h da manhã por uma batida na porta. Era Alexander Hale, que havia sido chamado de outra missão (confidencial, é claro) pra supervisionar a operação. Ele chegou tão rápido que ainda estava usando uma camisa *dashiki*.

Infelizmente, a história se espalhou ainda mais rápido do que Erica previra. A segurança da informação da Academia era mais vazada que o Titanic. Eu não havia contado nada aos meus amigos sobre a Britadeira, mas eles descobriram mesmo assim. A escola inteira. Todos sabiam de tudo antes do café da manhã que eu havia inventado o decifrador de códigos definitivo, que o apresentaria à Administração da Academia naquela noite... e agora era um homem marcado.

Alexander não estava no meio da confusão. Ele verificava suas tropas posicionadas ao longo de todo o perímetro da Academia, bem como em vários pontos de importância tática no *campus*. Ao todo, ele me informou, havia cinquenta e dois agentes da CIA de plantão naquele dia, todos encarregados exclusivamente de me manter seguro.

Outra pessoa presente ali era a Erica. Ela estava em segundo plano, mas não tirou os olhos de mim o dia todo. (Mesmo quando precisei usar o banheiro, o que foi um pouco desconfortável). No momento, ela estava a duas mesas de distância, teoricamente lendo o *Guia do usuário de artilharia do sudeste asiático*, de Driscoll, enquanto comia uma salada, mas eu sabia que ela estava ainda mais atenta aos acontecimentos da sala do que o normal. Erica não tinha inventado a Britadeira só para deixar a CIA invadir e roubar sua cena. Assim que a situação piorasse, ela pretendia estar no centro da confusão.

Ela e eu passamos a manhã tentando rastrear a fonte do vazamento, mas sem sucesso. O informante encobriu bem os rastros. Nossa investigação era um *loop* infinito, todos apontando o dedo pra alguém até voltarmos ao ponto de partida.

— A Zoe tem razão — eu disse. — Se eu abandonar este lugar, vou ser alvo fácil.

— E se você ficar aqui, você tá morto. — Murray tinha um pedaço de sanduíche tão grande enfiado na bochecha, que parecia um esquilo acumulando nozes. — Pense nisso: o que vai acontecer depois que você fizer sua pequena apresentação hoje à noite? Depois que contar tudo sobre a Britadeira... será um alvo ainda maior. Pra sempre. Você acha que a CIA vai bancar tanta segurança todos os dias pelo resto da sua vida?

Engoli um pedaço do sanduíche de carne moída, preocupado. Eu não tinha pensado nisso.

— Mas como fugir vai resolver alguma coisa? — perguntei. — Nossos inimigos ainda vão querer a Britadeira, eu contando tudo ou não.

— Bem, você não pode simplesmente fugir — explicou Murray. — Antes, precisa começar uma campanha de desinformação. Espalhe a notícia de que você nunca inventou a Britadeira. Foi tudo uma farsa pra despistar nossos inimigos. Na verdade, você nem é o Garoto Prodígio da Criptografia, mas só um bode expiatório trazido pela CIA como isca.

— Ah, sim — zombou Zoe. — Como se alguém fosse acreditar nisso.

— É — concordou Warren, como fazia com praticamente tudo o que Zoe dizia. — Isso é ridículo.

Era a indicação perfeita de como minha vida havia se tornado complicada: contar a verdade sobre mim agora seria considerado uma campanha de desinformação; a qual ninguém acreditaria.

— O gênio escapou da lâmpada — eu disse. — Não tem como trazê-lo de volta. A única maneira de eu ficar seguro é a CIA pegar quem estiver atrás de mim.

— Ben está certo — disse Zoe a Murray.

— Zoe tem razão sobre o Ben estar certo — concordou Warren.

— Não necessariamente — Murray se virou para mim. — Imagine que alguém tente te matar hoje e a agência o capture. Não é o cara que comanda a operação. É só um pobre coitado que recebeu uma missão horrível. Ou talvez ele seja um assassino *freelancer* que nem sabe quem o contratou. Sim, é uma pista, mas a CIA pode levar anos para descobrir a quem ela leva. E essa é apenas uma organização inimiga. Aposto que tem uma dúzia que gostaria de pôr as mãos na Britadeira. Você acha que vão atacar hoje? Acha que a CIA vai acabar com todos eles?

Engoli em seco novamente. Eu também não tinha pensado nisso. Olhei pra Erica, que ainda estava com a cara enfiada no livro. Será que ela tinha pensado em alguma dessas hipóteses? Parecia improvável que não. Erica pensa em tudo, o que significava que está ciente de ter me colocado em grande perigo para benefício próprio.

Até a Zoe pareceu preocupada, embora tentasse dar um toque positivo à situação. Ela me deu um tapinha no joelho que deveria ser reconfortante e disse:

— O Cortina de Fumaça aguenta. Lembre-se, ele não é só um gênio. É uma máquina de lutar esguia e cruel.

— Bem, ele me abandonou no calor da batalha ontem — retrucou Warren.

Zoe franziu a testa para ele.

— Primeiro, você estragou tudo na sincronização e atacou cedo demais. Segundo, ele estava numa missão, seguindo o Chip. E, por fim, ele não te abandonou. Ele só foi embora quando soube que a Rainha do Gelo tinha tudo sob controle.

Warren fez beicinho, embora eu tivesse de admitir que também ficaria chateado se estivesse no lugar dele. Ele tinha sido atingido por tantas bolas de tinta que, apesar de uma hora no chuveiro, sua pele ainda estava meio azulada.

— Não estou nem aí se o Ben seja tudo isso — disse Murray. — Nem o Alexander Hale aguentaria tudo o que vai vir pra cima dele. — E enfiou mais meio sanduíche na boca.

— Por que toda essa manteiga de amendoim? — perguntou Zoe. — Seu colesterol aumentar demais.

— Espero que sim — respondeu Murray. — Tenho um exame físico para avaliar minha aptidão em campo na semana que vem. Falando nisso, vou comer torta. Alguém vai querer?

— Eu quero um pouco — eu disse. — Com sorvete.

Se as pessoas iam tentar me matar naquele dia, então, no mínimo, eu merecia uma sobremesa.

— Pode deixar. — Murray correu para fila do almoço. De repente, o Warren se enrijeceu, olhando pra trás. — Ah. Foi por isso que o Murray

saiu com tanta pressa.

Eu me virei e vi Chip Schacter, Greg Hauser e Kirsten Stubbs vindo na minha direção. Praticamente todo o refeitório ficou em alerta. Cem cabeças se viraram pra mim. Todos ficaram tensos, prontos para ver outra briga.

No entanto, me senti estranhamente calmo confrontando Chip. Talvez, porque havia doze agentes altamente treinados da CIA por perto, encarregados pela minha segurança. Se Chip me cutucasse com muita força, seria esmagado até virar pudim.

Então, Chip puxou a cadeira do Warren, mesmo Warren estando sentado nela. Ele simplesmente a inclinou para a frente, jogando Warren no chão, e então se sentou de frente pra mim.

— Achei que você estivesse em ultra-super liberdade condicional — disse ele. — O que faz aqui?

Dei de ombros.

— O diretor mudou de ideia.

— Por quê? — perguntou Chip. — Por causa dessa coisa da Fritadeira?

— Britadeira — corrija, me perguntando se havia alguém que não soubesse, já que deveria ser ultrassecreto. — Talvez. Não sei bem por que o diretor fez isso.

— Ele não é o único difícil de entender — disse Chip. — Do jeito que você estava implicando com ele ontem, quase parecia que você queria liberdade condicional. E hoje é como se nada tivesse acontecido.

— Você provocou o diretor? — perguntou Zoe, com os olhos mais arregalados do que o normal.

— Ele não te contou? — perguntou Chip. — O Ripley aqui deixou o diretor tão nervoso que pensei que o cara fosse ter um ataque de raiva.

— Aneurisma — corrija.

Zoe me encarou boquiaberta.

— Você ficou louco? Por que fez isso?

— Essa é exatamente a minha pergunta — disse Chip, lançando-me um olhar severo. — Por que você fez isso?

Tentei ignorar.

— Dei o que ele merecia. Você nunca quis dizer o que realmente pensa

dele?

— Claro — disse Zoe. — Mas não a ponto de correr o risco de ser expulsa da escola por isso.

— Bem, talvez seja esse o problema — disse o Chip. — Talvez o Ripley aqui saiba que não pode ser expulso da escola.

A afirmação pairou no ar. Zoe e Warren me encararam, em parte se perguntando se aquilo era verdade, em parte atordoados por Chip, logo ele, ter sido o único a descobrir.

— Isso é verdade? — Warren me perguntou. Agora havia um pouco de suspeita em seus olhos.

— É, Ripley. Qual é o problema? — repetiu Chip, embora houvesse um tom estranho e zombeteiro em sua voz, como se ele já soubesse a resposta.

— Eu posso... hã... ter alguma imunidade por causa da Britadeira — menti.

— Claro! — disse Zoe. — Você não é qualquer gênio em programação. Você é o gênio da programação! Eles não podem te expulsar, não importa o que aconteça!

— Talvez sim, talvez não — disse Chip, com conhecimento de causa. Ele se levantou, deu um tapinha no meu ombro e sussurrou no meu ouvido: — Estou de olho em você, Ripley. Só achei que deveria saber.

Então, ele e seus capangas foram pra fila do almoço. Chip não olhou pra trás, embora eu tenha notado que Hauser manteve os olhos em mim o tempo todo.

Percebi que minhas mãos estavam tremendo. A conversa com Chip me deixou inquieto, minha mente cheia de perguntas. O quanto Chip realmente sabia sobre mim? Toda a verdade? E, se sim, isso fazia dele o informante? Ou havia descoberto de alguma outra forma? Talvez ele só achava que sabia a verdade, e, nesse caso, não era o informante, mas simplesmente o idiota de quem suspeitávamos o tempo todo. Seria isso? E o que tudo tinha a ver com a bomba embaixo da escola?

— O que foi aquilo? — Murray sentou-se ao meu lado e me passou uma fatia grande de torta de banana. Imaginei que ele estivesse esperando o Chip ir embora antes de voltar. Então, começou a comer as duas fatias de torta com três bolas de sorvete cobertas por uma montanha de chantili,

só pra aumentar ainda mais o colesterol.

— Só a minha dose diária de intimidação do Chip Schacter — eu disse.

— Não exatamente — retrucou Zoe. — Dessa vez foi diferente. O Chip parecia... bem, é estranho, mas... parecia que agora ele gosta de você.

— Sério? — As sobrancelhas de Murray se arquearam tanto que desapareceram sob seu cabelo. — O que você fez? Arrancou um espinho da pata dele?

— Ele meio que insultou o diretor ontem — disse Zoe. As sobrancelhas de Murray se ergueram ainda mais.

— Você fez isso?! Estou tentando ser o pior espião do *campus*, e nem eu faria isso. Você é louco?

— Foi o que eu disse — Zoe falou para ele.

— Talvez ele seja louco — sussurrou Warren, achando que era baixo demais para eu ouvir.

Mas não respondi. Uma coisa tinha chamado minha atenção. Havia algo no bolso do meu casaco que não estava lá alguns minutos antes. Eu não sabia exatamente como sabia, já que o casaco estava pendurado no encosto da minha cadeira. Eu só tive a sensação de que algo estava diferente, como se houvesse uma minúscula mudança de peso. Talvez meus sentidos de espião estivessem começando a entrar em ação, me dando uma percepção extra de tudo o que acontecia ao meu redor.

Sem tentar chamar atenção, enfiei a mão no bolso. De fato, havia um pedaço de papel dobrado sob o meu celular.

— Chip percebeu que o diretor não pode se livrar do Ben — dizia Zoe. — Agora que inventou a Britadeira, ele é muito importante.

— Caramba! O Chip tem razão. — Murray ficou impressionado. — Eu não tinha pensado nisso. Ben, você é invencível! Precisa tirar proveito disso! Se não pode ser expulso, não precisa fazer a lição de casa. Nem aparecer na aula! Você pode encher o carro do diretor com creme de barbear e ele não vai fazer nada!

— Sim, ele pode — Zoe retrucou. — Só porque a Administração não pode expulsar o Ben, não significa que não possa puni-lo.

— É — concordou Warren.

Enquanto estavam distraídos, coloquei o pedaço de papel debaixo da

mesa e o desdobrei. Nele estava escrito: “Me encontre na *biblioteca* hoje à meia-noite. Sua vida depende disso”.

Não estava assinado, mas eu tinha quase certeza de que era do Chip. Para começar, parecia que um macaco tinha escrito, e “biblioteca” estava escrito errado. Além disso, eu tinha quase certeza de que o papel não estava no meu bolso antes de eu me sentar para almoçar. Chip teve a oportunidade perfeita quando sussurrou no meu ouvido.

Agora, um novo conjunto de perguntas surgiu. O que Chip poderia ter para me contar, de que dependia a minha vida? Se ele era o informante, por que se aproximar de mim daquele jeito? Se não era, o que sabia? Agora que eu pensava nisso, o bilhete poderia ser interpretado de duas maneiras: ou eu tinha que me encontrar com Chip para discutir algo sobre a minha sobrevivência... ou ele estava ameaçando tirar a minha vida se eu não me encontrasse com ele.

Se é que tinha sido Chip quem escreveu o bilhete. Percebi que Hauser e Stubbs também tiveram chance, pois ambos estavam atrás de mim enquanto eu conversava com o Chip. Ambos pareciam capazes de escrever errado “biblioteca”. Talvez um deles quisesse falar comigo sem que Chip soubesse. Ou talvez um deles quisesse me atrair pra uma armadilha.

Ou, então, eu estava errado e o bilhete foi colocado no meu bolso antes do almoço. Se fosse esse o caso, praticamente qualquer pessoa na escola poderia tê-lo colocado ali.

Por que não assinaram a droga do bilhete? Mataria alguém nesta escola ser um pouco menos enigmático pelo menos uma vez? Infelizmente, eu sabia que a resposta pra essa pergunta provavelmente era sim.

Percebi que ainda havia uma conversa acontecendo à mesa. Eu a havia filtrado enquanto pensava no bilhete, mas agora ela voltava à minha consciência. Murray, Zoe e Warren estavam falando sobre Chip.

— De jeito nenhum, ele gosta do Ben — Murray dizia. — Mesmo que pareça que ele goste do Ben, com o Chip sempre há um motivo oculto.

— Você não estava aqui — disse Zoe. — Você estava se escondendo na fila da sobremesa até ter certeza que era seguro voltar. Eu estava bem aqui, e te digo, o Chip estava diferente. Parecia mesmo que ele estava tentando ser legal.

— Ele não me pareceu tão legal assim — respondeu Warren.

— Bem, isso é porque ele não tem muita prática — respondeu ela. — Acho que estava mesmo tentando se aproximar do Cortina de Fumaça. De uma forma estranha, foi meio fofo.

— Ah, não — Warren se engasgou. — Você gosta dele, né?

Zoe recuou, ofendida.

— O quê?

— Você gosta dele — disse Warren, com amargura. — Assim como todas as outras garotas. Você sabe que ele é um babaca, mas como é bonito, você continua torcendo pra que, lá no fundo, ele seja um cara legal.

— E, lá no fundo, você é uma idiota — Zoe retrucou. — Eu não gosto do Chip.

— Bem, se gosta, esquece — disse Murray. — Ele e a Tina estão juntos.

Colei na cadeira, incapaz de controlar minha surpresa. Embora Zoe e Warren também não conseguissem.

— Eles estão? — perguntamos todos ao mesmo tempo.

— Vocês não sabiam? — respondeu Murray. — Que tipo de espião vocês são?

— Melhor que você — retrucou Zoe. — Como você sabe?

— Eu percebo as coisas. — Murray enfiou meia bola de sorvete na boca. — Eles estão tentando manter segredo, claro, mas eu já vi os dois se encontrando algumas vezes.

Minha mente estava a mil. Se Chip e Tina estivessem juntos, e Tina fosse a única aluna a receber uma cópia impressa do meu arquivo, teria sido relativamente fácil para Chip ter acesso a ele. O que explicaria como Chip foi o primeiro a aparecer na minha porta, sabendo das minhas habilidades criptográficas secretas antes mesmo que eu. Erica também manteve Tina informada sobre a Britadeira, o que explicava por que Chip havia alegado estar de olho em mim. E agora ele enfiou um bilhete no meu bolso querendo que eu o encontre secretamente...

Eu precisava contar para Erica. Não conseguia acreditar que ela não sabia sobre Tina e Chip; pensando bem, se havia uma coisa com a qual a Rainha do Gelo não estava interessada, era relacionamentos interpessoais.

— Preciso ir — eu disse, levantando-me da mesa.

— Agora? — perguntou Murray. — Você nem tocou na sua torta!

— Não estou mais com fome — eu disse.

— Posso comer, então? — perguntou Murray.

— Claro.

Peguei meu casaco e comecei a atravessar a sala em direção à Erica.

Ela pareceu sentir minha chegada antes mesmo de eu dar três passos. Olhou pra mim, em guarda, e me perguntei se eu estava quebrando algum tipo de protocolo ao me aproximar dela em público.

Mas então percebi que não era só pra mim que ela olhava. Ela também observava toda a sala ao meu redor.

Os agentes da CIA a postos ao redor do refeitório ficaram em alerta. Os dois mais próximos de mim correram na minha direção. Um me cortou antes que eu pudesse chegar próximo dela. O segundo veio atrás de mim, agarrou meu braço com força e me empurrou em direção à porta.

— Você precisa vir conosco — disse ela. — Agora mesmo.

— Por quê? — Tentei disfarçar a preocupação na minha voz. Alexander Hale irrompeu na confusão à nossa frente. Um murmúrio de excitação percorreu a sala, como se um astro de cinema tivesse entrado. Acho que Alexander nem notou. Em vez disso, pareceu aliviado ao ver que eu estava bem.

— Sua apresentação sobre a Britadeira foi cancelada — ele me informou. — Acabamos de receber informações de campo. Precisamos levá-lo até um lugar seguro agora mesmo.

— Mais seguro do que um *campus* cercado por agentes da CIA? — perguntei.

— Sim — respondeu Alexander. — O inimigo está vindo atrás de você.

CAPÍTULO XVIII

Segurança

Sala de Segurança

9 de fevereiro

13:30 horas

Alexander Hale me levou direto para sala de segurança, o centro de comando de toda a Academia. Era um grande *bunker* escondido no labirinto de túneis subterrâneos. Ele insistiu que era o local mais seguro num raio de trinta e dois quilômetros, embora eu achasse um exagero, pois a Casa Branca e o Pentágono ficavam a menos de dezesseis quilômetros de distância.

No entanto, parecia impressionante por fora. Dois agentes armados da CIA ladeavam uma grossa porta de aço com um sistema de entrada de alta tecnologia. Alexander digitou um código no teclado, teve a palma da mão e a retina escaneadas e disse:

— Meu cachorro tem pulgas —, num microfone que analisava sua voz.

— Entrada aprovada —, respondeu uma voz feminina e exuberante.

A porta, entretanto, não se mexeu. Alexander bateu nela, irritado.

— Abra aí dentro! — gritou. — A porcaria da porta de segurança está com defeito de novo!

Ouviu-se um *click* e um agente com cara de constrangido abriu a porta por dentro.

— Sistema de entrada de alta tecnologia péssimo — Alexander murmurou baixinho. — É isso que acontece quando o governo terceiriza tudo pra quem cobra menos. — Então, ele se recompôs e sorriu pra mim, me tranquilizando. — Mas ainda é seguro! Se deu tanto trabalho para eu entrar, imagine como seria para o inimigo.

Embora não tivesse sido um começo auspicioso, eu tinha de admitir que

a sala parecia segura. Agora eu podia ver que a porta tinha quase trinta centímetros de espessura, com uma tranca do tamanho do fêmur de um tiranossauro. A sala era cercada por imponentes paredes de cimento revestidas de aço. Quando a porta se fechou novamente, foi como se estivéssemos enclausurados em um útero de ferro.

Ao longo de uma das paredes, havia um painel com doze monitores de vídeo conectados ao sistema de câmeras de segurança. Dois agentes da CIA estavam sentados em terminais de computador diante do painel, o que lhes permitia acessar a transmissão ao vivo de qualquer câmera que desejassem. Mais dois agentes, um dos quais acabara de abrir a porta para nós, ladeavam a entrada por dentro. Dentro da sala, havia mais dois terminais de computador e uma passagem para outra área.

— O que tem ali? — perguntei.

— Alojamentos — respondeu ele. — Caso alguém precise ficar aqui embaixo por um longo período. Pode olhar, se quiser.

A passagem levava a um espaço de convivência extra. Havia oito camas de campanha e cômodas, dois chuveiros, alguns sofás de couro sintético dispostos em torno de uma mesa de centro baixa, uma pequena cozinha americana e, como aquele *bunker* remontava à Guerra Fria, um bar completo. Alexander foi até a geladeira e pegou um isotônico amarelo *neon*. Parecia uma amostra de urina radioativa.

— Quanto tempo as pessoas costumam ficar aqui embaixo? — perguntei.

Alexander deu de ombros.

— Tudo isso foi construído há algum tempo, quando nossos superiores esperavam que os russos pudessem tomar o país a qualquer instante. Não vou te enganar, houve alguns sustos ao longo dos anos, mas nunca nada sério. Todos os problemas foram resolvidos com grande rapidez. Acho que o máximo que alguém já precisou ficar isolado aqui foi uma semana.

— Você já passou por uma situação como esta antes? — perguntei.

Alexander hesitou por tempo demais antes de responder. Então, percebeu a falha e assumiu a responsabilidade.

— Não exatamente. Mas não se preocupe. Temos os melhores dos melhores por aí, trabalhando para protegê-lo. E eu estou no comando.

Certa vez, tive de proteger a rainha da Arábia Saudita de uma horda de terroristas com nada além de um canivete suíço, e ela não sofreu nem um arranhão. Você vai ficar bem. Energético? — Alexander acenou para a geladeira.

Balancei a cabeça. Meu estômago estava embrulhado demais pra aguentar qualquer coisa. Meu almoço já ameaçava a voltar, embora isso fosse rotina nos dias de sanduíche de carne moída.

— Quando você disse que o inimigo está vindo atrás de mim, o que isso significava exatamente? Eles querem me capturar... ou me matar?

— Vou ser sincero com você: não temos certeza. — Alexander se sentou em um sofá e acenou pra que eu ocupasse o outro. — Se eu fosse de apostar, diria que estão querendo te capturar. Alguém com seus talentos vale muito mais vivo do que morto. Mas não posso garantir. É sempre bom estar de prontidão. Tem uma arma com você?

— Hã, não — admiti.

Era recomendado que os alunos da escola de espionagem carregassem armas o tempo todo, mesmo quando não houvesse uma ameaça iminente contra suas vidas... e muitos tinham. Mas, embora eu estivesse passando muito tempo no estande de tiro nos últimos dias, de alguma forma acabei ficando menos preciso. O instrutor chefe, Justin “Olho de Lince” Pratchett, até sugeriu que era mais seguro eu não ter uma arma carregada; embora ele tivesse me dado uma arma de brinquedo de aparência realista para eu poder blefar e me safar de problemas sem dar um tiro no meu próprio pé. Contei isso a Alexander e mostrei a arma falsa.

Alexander resmungou em desaprovação.

— Se as coisas ficarem difíceis... não que isso vá acontecer, claro, você vai precisar de mais do que um brinquedo. — Ele bateu na mesa de centro e um painel secreto se abriu, revelando uma dúzia de armas amontoadas lá dentro, variando de pistolas a fuzis de assalto. — E, só por precaução — disse Alexander —, tem um lança-mísseis portátil em um painel atrás do bar.

Analisei as armas com cautela e depois olhei de relance para o corredor, em direção ao centro de comando. Tudo estava quieto desde que chegamos. Ou os agentes que monitoravam as câmeras de segurança não

tinham visto nada que os preocupasse ou tinham visto algo e feito um trabalho incrível de manter a calma.

— Qual foi a informação que você conseguiu sobre o inimigo?

— Ouvimos algumas conversas. A Agência tem vários computadores enormes dedicados exclusivamente a monitorar cada *bit* de comunicação eletrônica — disse Alexander. — Linhas fixas, celulares, *links* de satélite, *e-mail*, *feeds* do X...

— Acham mesmo que os terroristas vão *tuitar* seus planos? — perguntei.

— Não queremos descartar nada — alertou Alexander. — Uma vez, consegui derrubar uma célula terrorista inteira em Kandahar porque um deles postou fotos do esconderijo no Facebook. De qualquer forma, colocamos a palavra “Britadeira” na matriz hoje de manhã e conseguimos um resultado bem antes de ir te buscar.

Sentei-me na beirada do sofá, preocupado.

— O que dizia?

— O sistema não funciona bem assim — explicou Alexander. — Ele precisa classificar uma quantidade insondável de informações. Trilhões de *bytes* por segundo. Tudo o que sabemos é quando ele captura muitas palavras-chave de uma só vez. Foi o que aconteceu. Ouvimos “Britadeira” várias vezes... em árabe. E a frase “Pegue Ripley” uma vez, também em árabe. Temos cem técnicos trabalhando nisso agora, analisando todos esses dados, tentando encontrar e decifrar a mensagem inteira. E, com sorte, rastreá-la até a fonte. Mas isso pode levar um tempo.

— Quanto tempo?

— Se tivermos sorte, horas.

— E se não tivermos?

Alexander desviou o olhar.

— Semanas.

Então, eu me levantei de repente.

— Quer dizer que talvez eu precise ficar aqui embaixo por dias?

— Claro que não — disse Alexander no tom de voz mais suave que conseguiu. — Garanto que encontraremos essas pessoas muito antes disso.

— Quando tentarem me matar!

Alexander colocou a mão reconfortante no meu ombro e me guiou de volta para o sofá.

— Benjamin, eu sei que isso é estressante. Lembro-me da primeira vez que me transformaram em alvo. Não foi fácil. Mas eu superei tudo, e você também vai. Aliás, se pensar bem, é uma oportunidade bem empolgante.

— Como assim? — perguntei, mais melancólico do que esperançoso.

— Você está aqui há apenas algumas semanas e já é parte fundamental de uma missão real — respondeu Alexander. — Tem ideia de quantos dos seus colegas matariam por essa chance? E falo sério. Existem alunos de primeira linha por aí que há seis anos só fazem simulações. Existem espões de verdade que nunca participaram de algo tão emocionante.

— Eles nunca vão ser alvos de assassinos? — murmurei. — Que azar o deles.

— Eles são azarados — disse Alexander. — Nenhum deles sequer viu este *bunker*. Nunca mobilizaram a CIA inteira por causa deles. E, sem querer parecer pomposo, nenhum deles jamais teve a chance de trabalhar comigo. Nem mesmo minha própria filha; e eu a ensinei tudo o que ela sabe. É disso que se trata a Academia de Espionagem. Este é o anel de bronze que todos buscam... e ele caiu nas suas mãos. É uma oportunidade única na vida. Jogue certo e você pode acabar sendo o garoto de ouro aqui.

E se eu jogar errado, vou acabar morto. Foi o que pensei, mas não disse. Porque sabia que Alexander tinha razão. Quando escolhi vir pra escola de espionagem, eu sabia que estava aceitando uma vida potencialmente perigosa. Só não esperava por isso tão cedo. Agora que estava ali, parecia muito menos romântico do que na minha imaginação... mas eu tinha de admitir que era emocionante também.

— Você tem razão — finalmente admiti.

— Esse é o espírito da coisa! — Alexander deu um tapa no joelho e riu. — Vou verificar nossa segurança. Por que não se acomoda aqui? Familiarize-se com algumas dessas armas, prepare uma bebida, pegue uma revista. Acho que tem algumas caixas de tira-gosto na despensa. Ou, se quiser, venha até a estação de monitoramento e nos veja em ação.

Ele caminhou rápido de volta pelo corredor.

Segui o conselho dele e tentei aproveitar ao máximo as coisas. Servi-me

de um *Gatorade* verde-vivo e encontrei a guloseima. Uma caixa de bolinhos que tinha sido colocada lá por volta de 1985, mas eram tão cheios de conservantes que ainda tinham gosto de novos. Não examinei as armas, as paredes de aço do *bunker* pareciam capazes de ricocheteiar uma bala perdida por horas até ela atingir meu crânio, então optei por me juntar a Alexander na estação de monitoramento.

Acontece que não foi muito emocionante.

Os monitores exibiam apenas dezenas de imagens estáticas do perímetro da escola sem ser atacado. Os agentes continuavam mudando as imagens, pulando de um *feed* de câmera pra outro, mas todas eram praticamente as mesmas. Era como assistir ao Canal Wall vinte e quatro horas por dia. Depois de meia hora, eu me peguei torcendo para que fôssemos atacados. Pelo menos, algo poderia acontecer. Mas o momento mais emocionante foi quando um dos agentes viu um esquilo.

Depois de uma hora, decidi ler revistas, muitas das quais não eram repostas desde o início dos anos setenta. Apreendi bastante sobre o elenco de *Bonanza*.

Depois de duas horas, houve uma troca de turno.

Depois de três horas, eu estava dormindo.

Depois de cinco horas e quarenta e dois minutos, porém, exatamente às 19h30, ouvi um bipe.

Era um bipe persistente e irritante, projetado para chamar a atenção, mas não para assustar, mais como um temporizador de micro-ondas do que uma buzina. Acordei no sofá e ouvi vozes exaltadas na sala de monitoramento.

Entrei correndo e encontrei os agentes passando rapidamente as imagens das câmeras enquanto Alexander os observava por cima dos ombros. As imagens não mostravam nada além de paredes e bosques, tudo em verde de visão noturna, já que estava escuro lá fora. Ninguém parecia muito preocupado, embora eu tenha notado suor no lábio superior dos dois agentes mais jovens.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Temos uma violação — respondeu Alexander. — Perímetro sudoeste. Senti meu coração disparar.

— É o inimigo?

— Amigos costumam usar a porta da frente, não pular o muro — disse Alexander. — Além do mais, seja quem for, é astuto. Estamos com dificuldade para localizá-lo.

— Peguei! — exclamou um dos agentes. — Câmera 419. Bosque, perto do lago.

Nós nos viramos em direção ao monitor dele e vimos alguém com uma jaqueta de inverno pesada correndo por entre as árvores, movendo-se a toda velocidade. Era impossível distinguir qualquer vulto na escuridão.

— Ele está indo direto para a escola — disse o outro agente. — A câmera 293 o detectou.

Olhamos no monitor bem a tempo de ver o intruso arremessar uma bola de neve na lente da câmera, escurecendo-a.

— É só uma pessoa? — perguntei.

— Isso é o que conseguimos ver— respondeu Alexander. — O que significa que provavelmente há uma dúzia que não conseguimos. — Ele sacou o rádio com uma mão e a arma com a outra. — Atenção, agentes, aqui é o Cão Líder. Temos atividade no quadrante sudoeste da propriedade. O inimigo rompeu o perímetro e parece estar se dirigindo para o dormitório. Todos os agentes disponíveis sigam para lá em disparada. — Alexander apontou para os dois agentes posicionados perto da porta. — Vocês dois, venham comigo.

— Você está levando a minha proteção? — perguntei.

— Depois que acabarmos com esses caras, você não precisará mais de proteção — disse Alexander, tentando me tranquilizar. Ele digitou um código num teclado, a porta gigante destrancou e se abriu.

— Mas, mesmo assim, não faria mal deixá-los aqui, certo? — sugeri. — Só pro caso de algo dar errado.

— Nada vai dar errado, Benjamin. Eu estou no comando aqui. — Alexander verificou seu reflexo no aço reluzente, como se quisesse ter certeza de que estava com boa aparência para as tropas. — Agora vamos embora, homens. Temos um inimigo para subjugar. — E disparou pelo corredor.

Os agentes que guardavam à porta o seguiram obedientemente.

Observei a porta de aço se fechar atrás deles e esperei pelo *click* reconfortante da trava de segurança deslizando de volta ao lugar antes de voltar minha atenção para os monitores.

As imagens de vídeo surgiam cada vez mais rápido ao mesmo tempo em que os agentes tentavam rastrear tudo o que acontecia na superfície. Vislumbrei o inimigo passando rapidamente pelas câmeras na floresta, equipes de agentes da CIA a caminho do dormitório, Alexander e os dois agentes que ele acabara de recrutar correndo pelos túneis subterrâneos para participar da ação. O rádio chiava com as comunicações entre agentes: equipes se coordenando, pedidos de informações sobre o inimigo, Alexander ordenando que todos recuassem até sua chegada.

Vi o inimigo passar correndo pelo ginásio, aproximando-se do dormitório.

— Está no meu campo de visão — relatou um agente posicionado perto do dormitório.

— Suspendam fogo — Alexander disse a todos. — Se possível, quero esses caras vivos.

Nos monitores, vi Alexander emergir da superfície de dois ângulos diferentes e, em seguida, juntar-se a um pelotão atrás do dormitório. Houve uma rápida discussão que não consegui entender, e então o pelotão se espalhou, pronto para ação.

O inimigo estava contornando o refeitório, quase chegando ao dormitório, mas comecei a ficar incomodado. Havia algo perturbador e familiar no andar do homem que eu observava. E, além disso...

— Parece mesmo que só tem um cara — eu disse.

— É — admitiu um dos agentes nos monitores. — Parece mesmo.

— Ataquem! — Alexander ordenou.

As telas dos monitores mostravam o terreno subitamente se enchendo de agentes da CIA. Eles emergiram de trás dos prédios, saltaram de telhados, irromperam de pilhas de folhas. Uma dúzia de redes foi lançada de uma só vez. Quatro atingiram o alvo, enquanto duas eliminaram agentes no fogo cruzado. O inimigo caiu em massa, enroscou-se nas redes e então escapou para encontrar cinquenta agentes convergindo para ele com armas em punho.

Não houve nenhum ataque adicional vindo da floresta. O que significava que havia apenas um homem. As luzes se acenderam, banhando o terreno com um clarão ofuscante. Em todos os monitores, as câmeras se aproximavam do alvo. Uma delas conseguiu tirar uma foto do rosto dele.

— Ah, não — eu disse.

Era Mike Brezinski.

Um segundo depois, atrás de mim, uma explosão arrancou a porta de aço das dobradiças.

Virei-me e vi a sala se enchendo de fumaça.

Percebi que havia deixado minha arma na outra sala, embora isso não fizesse diferença.

Dardos de sedação atingiram os agentes antes mesmo que pudessem pegar suas armas.

Outro me acertou no ombro.

A última coisa que vi foram três homens encapuzados emergindo da fumaça, e então a escuridão se instalou.

CAPÍTULO XIX

Rapto

Washington, d.c.

Ruas próximas ao National Mall

9 de fevereiro

19:45 horas

Quando recuperei a consciência, percebi que estava em movimento. Era a única certeza que tinha. Havia um saco pesado sobre minha cabeça, bloqueando toda a luz, e eu estava amarrado como um bezerro num rodeio: minhas mãos amarradas atrás das costas e meus tornozelos presos juntos. Eu estava deitado no chão, na parte de trás de um veículo. Imaginei que fosse uma van, porque parecia haver bastante espaço, mas fiquei na dúvida. Ninguém sequer se dera ao trabalho de me prender a um assento. Eu simplesmente tinha sido jogado para dentro feito uma bagagem. Meu ombro latejava onde o dardo me atingiu; parecia que eu tinha sido picado por uma vespa do tamanho de um labrador.

Estava apavorado, mas tive a presença de espírito de não dizer nada, nem fazer movimentos bruscos. Por enquanto, meu instinto dizia para eu deixar meus sequestradores pensarem que eu ainda estava inconsciente. Talvez assim pudesse aprender algo sobre eles. Quando me concentrei, consegui detectar uma conversa distante que vinha da frente da van, embora o som da estrada atravessando o assoalho do veículo quase a abafasse. Concentrei-me o máximo que pude, esforçando-me para captar as palavras:

— Acho que os Wizards vão para as finais este ano — disse uma pessoa.

— Acho que você é um idiota — falou a outra.

Franzi a testa. Era o rádio. Mas que organização terrorista estrangeira ouviria rádios esportivas americanas?

De repente, houve uma pancada extremamente forte no teto da van, como se algo tivesse caído com força suficiente para amassar o metal. Aquilo me assustou, e pareceu ter o mesmo efeito nos meus sequestradores. Alguém no banco da frente reagiu com surpresa em um idioma que eu não conhecia. Então, ouvi vidro quebrando, seguido por um baque úmido e alguns gemidos.

Meu medo aumentou um pouco. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Talvez alguém estivesse tentando me resgatar, mas também era possível que outra facção de bandidos estivesse tentando entrar na briga. Poderia ser uma emboscada, uma traição ou uma completa e total confusão. Seja lá o que fosse, eu era um passageiro indefeso em um veículo desgovernado cujo controle era disputado por pessoas perigosas, o que definitivamente não era um comportamento recomendado em aulas de direção.

Os sons de uma luta prolongada vinham do banco da frente enquanto a van derrapava sem nenhum controle. Eu era jogado de um lado para o outro enquanto pneus cantavam embaixo de mim e o vento frio soprava pela janela quebrada. Houve um solavanco, de fazer tremer os ossos, quando batemos de lado em outro veículo. Então, dois objetos pesados, corpos inconscientes, imaginei, caíram no chão perto de mim. Depois disso, veio uma série de pancadas distintas; não sabia bem como, mas reconheci como o som da cabeça de alguém batendo várias vezes no painel, e o baque final de um terceiro corpo caindo no chão. A van ficou descontrolada por mais alguns segundos e finalmente normalizou.

— Ei, Ben — disse Erica. — Agora pode parar de fingir que está inconsciente.

Eu nunca tinha ficado tão feliz em ouvir a voz de alguém na minha vida.

— Estamos seguros?

— Não exatamente, mas estou tentando. Agente firme.

Houve um estrondo de tiros de metralhadora atrás de nós, seguido pelo som de balas perfurando a lateral da van. Nossos freios rangeram e a van girou outra vez sem controle, como se Erica tivesse virado de propósito. Ouvi tiros vindos do banco da frente e em seguida o barulho do veículo

que nos perseguia batendo contra um muro.

A van parou de derrapar e voltou a se locomover normalmente.

— Certo. Agora sim, estamos seguros — disse Erica. — Pelo menos por um tempinho.

— Será que você pode me desamarrar? — perguntei.

— Me dá só mais um minuto ou dois. Ainda estão rastreando a gente.

— A van continuou movendo-se rápido, mas aparentemente dentro do limite de velocidade. Ouvi sirenes da polícia passarem por nós duas vezes na direção oposta, como se estivessem a caminho das ocorrências que deixamos para trás; ninguém nos parou. Depois de cinco minutos e vinte e três segundos, a van diminuiu a velocidade e deu um solavanco, como se tivesse subido um meio-fio, e então parou.

Cinco segundos depois, Erica abriu as portas traseiras, me arrastou pra fora e arrancou o capuz da minha cabeça. A primeira coisa que vi foi o rosto dela. Ela estava com tinta preta de camuflagem e sangue, embora eu não conseguisse dizer se era dela ou de outra pessoa. Havia um caroço do tamanho de uma noz sobre o olho esquerdo, o lábio estava inchado e o cabelo era um ninho de rato, mas ela ainda era linda. Claro, é possível que, se uma gárgula salvasse sua vida, você também a achasse a coisa mais linda que já viu.

Erica segurou meu rosto entre as mãos e se inclinou. Por meio segundo, pensei que ela fosse me beijar.

Em vez disso, inclinou minha cabeça para o lado, em direção à luz de um poste e examinou meus olhos.

— Suas pupilas estão ligeiramente dilatadas — disse ela. — Parece que te deram algum narcótico. É um tranquilizante leve. Está com náuseas?

— Sim, mas acho que é enjoo por causa do carro. Fui jogado de um lado pro outro.

— Melhor botar isso pra fora, só por precaução. — Então, ela cutucou minha barriga com três dedos.

Desabei e vomitei.

Aquilo era a última coisa que eu queria fazer na frente de Erica Hale; embora me sentisse consideravelmente melhor. Enquanto estava ajoelhado no chão, apertando a barriga, notei que Erica estava usando uma roupa

camuflada da cabeça aos pés. Era da cor branca gelo, para se esconder melhor na neve, elegantemente complementada com um cinto preto de utilidades. Ela abriu um dos vinte compartimentos do cinto, tirou uma pequena cápsula branca e entregou-a a mim.

— Isso é uma droga que neutraliza o tranquilizante? — perguntei.

— Não, é um Tic Tac. Combate o hálito de vômito.

— Vou querer dois — eu disse.

Erica os colocou na minha boca, depois sacou uma tesoura e começou a cortar as minhas amarras.

Eu não estava algemado. Em vez disso, meus pulsos e tornozelos estavam amarrados com algum tipo de arame flexível. Então, ela levou quase um minuto pra cortar.

Enquanto ela fazia isso, eu observava os arredores. Estávamos no lado sudoeste do National Mall. A van estava estacionada numa estreita faixa de terra entre a estrada e o Rio Potomac, a cerca de quatrocentos metros do Lincoln Memorial, que se erguia acima das árvores à minha esquerda como um gigantesco ar-condicionado de mármore. À minha direita, mais distante, estava a cúpula brilhante do Jefferson Memorial, enquanto à nossa frente se estendia uma extensão escura de campos de beisebol e a Tidal Basin. Além, o Monumento a Washington se erguia no céu.

Virei-me e olhei para a van. Era de uma marca indefinida, verde-escura, com placa da Virgínia, que eu apostaria ter sido roubada. O teto estava bastante amassado e o para-brisa, quebrado. As laterais estavam cheias de buracos de bala e a pintura bastante arranhada. O retrovisor do lado do passageiro pendia por um fio. Se foi alugada, alguém teria bastante prejuízo.

Os homens dentro da van estavam em estado ainda pior. Todos inconscientes, narizes quebrados, olhos roxos e o rosto tão inchados que era impossível dizer como poderiam ter sido antes.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Eu salvei sua pele. — Erica cortou o fio que prendia meus tornozelos e o jogou dentro da van. Então, tirou algo do meu traseiro e me mostrou. Um *post-it*. — Isto estava grudado na sua bunda. Imagino que seja deles. Tem alguma ideia do que significa?

Só havia um número: 70.200. Balancei a cabeça.

Erica guardou o *post-it* num saco plástico de evidências, agarrou meu braço e me puxou em direção ao campo de beisebol.

— Vamos — disse ela. — Antes que o reforço deles chegue.

— Não deveríamos levar um deles? — Apontei para os bandidos inconscientes na parte de trás da van. — Sabe, pra interrogar?

— É uma boa ideia, mas não temos tempo para carregar um corpo por aí. Este lugar ficará lotado de bandidos em dois minutos.

Eu sabia que não devia discutir com ela. Virei-me e corri. Embora o National Mall, em Washington, seja uma das atrações turísticas mais populares do país, é incrível como algumas partes dele são pouco visitadas. Mesmo em dia de verão, quando o Lincoln Memorial está lotado de turistas, o lado sul do espelho-d'água, ali perto, fica praticamente vazio. Em uma noite fria de inverno, não tinha ninguém por perto. Alguns carros passaram zunindo pela avenida Independence enquanto a atravessávamos, mas, fora isso, poderíamos estar a quilômetros da civilização.

Um grande bosque se estendia ao longo do lado sul do espelho-d'água. Ao entrarmos nele, vimos os faróis de três carros pararem onde havíamos deixado a van. Levaram menos de dois minutos para chegar. Parei sob a proteção das árvores com a intenção de observar, mas Erica me arrastou.

— Não pare. Não vão demorar muito pra perceber que viemos por aqui. Não há muitas opções.

Ela tinha razão. Entre o Potomac e a Bacia das Marés, havia poucas direções pra seguirmos que não envolvessem nadar. Por um instante, achei que Erica tivesse cometido um erro pela primeira vez, ao abandonar a van naquele lugar. Ela nos deixou o mais longe possível de qualquer abrigo ou de uma estação de metrô na cidade, enquanto o inimigo tinha carros e muitos homens. Não demoraria muito para nos alcançarem.

Mas, como sempre, Erica tinha planejado tudo com bastante antecedência.

Não muito longe na mata, havia um pequeno memorial quase esquecido em homenagem a Chester Alan Arthur, um dos nossos presidentes menos eficientes. Eu o havia encontrado com Mike alguns anos antes, depois de um jogo da liga infantil no campo de beisebol. Na época, achei estranho

que alguém se desse ao trabalho de construir um monumento a Arthur, ou que, se alguém realmente se importasse, o tivesse construído onde estava fadado a ser esquecido por todo mundo, exceto por turistas perdidos. Era um monumento pequeno, de mármore, como tudo em Washington, com um caramanchão romano arqueado sobre a estátua de Arthur que parecia inchado e cheio de gases.

Erica girou um anel em seu dedo. Um pequeno painel se abriu no mármore, revelando um teclado antigo. Ela digitou um código numérico.

Houve um rangido e a estátua girou noventa graus, revelando uma escada escondida abaixo dela.

Depois dos eventos daquela noite, pensei que nada mais pudesse me surpreender, mas me enganei. Não conseguia acreditar no que estava vendo.

Nós nos abaixamos pra passar pela abertura e a estátua deslizou automaticamente de volta ao lugar, nos mergulhando na escuridão. A escada descia apenas um andar. Erica apertou um interruptor, acendendo uma série de lâmpadas no teto, revelando um túnel. Parecia ser bem mais antigo do que os túneis do *campus*. As paredes eram de pedra, em vez de cimento, e o teto sustentado por vigas de madeira apodrecidas, como um poço de mina. Lá dentro, estava ainda mais frio.

Comecei a tremer. Estava vestindo apenas um moletom.

— Aqui. Vista isso. — Erica tirou um pequeno pacote de outro compartimento em seu cinto de utilidades e o desdobrou. Era uma jaqueta ultrafina feita de um material prateado brilhante. — Foi desenvolvida pela NASA para os astronautas.

Eu vesti a jaqueta. Parecia selar hermeticamente o calor do meu corpo. Quase instantaneamente, senti-me mais quente.

Corremos pelo túnel por cinco minutos até que ele terminou diante de uma antiga porta de ferro. Não havia teclado computadorizado ali, apenas uma fechadura enferrujada. Erica tirou um chaveiro do cinto de utilidades e escolheu uma chave grande de metal. Ela se encaixou perfeitamente e a porta se abriu, rangendo em protesto.

Estávamos agora dentro de uma imensa sala quadrada. As paredes eram feitas de pedras, cada uma com três metros de largura. Uma escada de

ferro subia em espiral até um alçapão no teto de madeira. Parecia que estávamos dentro da fundação de uma construção muito maior.

Calculei a distância que caminhamos e imaginei onde estávamos, mas não parecia possível. Então notei que muitas das pedras tinham inscrições. Uma no canto dizia: “colocada por Zachary Taylor, presidente dos Estados Unidos da América, 14 de maio de 1849”.

— Caramba — eu disse. — Estamos dentro do Monumento a Washington.

— Se disser a alguém que tenho as chaves, eu te mato. — Erica fechou a porta de aço e a trancou por dentro.

— Como você tem as chaves do Monumento a Washington? — perguntei. — Seu pai te deu?

— Não seja ridículo — Erica riu. — Meu avô me deu.

Ela me conduziu escada acima. Sua chave também abriu a fechadura do alçapão, permitindo-nos sair da fundação e entrar no próprio monumento. Saímos atrás de uma estátua de George Washington em uma pequena alcova. O elevador que os turistas usam ficava bem em frente à onde estávamos, mas Erica me conduziu por uma porta para outro lance de escadas.

— Teremos que ir a pé — disse ela, começando a subir. — O elevador faz muito barulho. Qualquer pessoa de fora pode ouvi-lo se prestar atenção.

Eu a segui. O poço vazio se elevava a 169 metros acima de nós.

— Por que seu avô tinha as chaves do Monumento a Washington?

— Minha família tem as chaves desde que ele foi construído. Era uma parte muito importante do sistema de defesa da cidade.

— Isso foi construído pra defesa? — perguntei, incrédulo.

— É uma torre de vigilância de cinquenta andares bem no meio da capital do nosso país, construída às vésperas da Guerra Civil — respondeu Erica. — Você acha mesmo que eles construíram isso só para turistas?

— Tenho quase certeza de que todo mundo nos Estados Unidos pensa que sim — respondi, na defensiva. — Só você que não.

Apesar disso, agora que estávamos dentro do monumento, eu conseguia entender como a versão de Erica da história era possível. Washington, D.C.,

havia sido incendiada na Guerra de 1812 e, depois, acabou bem na fronteira dos estados do norte durante a Guerra Civil. Faria sentido construir algo que permitisse aos militares verem os confederados chegando de longe. Quando o monumento ficou pronto, era o prédio mais alto já construído. Parecia um pouquinho estranho que tudo tivesse sido feito apenas para fins turísticos.

— Toda essa coisa do monumento foi uma campanha de desinformação pra fazer o público ajudar a pagar — explicou Erica. — Não havia imposto de renda naquela época. E embora o lugar seja ultrapassado em termos de tecnologia, ainda funciona muito bem. Não há lugar melhor para observar o que está acontecendo no Mall do que daqui de cima.

Naquele instante, o plano de Erica ficou claro. Eu já tinha subido no topo do monumento várias vezes, na maioria delas em excursões escolares. Era o lugar perfeito pra me esconder. Havia janelas voltadas pra todas as direções, o que nos permitia ficar de olho no inimigo, e eles nunca suspeitariam que estávamos lá em cima.

Mesmo assim, não consegui deixar de sentir um pouco de medo. Aqueles caras tinham me sequestrado de uma câmara de segurança supostamente impenetrável há menos de uma hora.

— E se descobrirem que estamos aqui? Aí vamos ficar presos.

— Não vão descobrir — disse Erica, me tranquilizando. — Já subi aqui à noite um milhão de vezes. Ninguém cogita este lugar.

Continuamos subindo pelo resto do caminho, em silêncio. Foi difícil subir todos os degraus, e até mesmo Erica estava ficando sem fôlego. Quando chegamos ao topo, fomos direto para a janela que dava para o oeste.

A cidade abaixo de nós era linda à noite. O Lincoln Memorial brilhava no espelho d'água, e as luzes da Virgínia brilhavam no Potomac. Se eu não estivesse tão concentrado em avistar o inimigo, talvez me ocorresse que não poderia ter desejado um lugar mais romântico para ir com uma garota linda.

Não que romance tenha passado pela cabeça de Erica por um segundo sequer.

— Lá estão eles — disse ela, mal olhando pela janela.

— Onde? — perguntei.

— Há três grupos de dois homens. Um deles acabou de resgatar os amigos da van. Os outros dois estão vasculhando a floresta ao sul do espelho d'água em busca de nós.

Estudei a paisagem escura o máximo que pude. Agora que Erica tinha chamado a minha atenção, mal conseguia distinguir os dois homens onde havíamos abandonado a van. Estavam colocando os amigos em outro carro, que se afastou em alta velocidade enquanto eu observava. Quanto aos que nos caçavam, não consegui avistar nenhum. A floresta era pura escuridão.

— Como você consegue enxergá-los? — perguntei.

— Eu como muitas cenouras. — Erica observou a floresta por mais vinte segundos e então anunciou: — Eles perderam nosso rastro. Estamos seguros. — Ela se encostou pesadamente na parede e deu um suspiro cansado.

Então, me ocorreu que ela provavelmente tinha gastado uma tonelada de energia me resgatando.

— Como você me encontrou? — perguntei. — Se a CIA inteira não conseguiu?

— Eu nunca te perdi. Estava monitorando tudo o que acontecia. Assim que todos os agentes do *campus* começaram a se mover numa direção, decidi olhar pro outro lado. Só pra garantir, caso fosse uma distração. Infelizmente, descobri que eu estava certa.

Neguei com a cabeça.

— Não foi uma distração. O inimigo simplesmente teve sorte. Aquele cara que pegaram... era meu melhor amigo.

Os olhos de Erica se arregalaram. Talvez fosse a primeira vez que a vi surpresa com alguma coisa.

— Que diabos ele estava fazendo?

— Tem uma festa hoje à noite. Ele queria me levar. Mas, com toda a agitação, esqueci de responder à mensagem dele dizendo que não. Por isso ele apareceu.

— Exatamente na hora certa para distrair a CIA? Isso é muito suspeito.

— Mike Brezinski não é inimigo — eu disse. — Eu o conheço desde o

jardim de infância.

— Não se pode confiar em ninguém — respondeu Erica.

Tentei mudar de assunto.

— O que aconteceu depois disso?

— Enquanto todos cercavam seu amigo, o inimigo te agarrou. O informante deles os ajudou. Conheciam toda a estrutura da escola, tinham todo o subsolo mapeado. Eles te levaram para fora, através do galpão de ferramentas por onde você seguiu o Chip outro dia, e depois fizeram um buraco na parede. A van estava esperando.

— E você os seguiu?

— Esperava detê-los ali, mas eles se movimentaram mais rápido do que eu. Por sorte, consegui pegar uma motocicleta e te alcancei.

Olhei pra ela por um segundo.

— E, felizmente, você realmente sabe dirigir... e derrotar uma equipe inimiga inteira em uma van de mudança... e conhece a entrada secreta do Monumento a Washington.

Erica deu um leve sorriso, depois tentou ignorar isso como se não fosse grande coisa.

— Acho que o vovô me ensinou algumas coisas.

Algo naquele comentário me incomodava, mas eu não sabia dizer exatamente o quê. Uma ideia se formava em minha mente, mas ainda não havia se cristalizado. Dei outra olhada pela janela do monumento, mas não conseguia avistar o inimigo na floresta.

— Não deveríamos estar pedindo reforços? — perguntei.

Erica balançou a cabeça.

— Perigoso demais. Nem estou com meu celular. A CIA poderia usá-lo para triangular nossa posição e, como a Agência foi corrompida, o inimigo também poderia nos achar. O que podemos fazer é esperar que eles desistam e voltem para casa.

Percebi que meu celular também havia sumido. Tinha sido tirado de mim pelo inimigo.

— Essa é toda a sua estratégia? — perguntei, exasperado. — Você não tem um plano B?

— Tipo o quê, exatamente?

— Não sei. Seu pai é Alexander Hale. Cedo ou tarde, ele vai notar que você desapareceu, certo? Não combinou algum tipo de esquema com ele caso uma missão dê errado?

Erica suspirou.

— Não. Isso nunca me pareceu uma boa ideia.

A ideia com a qual eu estava lutando de repente se consolidou. Não parecia certa no início, mas conforme repassava os eventos daquela noite, assim como todos os comentários que Erica já fizera sobre Alexander, fazia cada vez mais sentido.

— Seu pai não é um espião muito bom, né? — perguntei.

Erica se virou para mim, curiosa.

— Por que você diz isso?

— Você suspeitou que pudesse haver uma isca — respondi. — Ele não. Na verdade, ele caiu tanto nessa que tirou minha proteção, permitindo que os bandidos me pegassem sem ter que lutar.

— Ainda tiveram que eliminar os agentes do lado de fora da porta...

— Sim, mas aquilo foi quase nada. Tudo foi um erro enorme pra alguém que fez tanto quanto Alexander afirma ter feito.

— O que você quer dizer com “afirma”? — Erica perguntou como um dos meus professores faria, me incentivando a explorar o conceito mais a fundo.

— Bem... seu pai fala muito sobre todas as coisas incríveis que fez... mas nunca o vi fazer nada realmente incrível. Então, talvez seu pai seja bom só em convencer todo mundo de que ele é incrível.

— Uau. — Havia algo nos olhos de Erica que eu nunca tinha visto antes: respeito. — Finalmente, alguém percebeu.

Eu não tinha certeza, mas acho que corei.

— Quer dizer que ninguém mais sabe?

— Tipo quem?

— Sei lá... o chefe da CIA, talvez?

— Se o chefe da CIA soubesse que meu pai é uma fraude, você acha que ele o teria designado para te proteger? — Erica balançou a cabeça. — Alexander tem todo mundo na palma da mão: a cúpula da Agência, a equipe da escola de espionagem, todo mundo em campo...

— Como ele conseguiu se safar por tanto tempo? — perguntei.

— Você acertou em cheio. Ele tem um talento: fazer a própria imagem. E é excepcional nisso. Às vezes, ele inventa histórias, mas geralmente só leva o crédito pelo trabalho dos outros.

— E ninguém reclama?

— Bem, muitas vezes não conseguem, porque estão mortos. — Erica percebeu meu choque e acrescentou rapidamente: — Ah, Alexander não os mata. Não com as próprias mãos, pelo menos. Ele atira quase tão mal quanto você. Mas muitas vezes as pessoas acabam mortas por causa da incompetência dele. E, no entanto, de alguma forma, ele sempre consegue vender uma história que o faz sair cheirando à perfume de rosas.

— Quando você descobriu isso?

— Um dia, quando eu tinha seis anos, meu pai acidentalmente explodiu nossa cozinha. Ele tinha acabado de instalar mísseis nos faróis do carro. O gatilho foi projetado para se parecer com um dos botões do rádio, mas, claro, meu pai esqueceu. Ele estava entrando na garagem uma tarde, apertou o botão errado... e, de repente, todos os nossos eletrodomésticos estavam entrando em órbita.

— Alguém se machucou?

— Não, embora o *ego* do meu pai tenha levado um baque e tanto. E a cozinha ter ficado destruída. Nossa geladeira foi parar na piscina do vizinho. Encontraram o micro-ondas a três quarteirões de distância. Erica começou a rir. Ela não conseguia se controlar. Era como se estivesse segurando suas emoções por anos, mas agora a barragem estava se rompendo. Logo, ondas de riso irromperam.

— Desculpe — ela ofegou. — É tudo meio engraçado olhando para trás. Mamãe ficou furiosa. Papai tentou se esquivar da culpa, mas estava tão irritado que chegou a dizer que radicais suecos tinham sabotado o carro dele.

Também comecei a rir. A diversão da Erica era contagiante. E depois de dias de tensão, eu precisava de um alívio.

— Alguma vez ele estragou uma missão?

— Bem, ele destruiu sozinho as relações diplomáticas entre os Estados Unidos e a Tanzânia. — Erica teve uma nova crise de riso.

— Como? — ofeguei.

— Ele estava tentando elogiar a esposa do presidente, mas errou no cumprimento suaíli e acabou dizendo que ela cheirava a um gnu doente.

Isso foi só o começo. Agora que Erica finalmente tinha alguém em quem confiar, as histórias jorravam dela: como Alexander quase causara o colapso político da Tailândia; como ele desencadeara uma guerra tribal no Congo; como ele estivera a segundos de iniciar um ataque nuclear contra a França. Cada nova história sobre a incompetência dele era mais chocante que a anterior e, mesmo assim, não conseguíamos parar de rir. (Erica fez imitações perfeitas de Alexander, do diretor e de todos os outros membros da comunidade de inteligência). Depois de meia hora, a dor que senti ao rir foi maior do que a de ser atacado por ninjas.

Eu poderia ter passado o resto da noite lá em cima, ouvindo as histórias de Erica, mas, infelizmente, o dever me chamou. Depois de contar como Alexander certa vez perdera uma maleta cheia de segredos militares num karaokê em Tóquio, Erica olhou pela janela e imediatamente deixou de ser uma garota normal de quinze anos para voltar a ser a Rainha do Gelo.

— Parece que estão admitindo a derrota. É hora de ir.

As equipes inimigas haviam se reagrupado no lado leste do espelho d'água, perto do Memorial da Segunda Guerra Mundial. Até eu conseguia vê-los agora. Não estavam fazendo nenhuma tentativa de se esconder; simplesmente se misturavam a alguns outros turistas dispostos a enfrentar o frio. Erica sacou um binóculo, mas não adiantou; o tempo frio deu aos nossos inimigos uma desculpa pra cobrir o rosto com cachecóis.

Uma van parou rente ao meio-fio. Os homens entraram e saíram em disparada.

Erica se virou para mim.

— A propósito, tudo o que eu disse a vocês esta noite é completamente confidencial. Diga uma só palavra e eu te destruirei.

Ela começou a descer as escadas. Mas, enquanto tentava ser ela mesma, distante, notei um traço de arrependimento em seus olhos. Como se ela desejasse ter ficado lá em cima, falando mal do pai e rindo pelo resto da noite.

Eu a segui até o vão escuro do monumento.

— Você já pensou em contar tudo isso pra alguém importante? — perguntei. — Alguém que pudesse tirar Alexander de circulação antes que ele cause mais estragos?

Erica balançou a cabeça.

— Nunca acreditariam. Meu pai escondeu seus rastros muito bem. E ele tem amigos em posições altas. Simplesmente descartariam tudo alegando serem divagações de uma adolescente com problemas com o pai. Então, eu poderia dar adeus à minha carreira. — Erica ficou tão abatida ao dizer isso que pareceu não ser mera especulação da parte dela, mas experiência concreta.

— Talvez você não precisasse compartilhar a informação — sugeri. — Talvez pudesse vir de outra fonte. Como eu.

Erica me deu um de seus raros e inesperados sorrisos, mas balançou a cabeça.

— Acho que também não seria tão bom para você. Além disso, temos assuntos mais importantes para resolver agora.

Concordei, embora, a cada passo em direção à base do monumento, eu ficasse mais relutante em deixar o assunto de lado. Primeiro, havia uma boa chance de o inimigo ter apenas fingido sair, para nos fazer sair do esconderijo. Mas, talvez mais significativo ainda, era o fato daquele ser o único lugar em que Erica parecia se sentir confortável e se abrir para mim. Eu não tinha dúvidas que, assim que saíssemos, ela me deixaria de fora novamente.

— Pra onde estamos indo? — perguntei.

— De volta ao *campus*.

Congelei no meio da escada.

— Acabei de ser sequestrado do *campus*! Do *bunker* mais seguro de lá!

— É exatamente por isso que estamos voltando. Você acha que o diretor da CIA deixaria isso acontecer duas vezes? Você vai ter mais segurança do que o presidente.

— Então, talvez devêssemos ir diretamente à CIA e ver o diretor em pessoa.

— Não — disse Erica. — Vamos ver a única pessoa em quem podemos confiar.

CAPÍTULO XX

Personificação

Academia de Espionagem da cia

Alojamento dos Professores

10 de fevereiro

02:00 horas

Demoramos muito pra chegar à Academia. Retornamos pelo caminho mais longo possível, ziguezagueando pela cidade, usando o metrô, táxi e caminhando, olhando constantemente por cima dos ombros para ver se estávamos sendo seguidos.

Quando finalmente estávamos a apenas um quarteirão de chegar, vi, para meu alívio, que havia agentes da CIA posicionados por todos os lados. Três guardavam o portão principal, ainda alertas apesar do horário tardio, tomando café e assoprando as mãos para se aquecerem.

Comecei a ir em direção a eles, mas Erica me conteve.

— Calma.

— O que foi? — perguntei, preocupado. — Eles estão do nosso lado, não?

— Não precisa se preocupar. Com eles estaremos seguros, mas, assim que te virem, provavelmente terão ordens de te levar direto para ser interrogado na sala do diretor... e vão te encher de mentiras. Se quisermos a verdade sobre o que aconteceu esta noite, teremos que descobri-la nós mesmos.

Circulamos o *campus* até um banco do outro lado da rua. Entramos no caixa eletrônico e Erica digitou uma senha numa das máquinas. Cortinas de aço imediatamente caíram sobre a janela, nos bloqueando, e então o caixa eletrônico se soltou da parede, revelando uma escada escondida. O mais surpreendente sobre isso foi a naturalidade com que presenciei aquilo.

Nessa altura do campeonato, eu estaria chocado se entrasse num prédio com Erica e não encontrasse uma passagem secreta.

A escada se conectava ao labirinto de túneis subterrâneos, porém havia outra porta de segurança para acessá-la.

— Esta é a única rota dos túneis que sai do *campus* — explicou Erica.
— Portanto, é extremamente confidencial.

— Então, é claro que você sabe sobre isso — eu disse.

Erica apenas respondeu com um sorriso e me conduziu pelo labirinto subterrâneo sem hesitar, como se tivesse memorizado cada corredor e cruzamento. Finalmente, subimos uma escada e saímos de trás da máquina de salgadinhos num prédio onde eu nunca tinha estado antes. Estávamos no saguão principal do que parecia ser um dormitório, só que melhor. O quarto era aconchegante e convidativo, embora um pouco surrado. Sofás de couro estavam dispostos diante de uma lareira ainda acesa, paredes estavam forradas de livros. O cheiro de tabaco para cachimbo e óleo lubrificante de armas era reconfortante.

— Alojamento dos professores? — perguntei. Muitos dos professores ainda moravam em suas casas, embora alguns residissem na Academia.

Erica assentiu e me conduziu por outro lance de escada até um corredor curto com apenas quatro portas. Usou sua chave para entrarmos em uma delas.

Os apartamentos dos professores eram muito melhores do que nossos dormitórios, embora isso não significasse muita coisa. Havia celas de prisão melhores do que nossos dormitórios. Este era um quarto de solteiro bem equipado, com sala de estar e cozinha americana. No entanto, estava muito bagunçado, com jornais espalhados por toda parte e copos de água pela metade aqui e ali.

O Professor Crandall dormia numa poltrona em frente à televisão, vestindo um robe atoalhado comido por traças sobre um pijama listrado e com uma programação de corridas sobre o colo. Quando entramos, ele acordou de repente e olhou ao redor, desorientado.

— É você, Thelma? — perguntou ele, soando ainda mais senil. — Já voltou de Tuscaloosa?

— Pode parar com essa bobagem de parecer velhinho — disse Erica. —

O Ripley é legal.

Num piscar de olhos, Crandall se tornou outra pessoa. Seu olhar confuso e habitual se aguçou, sua postura se endireitou e ele pareceu, pela primeira vez na minha vida, saber exatamente o que estava acontecendo ao seu redor.

— Certo. Suspeito que esteja aqui para descobrir como tudo virou essa bagunça.

Isso me surpreendeu.

— Espera — eu disse. — Essa coisa toda de professor senil é só encenação?

— Claro. — Crandall pareceu um pouco ofendido. — A melhor maneira de se manter informado é deixar todo mundo acreditar que você está completamente por fora. Você não faz ideia de quanta informação as pessoas despejam na sua frente quando acham que você é um idiota. Além do mais, isso também decepciona seus inimigos, e eu já acumulei minha cota deles ao longo dos anos. Tendem a te subestimar quando acham que você não está jogando com cartas na manga.

Ele jogou de lado a programação de corridas, revelando a pistola semiautomática engatilhada e carregada que estava em seu colo.

— Vocês gostariam de um chá?

— Eu adoraria um de tangerina, se você tiver — disse Erica.

— Pode ser dois — acrescentei.

Crandall pulou da cadeira e foi para cozinha. Agora que não estava fingindo, ele se movia como um homem cinquenta anos mais jovem, tão ágil quanto qualquer um da minha turma.

— Erica, pela sua presença aqui, presumo que você limpou a sujeira do seu pai de novo — ele comentou.

— Sim — respondeu Erica. — Alguém importante percebeu?

— Que ele fez uma tremenda besteira? — disse Crandall. — Claro que não. Ele tem os chefões comendo na mão. No entanto, um dos agentes da sala de segurança ficou um pouco desconfiado. Fincher, eu acho. Então, seu pai jogou a culpa nele e saiu de forma impecável, como sempre. Provavelmente vão dar outra medalha a ele por isso... assim que descobrirem que Ripley está vivo, é claro.

— Mas eles ainda não sabem disso, sabem? — perguntei.

— Não, não sabem — Crandall riu baixinho. — Suspeito que os superiores estejam todos em pânico agora.

— Qual é a consequência? — perguntou Erica.

— Bem séria. — Crandall colocou saquinhos de chá em três canecas. — Nunca houve um sequestro aqui antes. Pelo menos três investigações internas separadas já foram ordenadas. E pelotões de agentes mobilizados para rastrear o Sr. Ripley. É como o Dia D. O chefe da CIA acreditou na sua artimanha sobre a Britadeira e está apavorado com o que pode acontecer se cair em mãos erradas. Acho que ele esqueceu que foi ideia dele falsificar as credenciais criptográficas de Ripley, para início de conversa.

— Então, talvez eu deva avisá-los que estou bem — eu disse.

— Com pressa para ser interrogado, é? — Crandall despejou água quente nas canecas. — Porque é isso que vai acontecer assim que aparecer. Você será jogado numa cela de detenção e interrogado de seis maneiras diferentes a partir de domingo.

Franzi a testa.

— Eles não podem simplesmente me pedir com jeitinho?

— Talvez, mas assim eles se protegem — explicou Erica. — A última coisa que a Administração quer é que você apareça aqui como um herói por escapar do inimigo e depois contar a todos os estudantes a verdade sobre o que aconteceu esta noite. Precisam de tempo para controlar os danos e plantar sua própria versão da história. Uma na qual não pareçam tão idiotas a ponto de precisarem de uma adolescente para o resgate.

— Então, por que não descansa primeiro? — Crandall me entregou o chá e ofereceu um prato de biscoitos caseiros com gotas de chocolate também.

Experimentei um. A melhor coisa que já comi na escola de espionagem.

— Está delicioso.

— O segredo é que adiciono um pouco de coco ralado — disse Crandall, orgulhoso. — Então, provavelmente cabe a nós mesmos fazermos um pequeno interrogatório. Para termos uma ideia de com quem estamos lidando. Pode me dizer algo sobre seus sequestradores, Benjamin? Qual era a aparência, o som... o cheiro deles?

— Na verdade, não consigo — admiti. — A maior parte do tempo em que estive com eles, fiquei inconsciente, com um capuz na cabeça. Só sei que eles estavam ouvindo algo sobre esportes no rádio. Em inglês.

Crandall arqueou uma sobrancelha espessa, intrigado.

— Com base nas conversas que foram captadas, a teoria predominante no momento é que nosso inimigo seja árabe. Está sugerindo que isso pode estar errado?

— Possivelmente — eu disse. — Embora seja provável que meus sequestradores simplesmente gostem de esportes. Não há muitas estações de rádio aqui que transmitam em árabe. E, assim que a Erica pulou no teto da van, um dos bandidos falou num idioma que eu não conhecia.

— Será que era algum tipo de árabe? — perguntou Crandall.

— Não sei dizer — admiti, triste. — Não consegui ouvir muita coisa. A Erica deixou todos inconscientes bem rápido.

— Ela costuma fazer isso. — Crandall deu um sorriso satisfeito para Erica e se recostou na sua poltrona com uma xícara de chá. — E você, querida? Quais foram suas impressões?

— Eles com certeza pareciam árabes — disse Erica. — Mas eu estava meio ocupada tentando não ser morta para perguntar de onde eram. O ponto de Ben sobre o rádio é interessante. Talvez estivessem só tentando parecer árabes para despistar a CIA. Fazem assim em transmissão da conversa.

— Por que eles transmitiriam a conversa? — perguntei, e Crandall me olhou com curiosidade.

— Isso te parece estranho?

— Sim — respondi. — Por que alertar a CIA que estavam atrás de mim? Se eles conheciam o *campus* tão bem, por que simplesmente não entraram sorrateiros pra me pegar no meio da noite?

Crandall se virou pra Erica e arqueou as sobrancelhas de novo.

— Ele é mais esperto do que você pensava — disse ele.

Erica deu de ombros.

— Ele está melhorando.

Crandall voltou sua atenção pra mim.

— Você tem razão. Mas considere o seguinte: todo o perímetro já

estava lotado de agentes. O inimigo tinha um tempo limitado para te pegar e não sabia ao certo onde você estava. Mas, com apenas uma dica, sabiam exatamente onde você se encontrava: dentro da sala de segurança.

— Isso ainda não resolve o problema de todos os agentes — eu disse. — A menos que o inimigo soubesse que haveria uma distração, e eles não tinham como saber que o Mike estava vindo pra cá. Nem eu sabia.

Enquanto falava, entretanto, algo me ocorreu. Não consegui esconder muito bem. Crandall e Erica se inclinaram pra frente.

— O que foi? — perguntou o professor.

— Você ainda tem aquele *post-it*? — perguntei à Erica. Ela o tirou do cinto de utilidades, ainda no saco plástico de evidências.

— Isto é da van que usaram para sequestrar o Ben — informou ela a Crandall.

Eu o peguei. Lá no *post-it* estava o número 70.200. Exatamente como eu me lembrava. Só precisava ver de novo para ter certeza de que minha mente não estava me pregando peças.

— Eles sabiam que o Mike estava vindo — eu disse.

Erica sentou-se ao meu lado.

— Como você sabe?

Foi a primeira vez que sabia de algo e ela não. Eu provavelmente deveria ter me deleitado com a cena, mas estava com pressa para impressionar.

É um horário. Só que, em vez de escrever em horas e minutos, eles escreveram em segundos. Provavelmente para evitar que alguém entenda. Setenta mil e duzentos segundos depois da meia-noite são sete e meia da noite.

— Exatamente a hora em que seu amigo chegou. — Crandall deu um tapa no braço da cadeira. — Você tem certeza disso? — Ele começou a fazer as contas num pedaço de papel.

— Não precisa disso — disse Erica. — As habilidades de criptografia do Ben podem ser falsas, mas suas habilidades em matemática são de verdade.

Crandall largou o lápis.

— Então eles plantam a fofoca e fazem a CIA te colocar exatamente onde querem. Depois, mandam seu amigo ir te ver exatamente às sete e

meia para distrair a CIA.

— Como? — perguntei.

— Descubra isso e talvez você encontre nosso informante — disse Erica.
— Precisamos falar com seu amigo.

— Espera. Cadê o Mike? — Mesmo enquanto perguntava, eu estava com raiva por não ter pensado nisso antes. Fiquei tão absorto com a minha situação naquela noite, que tinha esquecido completamente que meu melhor amigo também tinha passado por coisas aterrorizantes. A última vez que vi o Mike, ele estava encarando o cano de cinquenta armas ao mesmo tempo. Mike era propenso a ter desentendimentos com autoridades, mas o que aconteceu dessa vez deve tê-lo assustado de verdade.

— A última vez que ouvi, ele estava preso — disse Crandall.

— Eles o colocaram na cadeia? — perguntei, chateado.

— Não. — O professor levantou a mão, fazendo sinal pra eu relaxar. —
Estão apenas interrogando ele. Mas, diante das circunstâncias, eu diria que
levará algum tempo até ele provar sua inocência. Pelo que sabemos, ainda
estão investigando.

Estremeci, imaginando que isso não seria nada divertido para Mike.

— E depois o que vão fazer com ele?

— Provavelmente armar um circo — disse Erica.

— O que isso significa? — perguntei.

— Vão mentir pra ele — respondeu Crandall. — A mentira mais
elaborada que ele já ouviu, pra dissipar qualquer suspeita que tenha sobre
este lugar. Vão dizer que é realmente uma Academia de Ciências, mas
estava sendo alugada para os fuzileiros navais praticarem e ele apareceu
durante os exercícios... ou que havia uma operação secreta do FBI em
andamento... ou sabe-se lá o que mais. Farão de tudo para vender a
história, até mesmo envolver o chefe das Forças Armadas, se necessário.

— E se o Mike não acreditar? — Eu conhecia bem o meu melhor amigo.
Ninguém tinha menos respeito pela autoridade do que ele. Estava
começando a achar que era um tipo de crença bastante saudável.

Crandall franziu a testa.

— Digamos que é melhor ser do interesse dele acreditar.

Eu me inclinei pra frente, preocupado.

— Eles vão matá-lo?

— Não — disse Crandall. — Os que comandam a CIA podem ser incompetentes, paranoicos e quase insanos, mas não psicóticos. Simplesmente farão o que for preciso para fazê-lo esquecer o que viu. Existem vários métodos diferentes, mas nenhum deles é como um dia na praia.

Afundi na cadeira, desejando nunca ter ouvido falar de escola de espionagem. Já era ruim o suficiente eu ter me metido em sérios apuros, mas pelo menos eu tinha me voluntariado para o serviço. Agora, meu melhor amigo estava em perigo simplesmente porque queria me levar a uma festa na casa de Elizabeth Pasternak. Ele tentou me fazer algo de bom, e estava sofrendo por isso. Comecei a entender por que Erica mantinha o mínimo de contato humano. Sua família era espiã há bastante tempo para ela saber que, se você se aproxima de alguém, essa pessoa pode se machucar.

— Então, o inimigo está fazendo a CIA andar em círculo — eu disse —, e em vez de fazerem algo a respeito, estão ocupados com o Mike.

— Ah, é pior do que isso — disse Crandall. — Estão cogitando iniciar o Projeto Ômega.

Eu nunca tinha visto Erica parecer tão preocupada como naquele momento. Ela se virou para o Crandall, com os olhos arregalados.

— Por causa disso? Por quê?

— Porque estão com medo — disse Crandall a ela.

— Espera aí — interrompi. — O que é Ômega?

— O programa de última hora, o fim da linha — disse Erica, amargamente. — Eles fecham a Academia.

— Mas não podem fazer isso! — eu disse.

Considerando o quão chateado eu estava na escola de espionagem um minuto antes, fiquei surpreso com o quanto eu odiava a ideia de ela ser fechada. Talvez o lugar não fosse para mim, mas sem ele, para onde alguém como a Erica iria? E como eu a veria novamente?

— Claro que podem — respondeu Erica, amargamente. — Um informante pode corromper décadas de trabalho. Não importa o quão boa

eu seja. Se meu nome vazar, sou inútil como espiã. O mesmo vale para todos os outros aqui. Então, por que se dar ao trabalho de manter o lugar aberto por mais tempo? É um desperdício de dinheiro...

— Pare com isso — disse Crandall, tranquilizando-a. — Você está agindo como se a decisão já tivesse sido tomada.

— Bem, por que não iniciariam o Ômega? — perguntou Erica.

— O inimigo já demonstrou que conhece esta escola de cabo a rabo. Sequestraram o Ben da sala de segurança! O quão mais comprometido o lugar poderia estar?

— Admito que a situação parece ruim — disse Crandall. Então, acrescentou incisivamente: — No entanto, os superiores só vão se reunir para discutir o Ômega esta tarde. Se algum progresso significativo puder ser feito na caça ao informante antes disso, talvez acabe influenciando o julgamento.

— Quão significativo? — perguntei.

— Precisamos encontrar o informante. — Erica se virou pro Crandall. — Que horas será a reunião?

— Uma hora — respondeu o professor. — Bem aqui, na sala de conferências principal.

— Onde fica isso? — perguntei.

— No Edifício Hale, ao lado da biblioteca — disse Crandall.

Olhei para o relógio. Eram duas e meia da madrugada. Tínhamos menos de doze horas para pegar um informante que havia enganado toda a CIA na noite anterior. Não parecia algo possível.

Erica, entretanto, não se deixou abalar. Agora estava animada e determinada a fazer tudo o que pudesse para salvar a Academia.

— Qual é a nossa melhor pista? — perguntou.

Levei um momento até perceber que ela estava perguntando para mim, não para Crandall. Eu me esforcei pra entender tudo o que havia acontecido no último dia. Um nome me veio à mente antes de todos os outros.

— Hã... Chip Schacter.

— Chip? — Crandall riu. — Aquele garoto é um idiota.

— Ou talvez ele só queira que pensemos que é — eu disse, o que

impactou Crandall e o silenciou rapidamente. — Ele queria que eu o encontrasse há algumas horas atrás. — Achei o bilhete amassado no bolso e mostrei aos dois: “Me encontre na *biblioteca* hoje à meia-noite. Sua vida depende disso”.

Erica leu e olhou para mim, surpresa.

— Essa é a letra do Chip, sem dúvida. Por que não mencionou isso antes?

— Eu meio que esqueci — respondi. — Por ter sido sequestrado pelo inimigo e tudo mais.

— Alguma ideia do que se trata? — perguntou Erica.

— Não — admiti.

Crandall pousou a xícara de chá, e suspirou.

— Sem ofensa, Benjamin, mas isso não é uma grande pista...

— Chip está ligado à última bomba que estava embaixo da escola — disse Erica. — Ou ele a plantou ou a encontrou. Isso o coloca mais perto da conspiração do que qualquer outra pessoa. E agora está entrando em contato com o Ben.

— Se este bilhete for mesmo dele — advertiu Crandall. — Não é difícil falsificar uma letra. Pode ser uma busca inútil, planejada para nos fazer gastar um tempo precioso.

— Tem mais uma coisa sobre o Chip — eu disse. — Ele está namorando a Tina Cuevo.

Erica e Crandall se viraram para mim, surpresos com a informação... e com o fato de eu saber antes deles.

— Como você sabe disso? — perguntou Erica.

Comecei a responder, mas Crandall de repente levou um dedo aos lábios, fazendo sinal pra eu ficar quieto.

No silêncio que se seguiu, ouvi o som distante de passos subindo a escada principal, tão fraco que era incrível Crandall tê-lo captado enquanto conversávamos.

O professor ligou a televisão. Parecia antiga, mas, na verdade, estava ligada ao sistema de segurança. Ele rapidamente encontrou a imagem da câmera da escada do prédio. Seis homens subiam, armados até os dentes.

— O inimigo! — ofeguei.

— Pior — disse Crandall. — A Administração. — Ele se virou pra nós.
— Se te pegarem, sua investigação acabou. Vai! Encontre o Chip!

Erica já tinha aberto a janela. Eu a segui pra fora. Depois do calor do apartamento de Crandall, o ar frio me atingiu feito um tapa na cara. Pulei do primeiro andar.

Estavam nos esperando lá fora, pois haviam cercado o prédio.

Uma dezena de luzes se acendeu ao mesmo tempo, me cegando. Vultos correram na minha direção, vindas das sombras.

— Ripley! — gritou uma delas. — Não corra! Só queremos ter certeza de que você está bem!

— Não dê ouvidos a eles! — Erica me alertou enquanto entrava em ação com uma série de chutes e giros. Diversos agressores caíram rapidamente, gemendo de dor. Mas eram muitos para ela também se preocupar em me salvar.

Agora que ela partira para o ataque, os agentes abandonaram qualquer preocupação com o meu bem-estar e me cercaram. Fiz de tudo para escapar, mas não foi grande coisa. Só consegui derrubar os óculos de um homem antes que os outros se amontoassem em cima de mim. Através do emaranhado de braços e pernas, pude ver Erica desaparecendo na floresta com uma horda de agentes atrás dela.

Então, alguém empurrou meu rosto para o chão e falou ao meu ouvido:

— Venha conosco. A Administração quer falar com você.

CAPÍTULO XXI

Interrogatório

Centro Cheney para Aquisição de Informações

11 de fevereiro

12:00 horas

Passei as nove horas seguintes numa câmara de interrogatório. Nos filmes, sempre fazem essas salas parecerem lugares frios e terríveis, pequenas celas de cimento mobiliadas apenas com cadeiras de aço e um espelho que todos sabem que é falso. Na Academia, essas salas ainda pareciam terríveis, mas, pelo menos, a mobília era confortável. A minha tinha um sofá macio, carpete de sisal e uma pequena fonte *zen*. Música *New Age* tocava em um alto-falante escondido. Era como estar na sala de espera de um *spa*; uma das melhores ideias que poderiam ter para induzir alguém a se abrir, suponho.

Uma sucessão de agentes desfilou, todos tentando descobrir o que eu sabia. Eram de todas as idades, formas físicas e etnias, e usavam de todas as abordagens possíveis de interrogatório. (Na verdade, havia um livro: *Métodos avançados de interrogatório*, de Mattingly. Tive que lê-lo pro meu seminário de Aquisição de Informações). A maioria pretendia ser variações da rotina “agente bom/agente ruim”, embora “agente incompetente/agente ainda menos competente” fosse uma descrição mais apropriada. Apenas alguns deles pareciam ter o mínimo de interesse no que eu sabia sobre o inimigo. A maioria estava muito mais preocupada com minha lealdade, como se eu fosse o verdadeiro problema.

O principal ponto de discórdia era que ninguém acreditava no que realmente havia acontecido: que eu fui resgatado do inimigo por uma colega, uma garota de quatorze anos, aliás. Ninguém duvidava da competência incrível de Erica, pois tinham o arquivo dela em mãos,

embora não ela em pessoa. Ela não só havia escapado, como também continuava a iludi-los, o que deveria ter servido como mais uma prova de competência, mas, em vez disso, questionaram a lealdade dela também. O que fazia muito mais sentido para todos os meus inquisidores era que eu estava de alguma forma conspirando com o inimigo e que eles tinham me libertado de propósito como parte de um esquema complicado.

— Como, exatamente, Erica planejou sua fuga? — perguntaram muitas e muitas vezes.

— Por que não tentou entrar em contato conosco depois de escapar?

— O que você fez em vez disso?

— Qual é a sua relação com a Srta. Hale?

— Você ama seu país?

— O que isso tem a ver com alguma coisa? — perguntei.

— Apenas responda à pergunta — disse meu interrogador.

Então, respondi a essa e todas as outras perguntas com sinceridade, embora, inevitavelmente, outra pessoa entrasse na sala e as perguntasse outra vez.

Também conversei com muitas pessoas que agiram como agentes, mas que imaginei serem, na verdade, advogados. Todos pareciam preocupados que, se eu fosse realmente inocente, talvez viesse a processar a Academia por negligência grave (ou seja, permitir que eu fosse capturado e depois não conseguir me recuperar). Pediram-me para assinar dezenas de formulários cheios de jargões jurídicos confusos. Não assinei nenhum.

Em vez disso, insisti para que todos parassem de me fazer perguntas e me dar formulários para assinar e apenas me ouvissem. Chip Schacter precisava ser localizado. Se alguém precisava ser interrogado, era ele. Ele estava saindo com Tina Cuevo, a única aluna que recebera meu arquivo original, e a única para quem Erica havia copiado o *e-mail* sobre a Britadeira. Chip poderia facilmente ter acessado essas informações através da Tina e as passado para o inimigo. Ou talvez a própria Tina tivesse passado as informações adiante. Seja qual fosse o caso, havia um motivo para investigá-los.

Praticamente todos me ignoraram. A única que não me ignorou foi uma mulher corpulenta, de rosto vermelho, com o cabelo tão envernizado que

parecia à prova de balas. E ela não me deu ouvidos, apenas se ofendeu.

— Você está nos dizendo como conduzir nossa investigação? — perguntou, irritada.

— Estou tentando passar informações — eu disse. — Achei que esse fosse o objetivo deste interrogatório.

— Porque me parece que você quer nos ensinar o nosso trabalho — ela retrucou. — Você. Um calouro. Que não sabe nada sobre espionagem. Por que não deixa a investigação para profissionais?

— Da última vez que tentei fazer isso, fui sequestrado — respondi.

A mulher ficou vermelha de raiva e saiu furiosa da sala.

Ninguém entrou por um bom tempo depois disso. Não queriam que eu soubesse quanto tempo realmente tinha passado, porque não havia relógio na sala e confiscaram o meu. Acho que era algum tipo de tática de interrogatório, embora seja possível que não tivessem ideia do que fazer comigo. Por um tempo, gritei para as pessoas do outro lado do espelho falso que estavam desperdiçando um tempo precioso, mas como ninguém respondeu, não me restou nada a fazer a não ser sentar-me no sofá e fingir que estava irritado.

Finalmente, depois do que pareceu horas, a porta se abriu e Alexander Hale entrou.

Embora minha imagem de Alexander tivesse perdido bastante o brilho no último dia, ele ainda era um colírio para os olhos. Usava um terno cinza feito sob medida com um lenço de bolso branco impecável. Em vez de se sentar, porém, segurou a porta aberta e olhou furtivamente para o espelho falso.

— Venha, Ben. Vamos andando.

Não precisou mandar duas vezes. Levantei-me rapidamente e o segui. Só quando estávamos do lado de fora da sala, no que reconheci como o complexo de túneis do *campus*, ousei perguntar:

— Estou livre?

— Não exatamente — disse Alexander. — Mas, no que me diz respeito, você está. Pedi um tempo com você, cara a cara. Extraoficial. Sem observadores.

— Então você vai me liberar? Não vai se meter em encrenca por isso?

— Digamos que te devo uma. E, além disso, a Erica diz que você ajuda mais fora do que dentro.

Alexander me guiou pelos túneis rapidamente, correndo, inclusive, quando não havia ninguém por perto para nos ver, até chegarmos à entrada secreta do caixa eletrônico que Erica havia me mostrado na noite anterior. Ele abriu a porta da escada secreta, deixando espaço para eu passar.

— Você não vem? — perguntei.

— Preciso voltar e apagar seus rastros. — Alexander me deu um tapinha paternal na bochecha. — Mas não se preocupe. Você está em boas mãos.

Antes que eu pudesse dizer mais uma palavra, ele fechou a porta atrás de mim.

Subi as escadas correndo e cheguei atrás do caixa eletrônico falso do banco. Então, saí pela porta da frente da agência e fui para a calçada; num piscar de olhos, eu estava livre. O muro de pedra da Academia se erguia do outro lado da rua.

— Bem-vindo de volta, Ben — disse Erica.

Levei um susto antes de perceber que a voz vinha de dentro da minha cabeça. Alexander havia colocado um rádio no meu ouvido.

Havia muitas pessoas ao redor. O inimigo havia pegado meu celular, mesmo assim levei a mão ao ouvido e fingi estar falando em um. Ninguém me olhou duas vezes. Praticamente todo mundo estava ao celular.

— Consegue me ouvir? — perguntei.

— Alto e claro — respondeu Erica.

— Cadê você?

— Ainda no *campus*, investigando as coisas. Mas preciso que você siga alguém.

— O Chip?

— Não. Acho que ele está limpo.

— O quê? Mas...

— Depois eu explico. Agora preciso que vá atrás da Tina. Ela é a informante... e está em movimento.

CAPÍTULO XXII

Emboscada

Washington, d.c.

Ruas próximas à Academia de Espionagem

10 de fevereiro

12:30 horas

Erica me informou que Tina estava saindo pelo portão principal da Academia. Então, dei a volta correndo, para chegar antes dela. Fiquei a um quarteirão do portão e me juntei a um pequeno grupo de pessoas que esperavam o ônibus.

Duas limusines com placas diplomáticas desceram a rua e entraram pelo portão da Academia. Os guardas postados lá fizeram continência e acenaram para que passassem.

— Parece que os chefões estão chegando pra discutir o Ômega — eu disse.

— Ah, sim. Hoje é um típico “Quem é Quem” da espionagem aqui — respondeu Erica. — Temos os diretores da CIA, FBI e NSA, os presidentes do Comitê de Inteligência do Congresso, alguns agentes de ligação da Casa Branca e, claro, nenhuma festa estaria completa sem meu pai... Certo, aí vem a Tina.

Tina Cuevo emergiu pelo portão um segundo depois, vestindo um sobretudo chique e com um gorro de lã bem apertado na cabeça. Ela olhou cautelosamente ao redor, embora eu não soubesse se era por medo de ser seguida ou apenas um reflexo, como o de qualquer pessoa em seu último ano na escola de espionagem. Seja como for, ela não me notou e atravessou com pressa a rua.

— Dê a ela a distância de meia quadra e depois a siga — instruiu Erica. Aparentemente, ela sabia que, embora eu tivesse estudado como seguir

alguém, nunca havia feito isso na prática. Nossos testes de campo em perseguição clandestina só estavam marcados para a primavera.

Fiz exatamente o que ela mandou.

Tina se movia rapidamente pelas ruas da cidade, olhando o relógio a cada minuto, como se tivesse uma agenda apertada. De vez em quando, lançava um olhar superficial por cima do ombro, mas eram tão rápidos que acho que não teria me notado a menos que eu estivesse usando uma fantasia de gorila. Eu me senti à vontade o suficiente pra falar com Erica no meu “telefone”.

— Alguma ideia de pra onde ela está indo?

— Não, mas ela recebeu uma mensagem e saiu correndo do nada. E pouco antes da reunião começar. Muito suspeito.

— Suspeito o bastante pra achar que ela é a informante?

— Ah, eu tenho mais informações sobre ela do que isso. Cortesia do Chip.

— Chip?!

— É. Depois de despistar a equipe de capangas, eu o localizei e perguntei sobre o que ele queria falar com você ontem à noite. Acontece que ele queria te pedir ajuda.

— Ajuda? De mim?! — Não consegui esconder meu espanto. — Estou aqui há apenas algumas semanas. Por que não de você?

— Aparentemente, eu intimido as pessoas. Ele estava preocupado que eu o entregasse.

— Por quê?

— Por estar fazendo uma investigação não autorizada. Chip não plantou aquela bomba embaixo da escola. Ele estava tentando descobrir quem fez aquilo.

Tina atravessou a rua correndo pouco antes do sinal abrir. Entrei na contramão e tive que desviar de alguns carros pra atravessar em segurança.

— Por que ele simplesmente não foi falar com um dos professores? — perguntei.

— Por um lado, ele não tinha certeza se era uma bomba. Uma de verdade, pelo menos. Ele achou que poderia ser um teste. Esse é o tipo de paranoia que quatro anos de escola de espionagem instala na gente. Por

outro, temia que se a bomba fosse real, e sua primeira reação fosse simplesmente contar pra outra pessoa, a Administração o considerasse ineficiente.

— Mesmo que isso pudesse salvar vidas?

— É do Chip que estamos falando. Ele se acostumou a ter alguém pra pensar por ele. É por isso que entrou em contato com você. Ele respeita você por não o ter denunciado ao diretor.

— Eu não o denunciei porque ele me ameaçou.

— Mais uma vez, esse cara não é exatamente Albert Einstein. Ele também ficou muito impressionado quando você enfrentou uma autoridade. Achou que você estava tentando bajular ele.

Tina entrou em um banco. Estávamos a seis quadras da Academia. Era um banco comum, pequeno demais para eu segui-la lá dentro sem que ela me notasse. Então, me acomodei do lado de fora e pela janela observei Tina parada na fila do caixa.

— Ela entrou num banco — relatei.

— Para fazer o quê?

— Não sei. Ela só está esperando na fila do caixa.

— Suponho que você não tem uma mira telescópica, né?

— Desculpe. Confiscaram tudo. Não tenho nem telefone. Estou fingindo falar na minha mão.

— Certo. Fique de olho nela.

— Então, o que o Chip disse? — perguntei.

— Que ele não é o informante. A Tina é.

— E você simplesmente acreditou nele?

— Claro que não. O que acha que sou, uma amadora? Eu o questionei bastante. Mas, quem quer que tenha sido sua fonte, entendeu errado. Chip não está saindo com Tina. Ele está investigando ela.

— E Chip estava certo?

— Bem, ele não pode ser um completo idiota. Afinal, entrou na escola de espionagem.

E eu não entrei, pensei.

— O que ele tem contra ela?

— Uma boa quantidade de evidências. Coisas concretas: *e-mails*, fotos e

coisas assim. Toneladas delas. Não tive tempo de analisar tudo, mas acho que podem provar que ela plantou a bomba lá embaixo. Além disso, ele tem outras informações circunstanciais. Estou investigando.

— Onde você está? Sua voz está picotando. — A conexão de rádio estava enfraquecendo, interrompida por rajadas de estática.

— Estou nos túneis sob o Edifício Hale. Tenho uma ideia do que o inimigo está tramando.

Antes que eu pudesse perguntar à Erica o que era, alguém me agarrou por trás e eu me virei, pronto pra uma briga.

Mike Brezinski estava parado ali. Ele pulou para longe de mim, não tanto por estar com medo dos meus punhos, mas ainda assustado após ter sido cercado por agentes da CIA na noite anterior.

— Uau! Sou só eu! — exclamou.

Fiquei emocionado ao ver que ele estava bem... e, no entanto, sua presença ali também era incômoda.

— O que está fazendo aqui? — perguntei.

— Queria falar com você — disse Mike.

— Está me seguindo desde o *campus*?

— Sim. Porque, da última vez que tentei te ver lá, quase fui baleado.

— Ben, você não pode ter seu amigo por perto agora — alertou Erica.

— Ele vai chamar a atenção da Tina. Livre-se dele.

— Eu sei — disse, esquecendo completamente que não deveria responder à Erica quando havia outra pessoa por perto.

— Você sabia? — Mike achou que eu estava respondendo a ele. — Como?

— Hã... não posso falar sobre isso agora — eu disse, triste. — Esta não é uma boa hora...

— Você ouviu o que eu disse? — Mike perguntou. — Quase morri ontem à noite! Porque tentei te convencer a ir numa festa!

— Eu sei — eu repeti. — E me desculpa. Mas tiveram alguns problemas de segurança na escola, e acho que a patrulha ficou zelosa demais.

— Ah, Ben, me dá um pouco de crédito — Mike disparou. — Aqueles idiotas me forçaram a repetir essa história umas cem vezes ontem à noite. Eu me fiz de bobo pra me soltarem. Mas não vou fazer isso com você.

Quer dizer, sinceramente, não importa a gravidade do crime, ninguém dá óculos de visão noturna pro vigia do bairro. Aqueles caras eram profissionais, certo?

— Certo — admiti. Não parecia mais haver sentido em mentir.

— Que parte de “livre-se desse cara” você não entendeu? — Erica me perguntou.

Embora eu soubesse que ela estava certa, não consegui dispensar o Mike. Ele tinha sido usado e praticamente ficou traumatizado por minha causa, e me senti péssimo com isso. Além do mais, a Tina parecia estar numa conversa longa com o caixa do banco e não iria a lugar algum tão cedo.

— Esta não é uma escola de ciências normal, é? — perguntou Mike.

Eu não tinha muita certeza de como responder a isso, pois Erica conseguia ouvir tudo. Então, tentei desconversar.

— O que fizeram com você?

— Depois de quase me matarem? Bem, pra começar, nem se desculparam. Em vez disso, me trancaram num quarto com música *New Age* e um espelho falso barato e ficaram me interrogando até tarde da noite. E mesmo eu tendo me feito de bobo, eles só me soltaram depois da 1h da manhã. Aí me levaram pra casa e me deduraram pros meus pais. Então, não só perdi a festa da Pasternak, como também fiquei de castigo.

— Então, como está aqui agora?

— De que outra forma? Estou matando aula.

— Ah, Mike, sinto muito mesmo.

— É o que você diz. Mas sente de verdade?

— O quê? — perguntei, chocado com a acusação. — Por que está dizendo isso?

— Porque desde que fui pego tentando te soltar ontem à noite, você me ignorou completamente — respondeu Mike. — Liguei, mandei mensagem, *e-mail*... e você ignorou tudo.

— Eu estou sem meu celular e...

— E você me evitou completamente ontem à noite.

Eu estava tentando ficar de olho na Tina, mas agora dirigia toda a minha atenção para Mike.

— Quando?

— Bem na saída do *campus*. Eu te vi do carro quando estava saindo. Você e uma gata estavam entrando no saguão de um caixa eletrônico. Eu te chamei, mas você me ignorou totalmente.

Gemi, percebendo o que tinha acontecido. Mesmo lotado de agentes da CIA na noite anterior, nenhum deles tinha me visto. Meu melhor amigo tinha. Foi assim que souberam que Erica e eu tínhamos voltado. A única razão pela qual os agentes demoraram tanto para nos encontrar foi porque nunca suspeitaram que iríamos até o Crandall.

— Mike, eu juro que não te ouvi — eu disse.

Mike ergueu as mãos, recuando.

— Tudo bem. Entendo por que você faz tudo o que aquela garota te pede. Era a Erica?

— Como ele sabe meu nome? — perguntou Erica, desconfiada.

— Como você sabe o nome dela? — perguntei.

— Cara, você me contou — disse Mike. — Por telefone, algumas semanas atrás. Você se gabou de que ela tinha entrado no seu quarto depois do toque de recolher.

— Você contou isso a ele? — Erica parecia chateada.

— Não era um namoro — respondi rapidamente. — Ela só queria trabalhar num projeto comigo.

— Não foi isso que você disse naquele dia — disse Mike, rindo. — E, francamente, não foi isso que pareceu ontem à noite. Vocês dois estavam juntos, a 1h30 da manhã, mas não estão namorando? Ah, qual é, Ben? Você deveria se orgulhar! Quando me disse que a Erica era gostosa, achei que estivesse zoando, mas você tinha razão. Aquela garota é demais!

— Ben, precisamos conversar — disse Erica friamente.

— E aí? Já beijou ela? — perguntou Mike.

Olhei para o banco, torcendo para que a Tina estivesse indo embora. Eu estava desesperado por uma desculpa que interrompesse a conversa. Um tiroteio teria sido preferível a deixar que a Erica ouvisse mais alguma coisa. Felizmente, Tina estava indo na direção da porta.

— Mike — eu disse — não estou saindo com ela. Sério.

O humor de Mike mudou de animado pra magoado.

— Eu aguento esses bandidos de botas mentindo pra mim, Ben. Mas você é meu amigo. Ou, pelo menos, costumava ser. Mas não tem agido como um desde que chegou a esta escola idiota.

— É complicado...

— Não, é simples: você está sendo um babaca. Está mentindo para mim. Está me ignorando. E está me enrolando.

— Não estou! — protestei.

— Você me disse pra te resgatar ontem à noite e depois me abandonou completamente quando me meti em encrenca.

Tina estava saindo do banco com um pacote debaixo do braço. Eu sabia que deveria segui-la, mas me virei para Mike.

— Espera. Como assim “eu te mandei vir me resgatar”?

— Você me mandou mensagem!

— Não, não mandei.

— Como é que chama isto então? — Mike pegou o celular e começou a procurar algo nele.

Tina estava prestes a dobrar a esquina e sumir da minha vista. Eu esperava que Erica me repreendesse por não segui-la, mas ela parecia estar distraída com outra coisa.

Então, fiquei onde estava. Foi uma decisão baseada em algo que Erica me dissera mais cedo naquela manhã: se descobríssemos como o inimigo havia manipulado o Mike, poderíamos pegar o informante. Agora Mike alegava que eu tinha mandado uma mensagem, quando eu não tinha. De repente, descobrir o que havia acontecido parecia a chave pra tudo.

Mike encontrou o que procurava e me passou seu telefone.

— Aí está. Uma prova concreta.

Ele estava certo. Era uma mensagem do meu telefone.

“Pronto pra festa. Venha me resgatar. Às 19h30 em ponto”.

Em seguida, havia instruções explícitas. O local exato pra pular o muro. Qual rota seguir até o dormitório. Um aviso pra evitar as câmeras. Tudo para incriminar Mike como bode expiatório.

E o horário exato em que foi enviado: 13h23.

Pela primeira vez, minha capacidade de sempre saber que horas eram tinha uma aplicação prática. Eu sabia exatamente o que estava fazendo às

13h23 do dia anterior. E, portanto, eu sabia quem tinha usado meu celular.

Tudo se encaixou. De repente, entendi qual era o plano do inimigo.

Eu não precisava mais seguir a Tina. Assim como o Mike, ela tinha sido usada como bode expiatório. Uma distração para o que realmente era importante.

O que significava que eu precisava voltar para o *campus* o mais rápido possível.

Devolvi o celular pro Mike.

— Sinto muito mesmo, mas preciso ir. Prometo que vou te recompensar. Você é meu melhor amigo. Isso é mais importante pra mim do que qualquer coisa.

— Uau! — Mike deu um passo pra trás, desconfortável com tudo aquilo. — Desculpas aceitas. Não precisa ficar todo sentimental. Qual é a emergência?

— Preciso encontrar a Erica — eu disse.

— Então que está fazendo aqui? — Mike deu um sorriso travesso. — Vá pegá-la, tigrão.

Disparei pela rua, correndo de volta para a Academia. Eu estava com pressa demais para sequer fingir falar no meu telefone imaginário.

— Erica! — eu disse. — Eu sei quem é o informante!

Ela não respondeu. Em vez disso, ouvi um estalo forte e, em seguida, o gemido distinto dela desmaiando, inconsciente.

CAPÍTULO XXIII

Revelação

Academia de Espionagem da cia

2º Andar do Subsolo

10 de fevereiro

13:00 horas

Usei a entrada secreta pelo caixa eletrônico para voltar. Pensei em ir direto pelo portão da frente e pedir ajuda aos agentes dali, mas temia que eles me prendessem novamente. Eu já havia usado a rota subterrânea tantas vezes nos últimos dias que estava começando a decorá-la e só me perdi uma vez.

Sabia que estava sendo descuidado, correndo para confrontar o inimigo. Devia encontrar alguém pra me dar suporte, mas não tinha certeza em quem confiar e, sem meu celular, não tinha ideia de como localizar alguém sem perder um tempo precioso. Não dava nem para ir até o arsenal e pegar uma arma. Sempre levava pelo menos cinco minutos pra preencher um formulário de solicitação de arma de fogo, e eu não tinha esses cinco minutos. Naquele momento, cada segundo contava.

Erica tinha me dito que estava embaixo do Edifício Nathan Hale. Eu não tinha certeza de onde exatamente, mas imaginei que estivesse bisbilhotando na sala de conferências, onde aconteceria a reunião sobre o Projeto Ômega. Todos os principais agentes da espionagem americana estavam lá. Com uma única bomba, o inimigo poderia destruir todos de uma só vez.

Mas onde ficava? Havia dois andares abaixo da biblioteca, que eu conhecia. Era possível que houvesse outros dez mais embaixo. E cada andar era um labirinto de túneis, poços e salas trancadas. Eu nem sabia ao certo onde ficava a sala de conferências no Edifício Hale, que era um edifício enorme, com uma área do tamanho de um campo de futebol.

Devia haver mil lugares para esconder uma bomba nele.

Ao me aproximar do Edifício Hale, entretanto, ouvi um bipe fraco no meu ouvido. Vinha do transmissor e ficava um pouco mais alto a cada passo que eu dava.

Érica devia ter acionado algum tipo de sistema de rastreamento antes de ficar inconsciente. Obviamente, só funcionava a curta distância, mas era tudo o que eu precisava. Deixei o bipe me guiar pelos túneis, descendo até o Subsolo 2, onde me encontrei do lado de fora de uma porta de aço marcada como SALA DA FORNALHA. O bipe era tão alto que precisei tirar o transmissor do ouvido.

Havia um armário de manutenção do outro lado do corredor. A porta estava trancada, mas era frágil. Foram necessários apenas três chutes pra arrombá-la.

As prateleiras estavam abarrotadas de limpadores industriais, os materiais perfeitos pra eu fazer uma arma química, se já tivesse cursado *Química 105: construindo armas com produtos de limpeza*. Assim, tive de optar por algo mais básico: quebrei o cabo de um esfregão no joelho, transformando-o em um porrete com uma ponta relativamente afiada. Então, voltei para o outro lado do corredor.

A porta da sala da fornalha não estava trancada. Ela rangeu suavemente ao se abrir, mas o som foi abafado pelo da enorme e antiga fornalha, que tinha e chiava ruidosamente enquanto lutava pra aquecer o prédio acima.

Érica estava inconsciente contra uma parede, com um pequeno fio de sangue escorrendo por trás da orelha.

Junto da parede oposta estava a bomba. Parecia a bomba que eu tinha visto com o Chip, só que centenas de vezes maior. O bloco de explosivo c-4 era do tamanho de um arquivo, grande o suficiente pra destruir todo o Edifício Hale. Um labirinto de fios saía dele, todos levando a um mostrador digital que estava sendo armado como um gatilho...

Por Murray Hill.

Ele estava de costas para mim, mas eu sabia que era ele. Soube desde o momento em que vi a mensagem no celular de Mike. Tinha sido enviada no exato instante em que Murray tinha saído para pegar torta, no dia anterior.

Ele roubou o celular do meu casaco, enviou a mensagem para o Mike e depois apagou meu registro de mensagens. Não deve ter sido difícil. Ele só precisou da minha senha de acesso, e isso é fácil de se obter. Devo tê-la digitado descuidadamente na frente dele em algum momento nas últimas semanas, acreditando que era meu amigo de verdade. Murray só precisou manter os olhos abertos e decorar. Depois de armar para o Mike servir de distração, ele conversou com um colega para plantar a fofoca, pegou uma torta e guardou o telefone de volta no meu casaco. Então, depois que Alexander me tirou do refeitório, Murray foi providenciar o meu sequestro.

A única coisa que ele não conseguiu fazer foi apagar a mensagem do Mike. Mas deve ter achado que Mike nunca me mostraria a mensagem no próprio celular, ou que, quando o fizesse, o Edifício Hale já seria um buraco fumegante no chão.

Pelo que eu podia perceber, Murray ainda não tinha terminado de armar a bomba, embora eu não tivesse certeza. Não entendia muito sobre artefatos, mas sabia uma coisa fundamental a respeito do Murray: não se podia confiar nem um pouquinho nele.

Girei o cabo do esfregão por cima do ombro como um taco de beisebol e me aproximei, concentrando-me no ponto ideal na parte de trás do seu crânio, o mesmo lugar onde ele provavelmente havia acertado a cabeça de Erica, com a intenção de acertá-lo com toda a minha força e deixá-lo inconsciente. O barulho da fornalha abafou o som dos meus passos enquanto me aproximava...

— Eu não faria isso se fosse você, Ben. — Murray nem se virou. Em vez disso, ergueu a mão esquerda, na qual segurava um gatilho de liberação de pressão. — Se me nocautear, eu derrubo isso... e pronto.

— Afaste-se da bomba — eu disse, com a voz mais ameaçadora que consegui.

— Claro. Só mais um segundo. Ah! Pronto. — Murray conectou um último fio ao relógio digital e se virou pra mim com um sorriso. — Por que não baixa essa arma para termos uma conversa civilizada? Vamos, vou te pagar um sorvete. — E ele foi em direção à porta.

— Pare ou eu te acerto — eu disse.

Murray congelou e me lançou um olhar irritado.

— Não mesmo. Vai explodir todo mundo, inclusive você mesmo. E você não quer isso.

— Eu também vou te explodir — aponteí. — E você não quer isso. Então parece que estamos presos aqui.

— Não exatamente. — Murray sacou uma arma sob o casaco e apontou pra minha barriga. — Arma vence bastão. Ganhei. — Com toda desenvoltura de quem sabe o faz, ele jogou de lado o gatilho de liberação de pressão como se fosse um pedaço inútil de sucata. Como eu disse, nunca confie nele.

Agora, ele estava longe demais para acertá-lo. Baixei o cabo do esfregão, derrotado, olhando-o com ódio.

— Não me olhe assim — disse ele. — Se quisesse atirar em você, eu já teria atirado.

— Então, por que não fez? — perguntei.

— Porque tenho uma proposta de negócios para você. — Ele me indicou a porta com a arma. — Tudo bem se discutirmos isso em algum lugar mais confortável do que este? Eu não estava brincando sobre o sorvete.

— Prefiro ficar aqui — eu disse.

— É por minha conta. Pode até colocar granulados.

— Na última vez que me trouxe sobremesa, você organizou um plano pra me sequestrar.

Murray suspirou, exasperado.

— Você sabe que aquilo ali é uma bomba, né? Ela só explode se eu quiser, mas ainda assim, quanto mais longe estivermos dela, mais seguros estaremos.

— Se quer falar comigo, então fale. — Não sabia por que achava necessário ficar naquela sala, mas parecia que, se eu saísse, perderia qualquer chance de evitar a explosão. Ou de resgatar Erica. — Que proposta é essa?

— Você gostaria de ser um agente duplo? — perguntou Murray.

Embora eu esperasse que ele fizesse algo para me pegar de surpresa, isso me deixou completamente perplexo. — Você está me oferecendo um

emprego?

— Eu não. Meus superiores, sim. Eles viram seu arquivo, é claro. Eu vazei para eles. E eles gostaram do que viram... mesmo sabendo que toda essa coisa de especialista em criptografia é uma besteira.

— Eu já imaginava. — Fiz o melhor possível pra parecer reverente, esperando que isso o fizesse baixar a guarda. — Você só estava brincando com isso pra armar pro Escorpião o tempo todo, certo? Primeiro, você deixa claro pra CIA que há um agente duplo na escola. Você vaza algumas informações. Manda um assassino pro meu quarto pra provar que consegue se infiltrar no *campus*. Aí, quando a Erica usa o *e-mail* da Britadeira, você manda seus rapazes me sequestrarem. Tudo só pra assustar o governo e fazê-lo pensar na ativação do Ômega. Porque você sabe que só uma crise como essa reuniria todos os chefões da espionagem de uma só vez, o que torna a oportunidade perfeita pra acabar com todos.

— Descobriu tudo isso sozinho? — perguntou Murray. Ele parecia impressionado, mas talvez também estivesse fingindo. — Eu sabia que tinha razão sobre você. Esse é o tipo de pensamento dedutivo inteligente que estamos procurando.

— Ah, eu já descobri mais do que isso — respondi. — Você tem manipulado todo mundo a torto e a direito. Por exemplo, você fingiu deixar escapar que o Chip estava saindo com a Tina pra desviar minha atenção pra ele, mas, na verdade, é você quem a está usando. — Lembrei-me dos manuais de reforço escolar que tinha visto empilhados no quarto da Tina. — Você não reprovou nas aulas do semestre passado pra conseguir um emprego administrativo. Você fez isso pra que a Tina te desse aulas particulares.

Murray sorriu.

— Sou culpado das acusações.

— Foi assim que conseguiu suas informações. Você as roubou dela. Mas aí, quando o Chip, justo ele, começou a perceber que um atentado à bomba estava em andamento, você simplesmente desviou a atenção dele pra Tina.

Murray deu de ombros.

— Admito que fui um pouco descuidado. Mas deixa eu te dizer, não é

fácil infiltrar tanto material explosivo numa instalação da CIA. Deixei um pouco cair nos túneis. Por sorte, foi aquele idiota que encontrou, e não alguém inteligente.

— Mas você cometeu um erro — eu disse.

— Qual?

— Você gosta mesmo da Tina. Então, pediu pra ela fazer uma tarefa pra você hoje. Assim poderia tirá-la daqui antes que a bomba explodisse.

— Eu não estava fazendo isso pra proteger a Tina. — Murray revirou os olhos. — Queria fazer isso pra tirar você daqui. Eu não planejava ter essa conversa antes da grande explosão, mas você percebeu mais rápido o que eu esperava. Vou te dizer uma coisa, você vai ser um agente duplo incrível.

— Há quanto tempo você faz isso? — perguntei. — Já era um agente infiltrado quando começou aqui?

— Não. Lembra quando disse que eu era igual a você, mas aí alguém me mostrou a luz? Era meu recrutador. Um agente duplo de muito sucesso na CIA. Ele transformou minha vida no ano passado.

— Pra quem você trabalha? — perguntei. — Pros sauditas? Russos? Jihadistas?

— Melhor — respondeu Murray, orgulhoso. — Você sabe como os Estados Unidos agora estão terceirizando suas operações de paz, contratando prestadores de serviço independentes pra cuidar de parte deles? Bem, os bandidos estão fazendo a mesma coisa.

Dei um passo para trás, atordoadado.

— Os bandidos estão terceirizando o mal?

— Olha, não nos referimos a isso como “mal” propriamente dito, mas sim. Eu trabalho para um consórcio internacional de agentes independentes que causam caos e desordem por um preço. Um preço muito bom. Nos chamamos de SPYDER.

— Por quê?

— Porque soa legal. E, francamente, nos chamar de “um consórcio internacional de agentes independentes que causam caos e desordem por um preço” é um bocado chato.

Fiquei chocado com quão indiferente ele parecia em relação a tudo. Era

como se estivesse falando de um clube extracurricular, e não de uma organização criminosa que o havia recrutado para tramar a morte de dezenas de pessoas.

— Você sabe ao menos quem o contratou pra fazer isso? — perguntei.

Murray deu de ombros novamente.

— Qual o problema, desde que o dinheiro caia na conta? Sei o que você está pensando: sou um babaca insensível e egoísta. Bem, é verdade. Eu costumava ser um Fleming como você, só querendo fazer o bem no mundo. Mas aprendi que, mesmo que sempre queira fazer a coisa certa, isso não significa que as pessoas para quem você trabalha também o façam. A verdade é que ninguém é bom. Quer dizer, sim, algumas pessoas são... mas organizações não são. Os governos não são. Olhe para o nosso país, um baluarte da democracia e da liberdade, certo? Exceto por todos os golpes que financiamos no terceiro mundo, as guerras inúteis que travamos e a degradação ambiental que causamos. Olha só a Academia. Como este lugar te tratou? Te usou como isca. Mentiui para você desde o primeiro dia. Te fez de peão. Te pendurou como alvo para o inimigo...

— Mas você é o inimigo! — protestei.

— E nós não te matamos, mesmo quando tivemos a chance — disse Murray. — Agora, pense o quanto vamos te tratar muito melhor quando trabalhar para nós. Sabe quanto você vai ganhar como agente da CIA, perambulando por fossas do terceiro mundo, fazendo o trabalho sujo para os políticos? Quase nada. A SPYDER, por outro lado, paga muito bem. E tudo por baixo dos panos, totalmente isento de impostos. A maioria dos nossos funcionários se aposentam multimilionários antes dos quarenta anos. Claro, você tem que fingir a própria morte primeiro para despistar, mas aí pode passar o resto da vida no luxo em uma ilha tropical. O que acha?

— Muito bom — admiti. Eu não estava fingindo nessa parte. Tirando as partes ruins, Murray tinha muitos argumentos válidos. — Como eu me encaixaria?

— Ah, este é o momento perfeito para se alistar — disse Murray. — A maioria dos agentes duplos começa por baixo, como eu tive que começar, trabalhando como informante numa escola de espionagem. Mas depois de

hoje, quando decapitarmos todas as organizações de espionagem simultaneamente, o complexo de espionagem americano vai virar um caos. Eles vão ficar como barata tonta por meses! E a SPYDER tem agentes de alto escalão em posições de poder em todo o governo, que terão ainda mais poder. Podemos te dar estágios na CIA, no FBI ou no Pentágono, todos com acesso a material altamente confidencial. Ou te arranjar um emprego de verão como pajem no Capitólio. Ou, ousar dizer, na Casa Branca. E de lá, quem sabe até onde você pode chegar? A SPYDER vem falando em colocar um agente duplo como presidente há algum tempo. Talvez seja você. O mundo pode ser seu, Ben. Tudo o que precisa fazer é dizer sim.

Murray abaixou a arma e me olhou com expectativa.

Pensei cuidadosamente em tudo o que ele disse.

— Sim — eu disse.

— Sério? — Murray pareceu emocionado.

— Sério — repeti. — Você tem razão. Este lugar me tratou feito lixo. — Eu não estava realmente interessado na SPYDER; só estava fingindo para fazer Murray baixar a guarda. Mas as frustrações que eu tinha com a escola de espionagem eram genuínas. Eu mal conseguia contê-las. — Eles me trouxeram como isca, sabendo que eu poderia ser morto, e nem tiveram a decência de me avisar. Fui incriminado, humilhado, intimidado, trancado na Caixa e atacado por ninjas. Eles me deixaram ser capturado e, então, quando escapei, agiram como se eu fosse o vilão. Se isso serve de indicação de como será minha vida quando eu for um espião de verdade, é de virar o estômago. Então, vamos fazer essa coisa de agente duplo. Onde eu me inscrevo?

Murray abriu um grande sorriso.

— Você fez uma ótima escolha, meu amigo. Venha. Vamos pegar um *sundae* e assistir aos fogos de artifício. — Ele me deu as costas e começou a ir em direção à porta, e eu girei o cabo do esfregão pra acertar a nuca dele.

Durante todo o tempo em que estivemos na sala da fornalha, eu esperava que, em algum momento, Erica se levantasse de repente por trás das costas de Murray, revelando que só estava fingindo estar inconsciente, e o matasse. Mas ela não fez isso. O que me deixou com a responsabilidade de resolver as coisas, e essa era a melhor oportunidade.

Infelizmente, Murray estava de olho em mim. Ele só fingiu sua empolgação pra ver se eu também fingia a minha. Então, ele se esquivou quando ataquei. O cabo do esfregão passou ao lado do crânio dele por uma fração de centímetro.

Eu me desequilibrei, cambaleando, como um jogador de beisebol que erra uma bola rápida. Quando me recuperei, Murray apontava uma arma e um olhar de traição para mim.

— Não acredito — disse ele. — Mentiu para mim!

— Tudo o que você fez foi mentir pra mim! — retruquei.

— Eram só negócios — Murray disparou. — Nada pessoal. Acabei de te dar a oportunidade da sua vida, e é assim que você me agradece? Você é muito Fleming.

— Melhor isso do que ser um agente duplo — retruquei.

— Pelo menos serei um agente duplo vivo — Murray zombou. — E depois de hoje todos vão pensar que você é um agente duplo morto. Acabou de tomar a pior decisão do que está prestes a ser sua curtíssima vida.

Mantendo a arma apontada pra mim, ele apertou um botão no mostrador da bomba, iniciando o cronômetro em cinco minutos. Então, saiu furioso pela porta e a bateu atrás de si, trancando eu e Erica dentro da sala com uma bomba-relógio.

CAPÍTULO XXIV

Desarmando bomba

Edifício Administrativo Nathan Hale

2º Andar do Subsolo

10 de fevereiro

13:15 horas

Na primeira vez que você se vê trancado em uma sala com uma bomba-relógio muitos pensamentos passam pela sua cabeça.

E muito líquido começa a se acumular na sua bexiga. O que significa que um dos principais pensamentos é: *Meu Deus, não permita que eu mije na calça.*

Morrer já é ruim o suficiente, mas deixar um cadáver com uma grande mancha úmida nas calças é simplesmente constrangedor. Tentei ignorar a vontade de urinar, lidando com a crise em questão. Meu primeiro, e único, plano era acordar Erica. Ela provavelmente desarmava bombas desde os três anos de idade. Corri para ela e a sacudi suavemente, e quando isso não funcionou, a sacudi com mais força. Depois, gritei coisas como: *Erica! Se você não acordar agora, vamos morrer!.* Apesar disso, ela continuou teimosamente inconsciente.

Então, a deixei no canto e corri para examinar a bomba. Nos filmes, as bombas sempre parecem estar presas a apenas dois fios, um verde e um vermelho. Se você puxar o fio correto, a bomba não detona, mas se puxar o errado... ainda assim, era meio a meio, consideravelmente melhor do que minhas chances de sobrevivência se eu não fizesse nada.

Para minha infelicidade, uma bomba de verdade se mostrou muito mais complicada. Havia centenas de fios serpenteando ao redor do explosivo C-4, em tons que variavam de verde-marinho a magenta e azul-celeste. Conhecendo Murray, imaginei que a maioria deles provavelmente não

fazia nada; ele só os havia incluído para tornar a desativação da bomba enlouquecedoramente complexa. Eu não tinha ideia de por onde começar.

Então, decidi tentar fugir. É verdade que isso permitiria que a bomba detonasse e destruísse o prédio, mas se eu carregasse Erica, pelo menos estaríamos vivos. No entanto, Murray havia trancado a porta por fora. Enfiei o cabo do esfregão no vão entre a porta e a parede e tentei forçá-la a abrir. Em vez disso, o cabo se estilhaçou em palitos de dente.

O relógio agora marcava noventa segundos restantes. Eu havia desperdiçado três minutos e meio e não fizera nenhum progresso. O pânico se instalou. Não fazia ideia de como desarmar uma bomba e não tinha como chamar alguém que soubesse. E meu tempo estava rapidamente se esgotando.

Tentei me acalmar. Perder o controle de mim mesmo, ou da minha bexiga, não ajudaria em nada. Relembrei minhas semanas na escola de espionagem para ver se conseguia recordar de algo que pudesse ser útil naquela situação, mas nada me veio à mente.

Até que pensei na última conversa que tive.

Em algum lugar ali, Murray dissera algo estranho. Algo que não fazia muito sentido. Eu lutava pra me lembrar.

O relógio marcava apenas quarenta segundos restantes para a detonação. Num piscar de olhos, o comentário me ocorreu. Foi praticamente a última coisa que Murray disse antes de sair furioso pela porta. *Pelo menos eu vou ser um agente duplo vivo. E depois de hoje todos vão pensar que você é um agente duplo morto.*

O que ele quis dizer com isso? Eu me perguntei. *Por que todos pensariam que eu era um agente duplo?*

O relógio agora marcava apenas trinta segundos.

O relógio!

Corri de volta até a bomba pra inspecioná-la de novo. Eu estava tão concentrado na fiação que não prestei atenção no cronômetro em si. Mas agora eu entendia do que Murray estava falando. Ele usou meu próprio relógio pra fazer o cronômetro.

Foi mais uma jogada insidiosa da parte dele. Ele não só planejava me matar, como também me incriminar. Depois que a bomba explodisse, o

governo enviaria uma equipe de investigação criminal pra recolher cada pedaço de entulho, por menor que fosse. E em algum lugar no meio disso, por acaso, encontrariam os restos carbonizados e retorcidos do meu relógio, o que ligaria a bomba a mim. Mais uma vez, Murray desviaria a atenção dele e faria outra pessoa parecer o bandido. Então, provavelmente, voltaria à rotina normal.

Mas havia uma coisa com a qual Murray não contava. Meu relógio era um pedaço de sucata.

Não pode ser tão simples parar a bomba, pensei. E, no entanto, só havia uma coisa que eu conseguia pensar.

Restam dez segundos.

Bati no relógio com a palma da mão aberta.

Ele congelou em 00:07.

Passei os sete segundos seguintes em agonia, temendo que o cronômetro não tivesse nada a ver com a bomba e eu seria atirado para o alto mesmo assim.

Não fui. A bomba não detonou.

— O que está acontecendo?

Virei-me e encontrei Erica sentada, segurando a cabeça, grogue.

— Agora você está consciente? — perguntei. — Você não poderia ter acordado cinco minutos atrás?

Erica observou o ambiente e percebeu o que havia acontecido. No mesmo instante, ela se levantou e voltou ao trabalho.

— Você parou a bomba? — perguntou ela.

— Acho que sim.

— Como?

— Parei o *timer* — eu disse, tentando parecer que não era grande coisa.

Erica olhou para ele e se virou para mim, impressionada.

— Bom trabalho. Embora a bomba ainda esteja ativa.

— Você sabe como desarmá-la? — perguntei.

— Claro — ela disse. — Faço isso desde os três anos.

— Eu já imaginava — disse a ela.

Erica rapidamente começou a trabalhar, tirando um alicate de corte do seu cinto de utilidades, inspecionando os fios que alimentavam o *timer*,

rastreando-os até onde se conectavam à bomba e selecionando os corretos para cortar.

Eu me afastei para dar espaço a ela.

— Como você veio parar aqui embaixo?

— Eu estava revisando as provas do Chip contra a Tina enquanto conversava com você. — Erica cortou um fio azul-marinho ao meio. — Mas não fazia muito sentido, como se alguém tivesse fingido pra fazer a Tina parecer má. E então comecei a pensar: qual era o sentido de colocar uma bomba nos túneis? Não há nada aqui embaixo que realmente valha a pena destruir... embora se você construir uma bomba grande o suficiente, como esta aqui, poderia destruir o prédio inteiro acima. — Ela cortou mais dois fios, um cor de casca de ovo e um vermelho. — E assim que pensei nisso, percebi que não havia alvo melhor do que a conferência Ômega. Então, vim aqui para ver o que eu poderia encontrar. Infelizmente, Murray me pegou de surpresa. Eu estava um pouco distraída com aquela conversa que você e seu amigo estavam tendo sobre mim.

Senti minhas orelhas ficarem vermelhas.

— Por que você não me disse o que estava fazendo? Eu poderia ter ajudado.

— Acho que sou convencida demais. Você me conhece e sabe do meu complexo de heroína. — Erica cortou um emaranhado de fios fúcsia e soltou um suspiro de alívio. — Lá vamos nós. A bomba não está mais energizada. — Para provar, ela deu um tapinha no C-4.

Eu me encolhi por reflexo, mas Erica estava certa. Sem a carga conectada, era tão perigoso quanto massinha de modelar.

Então, Erica arrancou um punhado de explosivo e foi em direção à porta.

— O que está fazendo? — perguntei.

— Você quer sair daqui ou não? — Ela enfiou o explosivo na fresta ao redor da fechadura, atravessou a sala de costas e levantou a barra da calça, revelando um coldre preso nela.

Olhei para a arma presa nela.

— Teria sido bom se eu soubesse disso quando Murray estava aqui.

— Por quê? Ele tentou te matar?

— Hã... não. Ele me ofereceu um emprego.

Erica se virou para mim, surpresa.

— Interessante. — Então, apontou para trás da fornalha.

— Talvez você queira se proteger.

Eu me escondi. Ela se aproximou de mim e disparou o c-4 em volta da fechadura.

Houve uma explosão. Quando espiei por trás da fornalha novamente, a porta estava aberta, com um buraco do tamanho de uma bala de canhão onde antes ficava a fechadura.

— Vamos lá — disse Erica, correndo para o corredor. — Antes que Murray escape.

Eu a segui logo atrás.

— Quer dizer que quer minha ajuda?

— Eu diria que você provou seu valor hoje. — Erica tirou um rádio do bolso, mais uma coisa que teria sido bom saber que ela tinha, e falou nele. — Pai, sou eu. Tem uma bomba na sala da fornalha, embaixo da biblioteca... Nossa! Não precisa entrar em pânico. Ela foi neutralizada. Mas alguém precisa descer até lá e removê-la. Ben e eu estamos no segundo andar do subsolo, perseguindo o espião. O nome dele é Murray Hill... Não, eu não suspeitava dele... Porque não, é por isso. Não é hora de discutir minhas habilidades de análise. Vou desligar agora. — Ela desligou o rádio e deu um suspiro. — Pais. É bom nem começar a falar deles.

— Alguma ideia de onde Murray está? — perguntei.

— Não exatamente. Mas aposto que ainda está no *campus*. Um bom informante não fugiria antes da bomba explodir. Isso pareceria suspeito. Mas agora o nosso alvo sabe que tem algo errado. A bomba não detonou, o que significa que você e eu ainda estamos vivos e sabemos quem ele é. Agora ele precisa fugir. Mas ele só sabe disso há... — Erica olhou para o relógio.

— Três minutos e treze segundos — eu disse.

— Certo. Então, só precisamos verificar as câmeras.

Chegamos à sala de segurança de onde eu havia sido sequestrado no dia anterior. A porta ainda continuava fora das dobradiças. Uma equipe da manutenção estava a consertando. Erica passou pelo buraco onde a porta

estava e congelou.

— Que loucura.

O sistema de segurança estava inoperante, com todos os monitores pretos. Um dos agentes que o controlava folheava freneticamente o manual do usuário. O outro estava ao telefone, na espera com o suporte técnico.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Erica.

— Acabou de cair — disse o agente com o manual.

— Há cerca de três minutos e quinze segundos? — perguntei. A surpresa no rosto dele foi toda a resposta de que precisávamos.

— Murray! — Erica e eu dissemos ao mesmo tempo.

Erica chutou uma lata de lixo com raiva.

— Este lugar tem mais de um milhão de metros quadrados, e ele tem uma vantagem enorme. Nunca o encontraremos sem as câmeras.

— Não necessariamente — eu disse. — Você tem um celular?

CAPÍTULO XXV

Captura

Campo de Treinamento da Academia

10 de fevereiro

13:40 horas

Uma das vantagens de se ter talento para a matemática é que você nunca esquece um número de telefone. Liguei para Zoe primeiro, porque ela sempre sabia de tudo o que acontecia. Ela atendeu no terceiro toque.

— Alô? — Era hora do almoço e eu podia ouvir a cacofonia habitual do refeitório ao seu redor.

— Zoe, é o Ben.

— Cortina de Fumaça! Onde você estava? Perdeu uma palestra incrível sobre guerra psicológica hoje.

— Você viu Murray nos últimos minutos?

Erica me conduziu por um lance de escadas e por uma porta secreta para sairmos atrás de uma prateleira de armas no arsenal. Greg Hauser, que trabalhava no balcão de verificação de armas, acordou de repente e tentou fingir que não tinha tirado um cochilo no trabalho, mesmo com um fio de baba escorrendo pelo canto da boca.

— Por que você está procurando o Murray? — perguntou Zoe.

— Porque ele é o informante! — contei a ela.

— De jeito nenhum. Ele é muito preguiçoso.

— É tudo fachada. Ele acabou de tentar explodir o Edifício Hale e agora está fugindo. Você sabe onde ele está?

— Eu não o vi, mas... espera. — Ouvi Zoe gritar a plenos pulmões: — Alguém viu o Murray? — Alguém respondeu gritando, e então Zoe voltou ao telefone. — O Faixa Preta disse que viu Murray saindo do Bushnell Hall dois minutos atrás, indo em direção ao campo de treinamento.

Isso fazia sentido. O campo ficava na direção oposta ao portão principal, que tinha a segurança mais alta. Murray provavelmente estava querendo se esgueirar pela floresta e pular o muro.

— Campo de treinamento — repassei a informação a Erica.

Erica já tinha pegado dois fuzis m16 do suporte. Ela jogou um para mim junto com dois pentes extras de munição.

— Vamos!

— Esperem! — Hauser protestou. — Vocês não podem levar isso sem preencher um Formulário de Solicitação de Arma Semiautomática H-33!

— Estamos caçando um espião — eu disse. — Quebra essa.

— Sério? — Hauser parecia uma criança que tinha acabado de ganhar um cachorrinho. — Que demais!

Erica franziu a testa pra mim, mas não perdeu tempo discutindo. Ela simplesmente saiu correndo pela porta e eu a segui. Atrás de nós, podíamos ouvir Hauser se esforçando para pegar uma arma.

Voltei ao telefone.

— Zoe, reúna todo mundo que puder e vá pro campo de treinamento. Precisamos encontrar o Murray antes que ele fuja.

— Já estamos nos mobilizando — ela disse. — Atirar para matar?

— Hã... acho que não é necessário — respondi. — Talvez só atirar pra mancar.

Erica disparou pelo pátio. Precisei de todas as minhas forças pra acompanhá-la. Ela respirava sem nenhuma dificuldade.

— Quer convidar mais alguém para a festa? — ela me repreendeu. — Sua avó, talvez?

— Não conseguimos cobrir um milhão de metros quadrados sozinhos — ofeguei. — Quanto mais olhos tivermos aqui, melhor.

Erica tentou me lançar um olhar de desaprovação, mas percebi que ela sabia que eu estava certo.

Do outro lado do pátio, as portas do refeitório se abriram. Alunos saíram correndo em direção ao campo de treinamento. As tropas haviam se mobilizado às pressas. Mas, como aquele era o primeiro chamado à ação num *campus* cheio de aspirantes a espiões, isso não era realmente surpreendente.

No entanto, Erica e eu estávamos bem à frente dos outros. Entramos na mata. Fazia um frio de rachar nos dois dias depois do nosso jogo de guerra e a neve que restava no chão agora estava dura feito cimento. O que significava que Murray não deixou rastros.

— Certo, gênio da matemática — disse Erica. — O Murray provavelmente está vindo de Bushnell em direção ao ponto mais próximo do muro, e ele tem dois minutos de vantagem sobre nós. Então, qual vetor nos dá a melhor chance de interceptá-lo?

Considere todas as variáveis e aponte entre norte e oeste. Erica ajustou o curso e seguiu nessa direção. Eu a segui obedientemente.

Atravessamos rápido a floresta, saltando sobre árvores caídas, desviando de galhos, derrapando no gelo. Erica permaneceu em silêncio, conservando o fôlego e a energia. Então, fiz o mesmo. Muitos dos nossos colegas não eram tão profissionais. Eu podia ouvi-los gritando e berrando enquanto passavam por entre as árvores, como se aquilo fosse uma festa e não uma missão de vida ou morte.

Chegamos à ravina onde Zoe havia me salvado dois dias antes, o que significava que estávamos nos aproximando do muro. Não vi nenhum sinal do Murray à frente. Nem uma pegada, nem um movimento, nem uma baforada branca de ar exalado no frio. Ou ele chegou mais rápido do que eu esperava ou...

Uma fileira de balas atravessou o chão aos meus pés.

— Emboscada! — Mergulhei pra me proteger atrás de um tronco.

Erica se esparramou contra uma árvore à minha frente.

— Você consegue ver onde ele está? — perguntei a ela.

— Não foi o Murray! — resmungou ela. — Foi fogo amigo! — Então ela gritou de volta pra floresta. — Parem a artilharia, seus idiotas! São a Erica e o Ben! Somos os mocinhos!

— Desculpe! — ouvi o Warren gritar. — Minha culpa!

Erica disparou mais uma vez. Quando me levantei cambaleante, entretanto, a crosta congelada de neve abaixo de mim cedeu e desabou na ravina, me levando junto. Caí de cabeça para baixo, bati num arbusto coberto de gelo e desabei no leito do riacho lá embaixo.

No cume, Erica continuou sem sequer olhar para mim. Eu sabia que

parar pra me ajudar colocaria em risco qualquer chance que ela tivesse de alcançar Murray, mas, mesmo assim, isso me deixou irritado.

Tentei me sentar, mas minha m16, que estava pendurada no meu ombro, havia se prendido em algumas pedras. Enquanto tentava inutilmente me soltar, o resto do corpo estudantil passou ruidosamente lá em cima, me deixando pra trás.

— Você está bem?

Virei-me e vi o Chip deslizando pela neve na minha direção.

— Sim, só fiquei preso — eu disse. — Como você...

— Hauser me ligou. Eu estava no campo de tiro. A Tina está fugindo?

— Chip esticou a mão atrás das minhas costas, girou a arma e me ajudou a levantar.

Enquanto eu me erguia, um quilo e meio de neve que tinha se alojado na minha jaqueta escorreu pelas minhas costas e para dentro da minha calça, congelando meu traseiro.

— Não é a Tina. É o Murray. Ele armou pra ela.

O queixo de Chip praticamente despencou.

— Murray Hill?! De jeito nenhum. Aquele cara é um completo preguiçoso.

— Não, ele é mestre em fazer as pessoas o subestimarem... — Minha voz sumiu enquanto eu assimilava minhas próprias palavras. Murray sempre desafiava nossas expectativas. Ele convenceu a todos de que era um fracasso, alimentou nossa investigação com informações falsas e jogou uns contra os outros. Toda vez que achávamos que sabíamos o que ele ia fazer, ele fazia outra coisa.

Então, uma revelação me atingiu.

— Ele não está indo pro muro! Ele voltou!

Subi a ladeira da ravina o mais rápido que pude.

— Espera! — Chip gritou. — Como você sabe?

— Eu simplesmente sei! — Não havia tempo para explicar. Eu estava apenas juntando as peças enquanto corria. Murray sabia que tinha sido visto indo para o campo de treinamento. Ora, conhecendo Murray, talvez ele até tivesse se deixado ver. Murray não era muito atlético, no entanto. Ele sabia que não tinha muita chance de chegar ao muro antes da Erica,

mas se a deixasse pensar que estava indo para lá, assim como todos os outros alunos, isso faria com que o caminho até o portão da frente ficasse escancarado. Outra distração. Tudo o que ele precisava fazer era encontrar um lugar para se esconder, esperar que todos passassem em debandada e então seguir na direção oposta.

Corri de volta pela mata. Atrás de mim, ouvi Chip convocando os outros naquele jeito peculiar dele.

— Voltem, seus idiotas! Ben disse que o Murray não foi por aí!

Bem à minha frente, entre as árvores, vislumbrei Murray descendo de um enorme carvalho. Ele também me viu, parou enquanto considerava todas as suas opções... e então fugiu como um covarde.

Quando saí da mata, ele já estava do outro lado do pátio, contornando o Edifício Hale a caminho do portão da frente.

— Murray! Pare! — Antes mesmo de perceber o que estava fazendo, tirei a arma do ombro. — Não me faça usar isto!

Murray congelou e se virou, permitindo-me ver que ele também tinha uma arma na mão. Ele mirou em mim. Quando falou, qualquer sinal de amizade que já tivesse demonstrado sumiu da sua voz. Em vez disso, era fria e desdenhosa.

— Afaste-se e me deixe ir, Ben. Você não quer duelar comigo. Sei que você não consegue acertar um celeiro dessa distância.

A adrenalina me percorreu. Meu coração martelava no peito.

— Largue a arma, Murray! Você está sob...

Murray nem me deixou terminar. Ele abriu fogo. As primeiras balas atingiram uma árvore meio metro à minha direita. Tive a chance de atirar apenas duas vezes antes de me proteger. Ao mergulhar, senti uma bala rasgar a manga da minha jaqueta e cortar meu braço esquerdo. Nenhum dos meus tiros chegou perto do Murray.

Mas eu não mirava nele. Ele estava errado sobre uma coisa. Eu poderia acertar um celeiro daquela distância. Mais precisamente, eu poderia atingir o telhado do Edifício Hale. O gelo no telhado íngreme e pontiagudo havia congelado numa crosta de vários centímetros de espessura. As duas balas que disparei a atingiram, provocando rachaduras. Alguns pequenos blocos se soltaram e escorregaram do telhado, derrubando pelo caminho uma

dúzia de enormes pingentes de gelo dos beirais.

Murray estava ocupado demais atirando em mim pra ver o que estava acontecendo. O gelo despencou quatro andares e o atingiu. Ele caiu de cara na neve, desmaiado.

Eu me levantei, segurando meu braço. Nos filmes, quando heróis são atingidos por balas, não ligam e seguem em frente, como se tivessem sido picados por um mosquito. Na vida real, dói... e muito. Era como se alguém tivesse passado um ferro em brasa pelo meu braço, e depois me socado algumas vezes, só pra garantir. Felizmente, o ferimento era superficial e não sangrava muito.

Meu coração batia tão forte que só ouvi os outros alunos quando já estavam quase em cima de mim. Chip foi o primeiro a chegar, embora todos os outros não estivessem muito atrás.

— Você eliminou o bandido? — perguntou Chip. — Legal! — Ele levantou a mão para um “toca aqui”.

— Desculpa. Não posso fazer isso agora — eu disse, apontando para meu braço ferido.

— Você levou um tiro? — Zoe estava ao meu lado, com os olhos ainda mais arregalados do que o normal. — Incrível! Você é o primeiro da nossa turma a ter uma cicatriz de batalha!

— Não fui eu que fiz isso, né? — perguntou Warren. — Quer dizer, lá na floresta, você parecia o Murray. — Ele parou e olhou boquiaberto para Murray do outro lado do pátio. — Nossa! Você matou ele!

Uma série de suspiros ecoou pela multidão.

— Ah, pelo amor de Deus, relaxa — suspirou Erica, emergindo das árvores. — Ripley não é um assassino. Murray só está inconsciente. — Ela parou ao meu lado e inspecionou meu ferimento. — Ah, isso é quase um arranhão. Você vai ficar bem. Só mantenha pressionado.

Ela olhou para o corpo caído do informante em meio a neve, pensando em tudo. Por alguns instantes, ela pareceu ser a mesma de sempre, distante, e eu me perguntei se a tinha irritado ao derrubar um bandido na frente de toda a turma quando ela que queria fazer aquilo. Mas, então, ela se virou para mim, deu um tapinha no meu ombro e sorriu.

— Bom trabalho.

Outra série de suspiros percorreu a multidão. Mas agora todos estavam reagindo à Erica. Era a primeira vez que muitos deles a viam tocar outro ser humano sem estar envolvida num combate corpo a corpo. Acho que, para muitos dos meus colegas, fazer Erica sorrir foi ainda mais impressionante do que capturar o informante.

Eu sorri de volta. Naquele instante, todas as minhas dúvidas sobre a Academia de Espionagem se dissiparam. Claro, era mal administrado, decadente e, às vezes, ameaçador, mas agora eu sentia que pertencia àquele lugar. Eu havia provado meu valor, feito amigos, conquistado o respeito da garota mais bonita que já conheci... e frustrado o plano de um gênio do crime disposto a exterminar toda a comunidade de inteligência dos Estados Unidos da América.

A escola normal não chegava aos pés disso. Pela primeira vez desde que cheguei tive a sensação de que tudo daria certo para mim lá.

Do outro lado do pátio, Alexander Hale emergiu de trás do prédio de química com uma arma em punho. Aproximou-se cautelosamente do corpo caído de Murray e cutucou-o com o pé algumas vezes para se certificar de que estava mesmo inconsciente.

Uma porta se abriu com estrondo e uma dúzia de homens em ternos e uniformes militares saíram do Edifício Hale. Reconheci o rosto vermelho do diretor entre eles.

— É o garoto que plantou a bomba? — perguntou.

— Sim, mas ele não vai mais nos causar problemas. — Alexander colocou um pé no quadril de Murray e fez uma pose dramática, como se o garoto fosse um urso-cinzentos que ele tivesse abatido. — Eu o neutralizei.

A elite da espionagem e os líderes militares reagiram com admiração. Ouviram-se gritos de *Parabéns* e *Bravo!* Alguns chegaram a aplaudir.

Alexander fez uma reverência dramática, absorvendo os elogios. Virei-me pra Erica, atordoado.

— Seu pai acabou de roubar todo o crédito pelo que eu fiz?

— Parece que sim. — Erica passou um braço amigável em volta dos meus ombros e sorriu. — Bem-vindo ao maravilhoso mundo da espionagem.

De:
Escritório de Coordenação de Inteligência
Casa Branca
Washington, D.C.

Para:
[REDACTED]
Diretor de Investigações Internas
Quartel-general da CIA
Langley, Virgínia

Documentos Secretos Anexados
Nível de Segurança AA2
Somente para seus Olhos

Após a leitura da transcrição anexa, fica evidente que temos um trabalho considerável pela frente. Parece que uma reavaliação de todo o [REDACTED], da governança da Academia de Espionagem e da própria CIA se faz necessária. É chocante e desanimador que a única pessoa em toda a comunidade de inteligência a descobrir evidências diretas da SPYDER seja um calouro na Academia. Pior ainda, um calouro que nem sequer se qualificou oficialmente para entrar. Uma investigação mais aprofundada e imediata sobre essa organização nefasta deve prosseguir a todo custo.

Para tanto, recomendo que a admissão de Benjamin Ripley na escola seja oficializada. Ele certamente mereceu. Como continua sendo um alvo da SPYDER, ele deveria receber o *status* de segurança K-24 — embora, neste momento, provavelmente seja cedo demais para informá-lo sobre a Operação Ataque Duradouro. Se ele souber que [REDACTED], provavelmente surtará. Em vez disso, permita que ele volte a acreditar que é um aluno normal da Academia, cuja vida não corre o menor perigo.

Além disso, no que diz respeito à investigação da SPYDER, recomendo a ativação imediata do [REDACTED], também conhecido como

Klondike. Estou plenamente ciente dos perigos inerentes a isso, mas tempos desesperadores exigem medidas desesperadoras. Se a SPYDER não for neutralizada em breve, isso poderá prenunciar o fim da comunidade de inteligência — e talvez até mesmo da nossa nação — como a conhecemos.

Minhas lembranças para Betty e as crianças.

[REDACTED]

Diretor de Assuntos Secretos



Editor:
Sarah Grimes

Tradução:
Leandro Luigi Del Manto

Revisão:
Angela Maziero Santana

Preparação de texto:
Danilo Carandina

Diagramação:
Virgínia Morais

Capa:
Julia Ramires Zingra

Leitura de provas:
Mariane Keiko Amano
Lidiane da Silva Ferreira Gozzo

Conselho editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Silvio Grimaldo de Camargo

Versão digital:
Érico Dorea

Escola de espiões

Stuart Gibbs

1ª edição — junho de 2026 — CEDET

Título original: *Spy School*

Copyright © 2012 by Stuart Gibbs

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Av. Comendador Aladino Selmi, 4630,

Condomínio GR2 — galpão 8

CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas (SP)

Telefone: (19) 3249-0580

E-mail: livros@cedet.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA

Gibbs, Stuart.

Escola de espões / Stuart Gibbs; Tradução de Leandro Luigi Del Manto — Campinas, SP: Papillon Edições, 2026.

Dados eletrônicos (1 ePub).

ISBN 978-65-8376-340-2

1. Literatura infanto-juvenil.

I. Título. II. Autor.

CDD 808.899282

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Literatura infanto-juvenil — 808.899282

EDIÇÕES PAPILLON — www.edicoespapillon.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.